

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**COMO SE VIVE DE ATLETISMO:  
um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para  
as configurações esportivas**

**Carlos Fabre Miranda**

**Porto Alegre**

**2007**

**CARLOS FABRE MIRANDA**

**COMO SE VIVE DE ATLETISMO:  
um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para  
as configurações esportivas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

PORTO ALEGRE

2007

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha querida Michelle, pelo amor, carinho e paciência neste final de dissertação, quando, mesmo presente, encontrava-me distante. Nestes anos, as coisas simples que compartilhamos têm sido tão significativas, e meu desejo é que superemos juntos desafios cada vez maiores. Te amo!

Dedico também à minha mãe Eleonora, meu pai Carlos e meu irmão Juan pela educação e incentivos incondicionais.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, fundamentalmente, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituição na qual realizei minha formação acadêmica, em especial à Escola de Educação Física (ESEF) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), e a todos os colegas, mestres e amigos que participaram destes últimos dez anos inesquecíveis em minha vida acadêmica e pessoal.

O atletismo, mesmo sendo um esporte individual, se constrói e acontece em conjunto. Agradeço aos meus treinadores Carlos Ernani Macedo e Pedro Henrique Toledo, bem como àqueles que além de aprimorar um simples gesto esportivo, foram exemplos que espero seguir com a mesma atenção e carinho compartilhados na pista em meu período como atleta. Tenho muita admiração e respeito por vocês. Agradeço também àqueles que vislumbraram desafios no atletismo e espero que levem boas lembranças dos momentos que passamos juntos, obrigado: Ânderson, Pâmela, Lênin, Daniel, Paula, Bruna, Chico, Juliano, Deda, Amandinha, Zambo, Max, Geverton, Thalin, Fernandinha, Gustavo, Elias, Grazi, Isa, Bruno e outros atletas que tive o privilégio de orientar em momentos especiais de suas vidas. Entre estes e outros, destaco Anna Paula Magalhães, Josiane Bica e Douglas Erhart. Se atletismo é feito de superação diária, e vocês superam mais que marcas pessoais, recordes ou adversários, superam as dificuldades em se levar o atletismo “a sério”. Sucessos em suas vidas, e não guardem só as medalhas, mas as amizades e a rica experiência que este esporte proporciona.

Outras pessoas importantes, além de adversários e colegas de treino, são amigos que fiz em diferentes momentos, destacando-se a amizade de Felipe Garcia, Ramão, Chan Hay, Vinícius, Diego Marques, Arataca, Jorge Peçanha, Marquinhos, André Schiling, Martina, Remião, Jorge Teixeira, Leonardo Ribas, Birigui e tantos outros presentes ao longo destes anos.

Gostaria de agradecer também ao S. C. Ulbra, instituição à qual estive vinculado profissionalmente durante cinco anos e meio. Além de iniciar minha trajetória profissional, parte deste estudo foi possível pelos acessos que tive neste período. Se minha trajetória teve muitos êxitos, a estrutura e investimento feitos em mim e nos atletas que treinei foram indispensáveis. Agradeço a todos os gerentes, supervisores, pessoal do departamento de saúde do esporte, da assessoria de imprensa, colegas treinadores e todos com quem vivi intensos momentos ligados ao atletismo e ao esporte de maneira geral. Foi uma grande oportunidade e um privilégio compartilhar a felicidade de tantos sucessos.

A SOGIPA é outra instituição que gostaria de agradecer por ser onde dei meus primeiros passos no atletismo, como um jovem curioso que encontrou no arremesso de peso e demais lançamentos motivação para um envolvimento intenso com o atletismo e vislumbrando novos desafios que se materializam como este trabalho e na escolha da Educação Física como profissão.

Outras instituições como a Federação de Atletismo do Rio Grande do Sul (FAERGS), e a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), além de serem referências para homologar records, oportunizam condições para que o atletismo aconteça efetivamente, mantendo “vivo” este esporte. As convocações como treinador de seleções gaúchas e seleção brasileira foram momentos importantes também para as reflexões deste estudo.

Aos amigos recentes do Colégio de Aplicação da UFRGS, alunos, professores e funcionários. Mesmo sendo recente e por um tempo determinado, esta experiência tem sido intensa e especial.

Aos fóruns de debate promovidos pelo Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE), Congressos de História da Educação Física, Fóruns Olímpicos e outros momentos de troca de idéias e críticas sempre com contribuições e importantes.

Ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), pelas horas conjuntas debruçadas em autores que buscam dar conta de nossas inquietações. Aos amigos Raphael Borges, Billy Graeff, Fernando Rieth, Luis Eduardo Thomassim, Ileana Wenez, Julio Perciúncula, Raquel da Silveira, Eliane Blessmann, Ana Cecília Reckziegel, Fernando González, Leandro Forell e bolsistas que me fazem sentir parte de algo importante. As contribuições de todos foram significativas neste e em outros projetos. A convivência em grupo em alguns momentos não é uma tarefa fácil, mas tenho crescido e aprendido muito com vocês.

Um agradecimento especial ao meu orientador, professor Marco Paulo Stigger, pelo comprometimento, pela competência e pela dedicação com que acompanhou este trabalho.

Obrigado a todos!

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo realizar uma interpretação sociológica sobre a modalidade de atletismo e compreender “como se vive de atletismo” no Rio Grande do Sul. Para tanto, a compreensão das diferentes relações entre amadorismo e profissionalismo no esporte estão presentes nos nossos questionamentos. Entre outras questões, a contratação e a formação de atletas no Rio Grande do Sul, a identificação dos agentes e a descrição do *establishment* gaúcho são alguns dos temas a serem aprofundados, assim como as diferenças entre *Pratas da Casa* e *Estrangeiros* parece importante neste processo. O entendimento maior sobre o esporte e neste contexto o atletismo passa pela compreensão sobre a história do atletismo buscando uma ambientação para inserir o leitor no universo do atletismo de pista. Por entender que o tema amadorismo e profissionalismo perpassam pela compreensão de como os agentes encaram o atletismo sendo algo “sério”, aprofundo a descrição de como este conflito se apresenta no campo dos esportes e em especial no atletismo. Apresento autores que descrevem como foi a “passagem” do amadorismo para profissionalismo nas modalidades de futebol, e voleibol. Estas mudanças influenciaram o esporte a se consolidar como um importante campo social contemporâneo. Estas considerações contribuem para a compreensão de como se “vive de atletismo” no estado do Rio Grande do Sul. O embasamento teórico se aproximou da teoria configuracional de Norbert Elias, entendendo que as configurações permitem compreender a complexidade das relações e das interdependências no atletismo, contribuindo assim para a compreensão dos esportes individuais e de forma geral.

**Palavras-chave:** atletismo; sociologia do esporte; amadorismo; profissionalismo; configurações.

## RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo realizar una interpretación sociológica sobre la modalidad de atletismo y comprender "como se vive de atletismo" en Rio Grande do Sul. Para tanto la comprensión de las diferentes relaciones entre amadorismo y profesionalismo en el deporte están presentes en los nuestros cuestionamientos. Entre otras, cuestiones, la contratación y la formación de atletas en Rio Grande do Sul, la identificación de los agentes y la descripción del *establishment* gaúcho son algunos de los temas a ser profundizados. Así como las diferencias entre *Platas de la Casa* y *Extranjeros* parece importante en este proceso. El entendimiento mayor sobre el deporte y en este contexto el atletismo pasa por la comprensión sobre la historia del atletismo buscando una ambientación para inserir el lector en el universo del atletismo de pista. Por entender que el tema amadorismo y profesionalismo atraviesan por la comprensión de como los agentes encaran el atletismo siendo algo "serio", profundizo la descripción de como este conflicto se presenta en el campo de los deportes y en especial en el atletismo. Presento autores que describen como fue el "pasaje" del amadorismo para profesionalismo en las modalidades de fútbol, y voley. Estes cambios influenciaron el deporte a consolidarse como un importante campo social contemporáneo. Estas consideraciones contribuyen para la comprensión de como se "vive de atletismo" en el estado de Rio Grande do Sul. Las bases teóricas se aproximaron de la teoría configuracional de Norbert Elias, entendiendo que las configuraciones permiten comprender la complejidad de las relaciones y de las interdependencias en el atletismo, contribuyendo así para la comprensión de los deportes individuales y de forma general.

**Palabras-clave:** atletismo; sociología del deporte; amadorismo; profesionalismo; configuraciones.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1</b> – Imagem de uma das primeiras competições de atletismo, no campo de São João em 1926 .....	18
<b>Ilustração 2</b> – Vista panorâmica atual da SOGIPA, com destaque para a pista atlética	19
<b>Ilustração 3</b> – Público na etapa do GP de Fortaleza 2006 .....	43
<b>Ilustração 4</b> – Torcida da BM&F no Troféu Brasil 2006 .....	43
<b>Ilustração 5</b> – Atleta Claudinei Quirino após cruzar a linha de chegada com o adesivo no peito de seu patrocinador pessoal .....	45
<b>Ilustração 6</b> – Antiga logomarca da IAAF .....	75
<b>Ilustração 7</b> – Nova logomarca da IAAF .....	75
<b>Ilustração 8</b> – Atletas ostentam a sua premiação “em ouro” na <i>Golgen League</i> .....	77
<b>Ilustração 9</b> – Atletas ostentam a sua premiação “em ouro” na <i>Golgen League</i> .....	78
<b>Ilustração 10</b> – Cartaz de divulgação a “Festa do Salto com Vara” .....	85
<b>Ilustração 11</b> – Dados combinados da CBAAt e do COB .....	101
<b>Ilustração 12</b> – Destaque do <i>site</i> UNISC .....	102
<b>Ilustração 13</b> – Entrevista .....	105



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 ENTENDENDO O ATLETISMO: UM ESPORTE ENTRE OUTROS .....</b>	<b>13</b>
1.1 Compreendendo a consolidação do atletismo e de suas instituições .....	13
1.2 Corridas de rua: o atletismo fora das pistas .....	21
1.3 O atletismo (de pista) .....	26
1.4 Representando clubes, cidades, estados e países: relações de pertencimento dos atletas .....	28
<b>2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMADORISMO E O PROFISSIONALISMO NO ESPORTE E NO ATLETISMO .....</b>	<b>35</b>
2.1 Conceitos de amadorismo, valores morais e recompensas financeiras .....	35
2.2 As viradas do futebol e do voleibol no Brasil .....	40
2.3 O esporte como um espetáculo e negócio .....	42
<b>3 PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>47</b>
3.1 Buscando um olhar configuracional para o atletismo .....	47
3.2 Problema de pesquisa .....	50
<b>4 COMO FOI REALIZADO O TRABALHO .....</b>	<b>52</b>
<b>5 O VIVER DE ATLETISMO .....</b>	<b>61</b>
5.1 Atletas amadores, relato dos casos envolvendo o atletismo .....	61
5.2 Competições quentes, em busca de índices e acessos importantes .....	66
5.3 O atletismo, um esporte que resiste ao profissionalismo .....	73
5.4 Esforços e estratégias para se “viver de atletismo”, um esporte encarado como meio de se levar a vida .....	84
<b>6 PROCESSO(S) DE ESTABELECIMENTO NO ATLETISMO, CONSTITUIÇÃO DE REDES DE INTERESSES .....</b>	<b>91</b>
6.1 Relação treinadores e atletas .....	91
6.2 A dinâmica social dos “Pratas da Casa” e dos “Estrangeiros” .....	98
6.3 O <i>establishment</i> gaúcho .....	106
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>123</b>
ANEXO A – Provas oficiais do atletismo .....	124
ANEXO B – Juramento do atleta .....	125
ANEXO C – Saudação da FARG .....	126
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>127</b>
APÊNDICE A – Equipes Vencedoras dos Campeonatos Estaduais de Atletismo ..	128
APÊNDICE B – Equipes Vencedoras do Troféu Brasil de Atletismo .....	131

<b>APÊNDICE C – Roteiro das entrevistas .....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE E – Transcrição de uma entrevista .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE F – Transcrição de uma entrevista .....</b>	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

Ao escolher o atletismo como objeto de estudo, constatou-se uma necessidade de melhor compreender um esporte no qual se estava plenamente inserido na condição de atleta e, posteriormente, de treinador.

Na condição de treinador de uma das principais equipes de atletismo do Rio Grande do Sul e do Brasil é que as observações foram realizadas, bem como a inserção no campo, e que uma parte significativa dos dados que aqui se encontram surgiram. O atletismo fazia parte do cotidiano, e o envolvimento com ele era intenso, pois, além de competições, que ocorriam quase todos os finais de semana, também existiam viagens com a equipe, seleções gaúchas e outras delegações. Estas experiências foram determinantes, e determinantes para compartilhar uma trajetória esportiva vinculada a preocupações acadêmicas, e contribuir com o entendimento do atletismo como campo social no qual as relações entre pessoas se confrontam e auxiliam no entendimento do campo dos esportes de maneira geral.

Mesmo se tratando de um esporte individual, a convivência que os atletas mantêm por um longo período com seus treinadores, com os colegas de provas, colegas de equipe e adversários fazem dele um local onde as relações acontecem.

Além das relações interpessoais, a relação desses agentes com as instituições específicas do atletismo e do sistema esportivo formal – como equipes, federações estaduais, confederações nacionais e outros – também será explorada neste estudo. Assim, por acreditar que nestas relações se encontram os elementos que são determinantes para o entendimento do atletismo, foi na análise configuracional que este trabalho se apoiou, buscando um embasamento para compreender as interdependências entre agentes e instituições. Isto significa ir além de outros envolvimento que extrapolavam aquilo que acontecia na pista, mas estava presente também na vida pessoal. As dúvidas e as questões apresentadas são uma tentativa de compreender e traduzir algumas “confusões” que estavam presentes no dia-a-dia da pista e dos espaços relacionados para uma linguagem acadêmica.

Foi com este “pano de fundo” que, neste trabalho, buscou-se compreender o atletismo com o olhar baseado nas configurações, para assim contribuir no entendimento do esporte

como uma questão sociológica, identificando e compreendendo as relações de interdependência deste. Tal objetivo se pautou em um conjunto de questionamentos que tiveram como norte a seguinte questão: Quais são e como são as diferentes maneiras que os atletas encontram para ‘viver de atletismo’?

A largada ocorreu no primeiro capítulo, com o objetivo de compreender o atletismo no universo dos esportes. Para tanto, foi feito um breve resgate histórico, buscando não simplesmente apontar fatos e atletas importantes, mas trazer elementos que podem contribuir no entendimento de como o atletismo se consolidou como um esporte moderno. Outro tópico deste capítulo inicial buscou entender um pouco melhor as corridas de rua, que, além de um fenômeno social integrante do atletismo, são o que se pode chamar de “um caso à parte”, por não estarem inseridas no atletismo de pista e campo, mas serem importantes para o seu entendimento. Assim, o atletismo de pista e campo será brevemente descrito em sua estrutura e funcionamento, e, ainda, um tópico considerado como importante para entender o pertencimento dos atletas no atletismo refere-se à descrição e compreensão sobre quem os atletas representam no atletismo, descrevendo as equipes, seleções gaúchas, brasileiras e outras.

O segundo capítulo aborda três temas importantes para a apresentação posterior do problema. O estudo do amadorismo e do profissionalismo se mostra indispensável no entendimento de como o atletismo se constituiu como esporte e como algumas destas tensões são apresentadas. Neste sentido, a forma como as principais modalidades coletivas praticadas no Brasil, o futebol e o voleibol “viraram” do amadorismo para o profissionalismo também será abordada, assim como será desenvolvida uma breve reflexão inicial sobre o esporte como espetáculo e negócio.

A partir da exposição procedida nos dois primeiros capítulos, o terceiro capítulo apresenta o problema da pesquisa para responder a uma grande pergunta que se apresenta inclusive no título do trabalho: Quais são e como são as diferentes maneiras que os atletas encontram para ‘viver de atletismo’? Além desta pergunta, apresenta-se, neste tópico, o principal referencial teórico que fundamenta este trabalho, que é a teoria configuracional de Norbert Elias e a tentativa de buscar um olhar configuracional para o atletismo nesta perspectiva.

A maneira como foi realizado o trabalho é detalhada no quarto capítulo, descrevendo como foram feitas as coletas de informações e apresentando uma breve descrição dos entrevistados e a classificação feita para os documentos consultados.

O quinto capítulo apresenta relato de casos envolvendo tensões entre amadorismo e profissionalismo no atletismo, especificamente. Estes relatos ilustram alguns dos temas trazidos anteriormente no segundo capítulo. Em um próximo tópico, são descritas as “competições quentes” como os grandes objetivos dos atletas e que inserem o atletismo em uma configuração ampliada, com a realização de etapas do circuito mundial de grandes competições. Dá-se atenção ao Troféu Brasil de Atletismo, que é o grande evento envolvendo equipes e que representa, para aqueles que querem encontrar no atletismo uma maneira de levar a vida, uma referência para se ter bons resultados e assim ser reconhecido neste universo. Algumas considerações sobre a resistência do atletismo quanto ao profissionalismo e os motivos que levam a profissionalização dos atletas a ser mais tardia em relação com outros esportes também são apontadas. Neste capítulo também são apresentados esforços e estratégias para se “viver de atletismo”, apontando, assim, como são importantes as bolsas de estudo e os outros benefícios oferecidos para os atletas, bem como são abordados os programas que a Caixa, patrocinadora da Comissão Brasileira de Atletismo (CBAt), oferece para quem tem sucesso no atletismo, e outros assuntos relacionados a este tema.

O sexto e último capítulo apresenta pontos importantes nesta caminhada sociológica, relacionando as configurações e o atletismo. O primeiro ponto é descrever a relação entre treinadores e atletas, tendo esta como uma das relações de interdependências mais significativas nas observações realizadas. Também é abordada a dinâmica social dos “Pratas da Casa” e dos “Estrangeiros”, que aproxima o contexto do recrutamento de atletas identificado no atletismo com a identidade social apresentada por Norbert Elias em seu livro “Estabelecidos e *Outsiders*” (2000). Este tema leva à descrição do *establishment* gaúcho e os desdobramentos de algumas das relações presentes no atletismo considerando este contexto.

## **1 ENTENDENDO O ATLETISMO, UM ESPORTE ENTRE OUTROS**

No momento em que são feitas algumas escolhas, deixa-se de fora uma série de possibilidades, e este capítulo introdutório é apresentado para oferecer um panorama geral sobre o atletismo. Esta “ambientação” objetiva trazer para este texto elementos que permitam uma visão, ainda que restrita, sobre este esporte individual, e que, independente da importância que possa vir a ter no campo dos esportes, está presente em muitos espetáculos esportivos e representa um recorte relevante deste universo dos esportes. Como o título do trabalho refere, busca-se entender como “se vive” de atletismo, com o olhar voltado para as configurações, verificando-se as relações entre esportes amadores e profissionais. Este momento inicial serve para apresentar o atletismo.

A intenção nesta apresentação não é apontar quais são as regras ou quais são os principais atletas, equipes etc., mesmo que algum conhecimento sobre estes assuntos seja importante e de relevância. O objetivo é mostrar por que o atletismo é um esporte interessante de ser compreendido com um olhar debruçado sobre as ciências sociais, em especial a sociologia do esporte e, mais particularmente, a teoria configuracional de Norbert Elias.

### **1.1 Compreendendo a consolidação do atletismo e de suas instituições**

Compreender alguns caminhos que fizeram do atletismo um esporte com relevância no universo dos esportes é importante para um olhar sociológico, que é a proposta deste estudo. Para entender a seriedade com que este esporte é encarado por muitos na atualidade, pretende-se agora resgatar um pouco a história, para compreender a consolidação do atletismo, com a intenção de trazer elementos encontrados na literatura e confrontando com algumas informações iniciais surgidas durante as observações e as entrevistas.

É importante salientar que cada modalidade (corridas, saltos, arremesso e lançamentos) possui a sua trajetória, com suas origens e mudanças. Poderia se apontar, de início, dois períodos históricos destacados, nos quais algumas manifestações similares ao que hoje é conhecido como atletismo emergiram para constituírem o atletismo atual. Mesmo

aceitando que o atletismo se tornou esporte no contexto inglês do século XIX, é relevante citar rapidamente alguns elementos relacionados com outro contexto na Antigüidade clássica. É importante salientar que, ao apresentar os elementos sobre a Grécia Antiga, está se apontando de onde surgiram algumas práticas que são semelhantes e que podem até ter inspirado algumas das provas do atletismo atual, mas que se distanciam em aspectos determinantes desse esporte.

Feitas estas considerações, importa mencionar que a Grécia Antiga é apresentada muitas vezes como o local onde já, sete séculos antes de Cristo, manifestações que seriam similares às provas de atletismo teriam surgido. Provas como o lançamento de disco, corridas e saltos eram disputadas, contudo sem as mesmas finalidades e sentidos com que hoje são praticadas. Guttmann (1978) faz uma análise sobre a presença e a ausência de sete características do esporte em diferentes períodos históricos e descreve bem estas manifestações vinculadas ao sagrado que ocorriam na Grécia, chamando inclusive estes de “jogos coroados”<sup>1</sup> e definindo-os como: “festivais sagrados e eventos atléticos eram comumente dotados de significância religiosa” (p. 23). Com isto, tem-se mais diferenças que semelhanças entre o “atletismo” e estes eventos atléticos praticados na Grécia Antiga.

É na Inglaterra Vitoriana que se sustenta a emergência das práticas que hoje constituem o atletismo. Um dos argumentos que embasa esta escolha é que a Inglaterra e outros países, como Irlanda e Escócia, que fazem parte da ilha da Grã-Bretanha, foram decisivos na definição do atletismo como esporte na atualidade. Dunning e Sheard (2005) e Elias e Dunning (1992) salientam que a Inglaterra, além da primeira nação industrializada, foi também a primeira nação esportivizada, onde o críquete, as corridas de cavalo, o tênis, o boxe, o rúgbi, o futebol, a caça à raposa e o atletismo foram manifestações esportivas, que rapidamente se espalharam pelo mundo.

Analisando a etimologia da palavra “atleta”<sup>2</sup>, percebe-se que é um adjetivo de dois gêneros, significando “aquele que pratica esporte” (não necessariamente o atletismo) e também no sentido de “forte e robusto”, com origens gregas e derivações latinas. Já “atletismo” teria origens na palavra francesa *athlétisme*. Na consulta à literatura inglesa, a

---

<sup>1</sup> Faz-se esta referência porque o vencedores recebiam coroas de louro, oliva e outros vegetais nos diferentes jogos.

<sup>2</sup> Consulta ao Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Antônio Geraldo da Cunha.

palavra *athletic* aparece nas leituras referentes à Inglaterra e *track and field* (tradução de pista e campo) para consultas a fontes norte-americanas. Esta análise se presta a mostrar como a palavra *athletic* se relaciona com a formação de equipes.

Para se marcar momentos importantes da história do atletismo ou de outros fenômenos sociais, é usual que a data de fundação das instituições seja uma referência importante. Nesse contexto, a Federação Internacional de Associações Atléticas (IAAF)<sup>3</sup> é o órgão que dirige o atletismo em plano global. Ela foi criada em 1912, e a sua fundação ocorreu durante os Jogos Olímpicos de Estocolmo, na Suécia, o que demonstra uma forte relação do atletismo com o Movimento Olímpico.<sup>4</sup> A IAAF foi criada por dezessete federações nacionais para atender à necessidade da organização de um programa atlético que abrangesse todas as provas do atletismo. Com isto, uma standardização dos equipamentos técnicos e dos recordes mundiais foi feita. Sobre este fato, quando Guttmann (1978) relata a característica da quantificação nos esportes modernos, questiona se teria sido por coincidência que o fundador da IAAF, Sigfrid Edstrom, tenha sido um engenheiro. Ainda sobre a IAAF, é relevante citar, segundo Simson e Jennings (1992), que o italiano Primo Nebiolo, seu ex-Presidente, faria parte de um *establishment* internacional (junto com Juan Samarancha e João Havelange), que seria uma oligarquia que se perpetua e que transformou o esporte mundial num veículo do lucro privado. Atualmente, a IAAF possui sede em Mônaco e é presidida pelo senegalês Lamine Diack.

No Brasil, a modalidade de atletismo fazia parte do Departamento de Desportos Terrestres da Confederação Brasileira de Desportos (CBD)<sup>5</sup> e com a separação do atletismo, foi criada no Rio de Janeiro a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt). Segundo informações obtidas na própria Confederação, a entidade começou a funcionar efetivamente em 1.º de janeiro de 1979. Em 1994, por decisão da Assembléia Geral, a sede foi transferida do Rio de Janeiro para Manaus. Atualmente, a CBAt tem como Presidente o amazonense Roberto Gesta de Melo, eleito em janeiro de 1987.

No Rio Grande do Sul, a entidade regional de administração do desporto para o atletismo atualmente é a Federação de Atletismo do Estado do Rio Grande do Sul (FAERGS),

---

<sup>3</sup> Foi mantida a sigla original em inglês para Federação Internacional de Associações Atléticas, tradução de *International Association of Athletics Federations*.

<sup>4</sup> O Movimento Olímpico Internacional é responsável pelos Jogos Olímpicos e é constituído fundamentalmente pelo Comitê Olímpico Internacional – COI.

<sup>5</sup> Oficialmente, o atletismo se separou da CBD em 2 de dezembro de 1977.



que é filiada à CBAAt. Antecedendo esta estrutura atual, em 2 de fevereiro de 1925, os clubes Turner-Bund – atual Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA) –, Associação Cristã de Moços (ACM), Grêmio Foot-Boll Porto-Alegrense, Almirante Barroso, Guahyba, Clube de Regatas Porto Alegre, e o *Sport Club Eiche* (Carvalho) se reuniram e fundaram a Liga Atlética Porto Alegre (LAPA). Esta entidade não era responsável somente pela administração do atletismo, mas congregava outras modalidades praticadas na cidade de Porto Alegre. Em 1927, a LAPA passa a abranger todo o Estado do Rio Grande do Sul, denominando-se Liga Atlética Rio-Grandense (LARG).

No ano de 1941, com a regulamentação dos desportos no Brasil, através da Lei n.º 3.199/41, sancionada por Getúlio Vargas, a LARG passou a se denominar Federação Atlética Rio-Grandense (FARG). Idêntica situação ocorreu em outras federações estaduais, como a Federação Paulista de Atletismo. Segundo Mezzadri (1998), a situação política vivida no Brasil no Estado Novo era favorável para que o governo buscasse através do esporte uma projeção externa capaz de identificá-lo hegemonicamente no cenário internacional. Desta forma, sob o pretexto de adequar o país aos padrões e às exigências internacionais, o Estado estabeleceu uma estranha normatização sobre o esporte estatizante, cujo demérito é ter sufocado a liberdade e a criatividade até então presentes.

A FARG, em uma recente eleição para presidência, vivenciou uma disputa política importante, quando diversos acontecimentos inviabilizaram a manutenção desta entidade, que foi criada em 1925. Esta situação levou à fundação de uma nova entidade, a Federação de Atletismo do Estado do Rio Grande do Sul (FAERGS), que desde 2003 responde pelo atletismo gaúcho junto à CBAAt. Este fato aparentemente ocorreu em outros Estados do Brasil, como noticiado pela CBAAt em seu *site* oficial, relacionado com a Federação do Estado do Maranhão:

O Maranhão, desde o dia 30 de agosto de 2006 conta com nova federação, filiada na CBAAt: a Federação Atlética Maranhense; a nova entidade substitui a Federação de Atletismo do Maranhão que solicitou desfiliação, uma vez que, por problemas administrativos, encontrava-se sem condições de funcionamento. A nova entidade tem como Presidente José Ribamar Alves de Lima e, como vice, Wilson Araújo e Silva.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> CBAAt. Notícias. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=2002&back=S>>. Acesso em: 19 jul. 2007.

É importante deixar claro que não se está sugerindo que foram os mesmos motivos que levaram o Maranhão e o Rio Grande do Sul a criar novas entidades, mas sim que estas mudanças podem ajudar a compreender relações presentes entre as entidades que são responsáveis pelo atletismo nos estados brasileiros. Abandonar uma entidade tradicional como a FARG, criada em 1925, e assumir a FAERGS como uma nova federação é relevante, pois, no capítulo 5, sob o título “O Viver de Atletismo”, esta informação será importante para notar que o atletismo pode ser considerado em alguns momentos um esporte amador e com características que podem ser de esportes profissionais. Por hora, é importante notar que as disputas pela entidade regional no atletismo e “problemas administrativos”, como ocorreram no Maranhão, levaram à criação de uma nova entidade regional de administração do atletismo gaúcho em 2003.

Aparentemente, a FARG permaneceu sendo a instituição que comandava o atletismo, pois este não teve autonomia para criar a sua própria instituição, mantendo, então, a FARG para gerenciá-lo. Outras modalidades que faziam parte da Federação fundaram suas próprias entidades ainda na década de 50. Para exemplificar, o voleibol fundou a Federação Gaúcha de Vôlei (FGV) em setembro de 1954. O basquete se emancipou em 18 de abril de 1952, fundando então a Federação Gaúcha de Basketball (FGB). Este processo é apresentado pela FGB como resultado de disputas e com resistência dos denominados “farguianos”, que queriam manter o basquete vinculado à FARG:

A Liga Atlética mudou para FARG – Federação Atlética do Rio Grande do Sul, uma entidade que dirigia várias modalidades, como era comum na época. Em 1950 marcou uma verdadeira revolução, pois as principais modalidades esportivas começaram a criar suas próprias entidades dirigentes. Entre nós, o basketball resolveu caminhar pelas suas próprias pernas e um grupo de basqueteiros resolveu criar a Federação respectiva.

Não foi fácil, foram dois anos de luta, pois a FARG não desejava perder o controle da modalidade. Como os ‘farguianos’ eram ligados ao Correio do Povo e Folha da Tarde, a oposição criou-se no ‘Diário de Notícias’, palco das primeiras e decisivas reuniões. Aliás, o próprio noticiário em torno da Federação que nascia é bastante expressivo dessa rivalidade. FGB.<sup>7</sup>

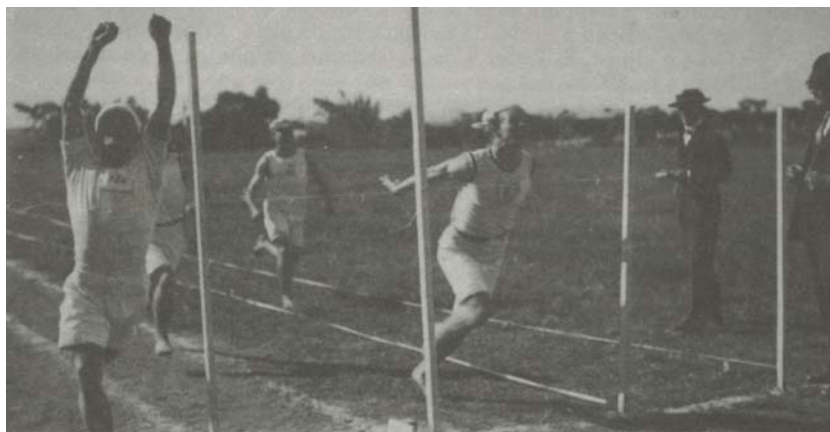
Outro momento importante e anterior à fundação da Federação Gaúcha foi a organização do atletismo na SOGIPA<sup>8</sup>. Com o crescimento da prática do atletismo no Rio Grande Sul, os professores alemães George Black e Ernst Graefe, em 19 de novembro de

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.basquetegaucho.com.br/fr\\_geral.htm](http://www.basquetegaucho.com.br/fr_geral.htm)>. Acesso em: 28 ago. 2007.

<sup>8</sup> A SOGIPA é uma referência importante, pois é uma equipe tradicional e com destaque no atletismo gaúcho há muitos anos.

1918, fundaram o Departamento de Atletismo da SOGIPA, ficando o segundo como diretor do departamento (HOFMEISTER, 1987). Esta parece ser uma referência importante a um setor que organiza a modalidade de atletismo em um clube brasileiro, visto que o atletismo na SOGIPA possui destaque até os dias de hoje, e foi um dos pioneiros em território nacional. É considerado um dos “celeiros” do atletismo, respaldado pela tradição dos seus atletas na modalidade de atletismo.

A primeira pista atlética da SOGIPA, e aparentemente uma das primeiras do estado, foi fundada em 1920 na sede São João, a qual serviu para as comemorações do centenário da independência do Brasil em 1922. Já o estádio conhecido pelo nome de um dos importantes presidentes daquele clube (José Carlos Daut)<sup>9</sup> foi inaugurado em 20 de agosto de 1944, inspirado no Estádio Olímpico de Berlim, onde ocorreram os Jogos Olímpicos de 1936. Na atualidade, existem diversas pistas no Rio Grande do Sul, tanto sintéticas (de borracha) como de piso natural, merecendo destaque às pistas sintéticas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo; Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Canoas; Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e SOGIPA, em Porto Alegre; e Serviço Social da Indústria (SESI), em Caxias do Sul.



**Ilustração 1** – Imagem de uma das primeiras competições de atletismo, no campo de São João, em 1926.  
Fonte: Hofmeister (1987, p. 108).

---

<sup>9</sup> Além de presidente da SOGIPA, Daut foi presidente da LAPA, e vereador de Porto Alegre.



**Ilustração 2** – Vista panorâmica atual da SOGIPA, com destaque para a pista atlética

Ao focar a observação e análise no atletismo gaúcho, entende-se que o recorte deste universo reduzido, possui características que inserem esta modalidade em um contexto mais abrangente. Este contexto é denominado de diferentes formas por autores como: esporte institucionalizado, sistema esportivo formal, esporte federado, esporte moderno entre outras. A denominação esporte moderno parece ser a mais adequada, nem que esta escolha seja momentânea.

O entendimento da estrutura do atletismo, que se destina este capítulo, é importante como salienta Dunning (1992, p. 302), pois na perspectiva da sociologia, um esporte ou um jogo: “é uma ‘estrutura’ ou um ‘padrão’ que um grupo de seres humanos interdependentes forma entre si”. Esta estrutura, ou de forma mais correta configuração, compreende: “1) dois indivíduos ou equipes que cooperam uma com a outra numa rivalidade mais ou menos amigável; 2) agentes de controle como árbitros; e 3) por vezes, mas nem sempre, um número maior ou menor de espectadores”.

Dunning (1992) aponta que existe uma configuração imediata, “que é formada por aqueles que participam diretamente do jogo”. Em uma configuração mais alargada compreende dois níveis, um primeiro onde se insere: “a organização do clube que escolhe as equipes e se responsabiliza por questões como o fornecimento e as facilidades do jogo”; e em um outro nível “os órgãos legislativos e administrativos que formulam as regras, asseguram e determinam os controles oficiais e organizam o quadro competitivo global”. Esta configuração faz parte também de uma configuração mais alargada, que seriam os membros da sociedade como um todo. Dunning (1992, p. 302) resume que “Em poucas palavras esporte e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto

configurações sociais”. Este autor também salienta que não existe uma dissociação entre as configurações que constituem os esportes e as configurações sociais, mas são entrelaçados e possuem interdependências sociais.

Apresento, assim, elementos que são importantes para se ter uma noção sobre o caminho que o atletismo traçou até aqui. O Rio Grande do Sul é um Estado que não pode ser apontado como uma “potência”, ou uma das grandes forças do atletismo, mas está em uma zona intermediária, ao se considerar resultados em competições entre estados e entre equipes. Mais elementos sobre as equipes, buscando compreender melhor o atletismo de pista, serão feitas em breve. No momento, pretendo trazer uma distinção importante no atletismo, que são as corridas de rua levadas a sério (ou não), que vêm crescendo muito ano a ano.

Ao voltar a minha observação para os praticantes de um esporte, nota-se que podem ser atribuídos pelas pessoas significados e sentidos distintos aquela atividade. Alguns autores, como Padiglione (1995), Damo (2005) e Stigger (2005), citam que existiriam *futebóis*, e não “um futebol”; sugere-se, então, que podem existir *atletismos* distintos. Esta definição busca simplesmente tentar dar conta de que o atletismo pode ser encarado com diferentes finalidades pelos seus praticantes. Buscando entender “como se vive” de atletismo, é necessário aprofundar os aspectos levados mais “a sério” deste esporte, como a busca por recompensas financeiras e disputas e conflitos entre amadores e profissionais. Esta polaridade entre seriedade e jogo será introduzida no próximo tópico e aprofundada no capítulo 5.

A corrida, apresentada muitas vezes como uma atividade “natural” do ser humano, pode ter significados distintos. Não estou aqui apontando que alguém que corre em casa, em uma esteira, esteja vinculado ao esporte atletismo, ou uma imagem até comum de alguém correndo em um parque também não insere esta pessoa diretamente ao universo do atletismo. Porém, quando uma pessoa toma a iniciativa de participar de competições como maratonas e rústicas e tantas outras regidas por regras e organizadas por um sistema formal, tem-se algo a discutir.

Por hora, retomo a proposta de versar sobre um panorama geral do atletismo. Assim, volto brevemente minha atenção para aquilo que não é o objeto direto desta análise, mas poderia constituir a maioria dos praticantes de atletismo: os “corredores despreocupados” (que

praticam *jogging* e *cooper*) que tomam diversos espaços urbanos das grandes cidades no Brasil e no mundo e se relacionam com o sistema que organiza o atletismo como um todo.

## 1.2 Corridas de rua: o atletismo fora das pistas

As expressões “fazer *cooper*” ou “fazer *jogging*” são usuais e foram adaptadas do vocabulário norte-americano. De maneira geral, são creditadas às corridas despreocupadas que pessoas “não atletas” fazem em parques e locais públicos. Estas corridas não possuem o objetivo de performance, ou seja, não são orientadas para o resultado, mas são encaradas como um cuidado com a saúde ou outras motivações. No entanto, é interessante algumas considerações sobre estas duas expressões (*cooper* e *jogging*), que são utilizadas muitas vezes sem critérios, são importantes para o entendimento do atletismo de pista e fazem parte daquilo que foi deixado de fora em nossas escolhas.

As corridas em ruas e parques se tornaram populares a partir do início dos anos 70 e atualmente são praticadas em parques e locais públicos.<sup>10</sup> Estas corridas são diferentes de competições realizadas em pistas, mas também contam, em muitos casos, com uma estrutura de organização que legitimam as disputas com árbitros, inscrições, premiações e todos aparatos necessários que constituem uma competição oficial. Fraga (2006) salienta que, no Brasil do início da década de 1970, “fazer *cooper*” tinha-se tornado sinônimo das corridas de resistência aeróbica e uma “grife” do condicionamento físico.

No entanto, uma distinção importante parece necessária e explicativa: o *cooper* é, na verdade, um teste de aptidão física que originalmente consistia em percorrer a maior distância possível em doze minutos. Após, a distância percorrida era comparada com tabelas que fazem uma estimativa do condicionamento das pessoas, comparando a distância percorrida e correlacionada com o  $VO_2$  máximo. O seu criador, Kenneth H. Cooper, é, além de médico, ex-coronel da força aérea norte-americana, que permitiu que o número de pessoas (militares)

---

<sup>10</sup> Alguns exemplos apontados em Porto Alegre: Parcão (parque Moinhos de Vento), Redenção (parque Farroupilha), CETE (Centro de Treinamento do Estado), Av. Beira Rio, Pista de atletismo da Escola de Educação Física da UFRGS entre outros locais.

em suas pesquisas fosse um número expressivo. Em 1968, Cooper escreveu o livro *Aerobics*, que se tornou uma referência mundial.

Mas, antes de Cooper, Willian J. Bowerman, treinador de atletismo da Universidade do Oregon, foi co-autor do livro *Jogging: A Physical Fitness Program for All Ages*.<sup>11</sup> Este livro, que se tornou um *best seller*, é resultado de uma experiência de Bowerman relatada por Katz (1997):

No início de 1964, Bill Bowerman visitou a Nova Zelândia, e ali, correndo num terreno íngreme, viu durante todo o tempo passavam por ele sem dificuldade corredores velhos, ou corredoras de meia-idade. Ele então ficou sabendo que a terceira idade tinha programas de sessões de corrida suaves. O ritmo de velocidade reduzida se chamava *jogging*. (p. 86)

Assim, quando voltou para Oregon, Bowerman começou programas para corredores que não tinham pretensões competitivas. Em 1967 (aproximadamente um ano antes de Cooper), escreveu o seu livro sobre estas “corridas despreocupadas”. Além da “invenção” do *jogging*, ou melhor, da popularização deste, este treinador viria, além de treinar trinta e um atletas olímpicos, ajudar um de seus atletas a criar um dos maiores ícones do esporte (competitivo ou não) moderno: a empresa Nike. Esta mistura das corridas de rua corresponderem a um estilo de vida saudável, com um grande mercado americano em expansão nesta área, permitiu o surgimento e a consolidação da Nike.

O crescimento das corridas de rua é um fenômeno que despertou interesse também das entidades que controlam o “atletismo de pista”. Entre outras atitudes, a IAAF (em 2004) passou a reconhecer recordes mundiais em provas de rua, estabelecendo critérios técnicos rígidos para aceitação de resultados. No Brasil, a CBAat acompanha o “pedestrianismo”<sup>12</sup> desde 1987, e criou, a partir de 2005, o Circuito Brasileiro Caixa de Corridas de Fundo em Pista, com a intenção de que corredores não permanecessem somente correndo provas de rua e as provas de fundo realizadas em pista não sofressem um êxodo de atletas e queda nos resultados. Também é recente a criação de um *ranking* por pontuação em provas de rua organizado pela CBAat, este que vêm sendo aprimorado desde sua criação em 2005, participando de etapas pelo país somando pontos durante a temporada.

---

<sup>11</sup> Que poderia ser traduzido para: Jogging: um programa de condicionamento físico para todas as idades.

<sup>12</sup> Peditrianismo é como são denomina estas provas de corrida e caminhada.

A CBAAt tem inclusive um *link* especial em seu *site* destinado às corridas de rua, onde sua importância é ressaltada:

No Brasil, o pedestrianismo é um segmento importante do atletismo. Tanto que é realizado grande número de corridas de rua em todo o território nacional, com de milhares de participantes. Várias destas provas obtêm a Permissão da CBAAt e têm os resultados homologados. Corredores brasileiros têm conseguido bons resultados em eventos de importância mundial.<sup>13</sup>

Como salientado acima, o Brasil vem se destacando em corridas de longa distância no cenário internacional. Nos últimos Jogos Olímpicos em Atenas, a única medalha conquistada pelo atletismo foi a de Vanderlei Cordeiro de Lima, que, mesmo sendo abordado e derrubado durante a prova<sup>14</sup>, conquistou a medalha de bronze. A não-desistência do corredor foi condecorada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) com a medalha Barão Pierre de Coubertin, que é destinada àqueles que valorizam a competição olímpica mais do que a vitória. Este atleta recebeu muitas condecorações e homenagens pelo seu feito, uma delas foi conduzir a bandeira brasileira na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-Americanos do RIO 2007. Além de Vanderlei, outro atleta de destaque é Marílson Gomes, que venceu a última edição da tradicional Maratona de Nova Iorque em novembro de 2006.

A Maratona de Nova Iorque faz parte das “provas míticas” de destaque em todo o mundo. Este interesse, gerado por este segmento das corridas, está presente em todo o país e possibilitou que surgissem empresas especializadas na organização dos eventos. Destaco o Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA)<sup>15</sup>, que organiza a Maratona de Porto Alegre, corrida que já está em sua 24.<sup>a</sup> edição no ano de 2007 e contou com mais de mil participantes em 2006, e a Maratona de Nova Iorque em 2006, que teve mais de 38.000 participantes na sua largada. As corridas de rua também chamaram a atenção das federações estaduais de atletismo e das secretarias municipais de esporte, que passaram a contribuir com a organização de eventos deste tipo.

---

<sup>13</sup> Disponível em <<http://www.cbat.org.br/corrída/default.asp>> acessado em 23/02/2007 às 10:05 hs.

<sup>14</sup> Vanderlei Cordeiro de Lima foi atacado à menos de 7 km do final da maratona olímpica por um fanático religioso irlandês, o ex-sacerdote Corneliys Horan.

<sup>15</sup> Clube de Corredores de Porto Alegre, criado em 20 de setembro 1981.



Alguns dados divulgados pela CBAAt pra ilustrar este fenômeno:

Nas 27 federações estaduais de atletismo, existem cerca de 500 provas registradas, sendo que só em São Paulo em 2006, cerca de 240 provas pediram o alvará para sua realização. Rio, Minas, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina devem ter cerca de 30 provas registradas por ano em cada uma destas federações. Nos últimos anos o crescimento de participantes em corridas de rua deve andar pelos 20% aa., função do maior cuidado com a saúde e orientação de ‘personal trainers’ que atuam em todas as capitais e principais cidades do interior. Acrescentaria ainda um milhão de praticantes eventuais de ‘jogging’ por algum tipo de recomendação médica, isto ocorre em todas as classes sociais, somando-se aos 600 mil que participam pelo menos uma vez ao ano em alguma corrida ou caminhada. (RODOLFO EICHLER, 2006, CBAAt)<sup>16</sup>

Buscando melhor compreender este fenômeno, Segalen (2002) aponta para uma descrição das corridas desta natureza, que eram, em sua origem, uma atividade subversiva e um espaço contemporâneo de ritualização. Descreve a autora:

Seja do ponto de vista do indivíduo, quando se entrega àquilo que, tal como a caça, a tauromania ou o futebol, é qualificado como ‘paixão’, seja do ponto de vista mais coletivo, quando se tenta compreender o que acontece numa grande concentração de corredores de longa distância (10 km, 20 km, maratonas). (p. 79).

Esta autora salienta que a corrida comum foi “libertada da pista do estádio, do espírito de competição, atraída pelos bosques e jardins das cidades, essa corrida que alguns qualificam de ‘livre’ incomodava pelo simples fato de existir” (SEGALLEN, 2002, p. 79). A autora aponta que existe uma participação elevada de executivos e empresários na qual valores como combatividade, força de vontade e desejo de superação, que são tão desejáveis no competitivo mundo dos negócios, estariam presentes de alguma forma nas corridas, além de outros como a disciplina necessária aos treinamentos. Pode-se notar tal interesse, observando que na Maratona de Porto Alegre, em 2006, além das categorias “Elite” e “Geral” que abrangem os corredores de destaque na “Elite” e pessoas normais na “Geral”, também foram disputados os revezamentos em duplas, quartetos e octetos. Nestes revezamentos, têm-se além da categoria “normal”, as categorias de “academias” e “empresas”, o que mostra um crescente interesse destes segmentos nas corridas de rua e uma preocupação em adequar esta nova demanda, aos eventos desta natureza.

---

<sup>16</sup> Disponível em <<http://www.cbat.org.br/corrída/noticias/noticia.asp?news=599>> acessado em 23/02/2007 às 10:15hs,

Para finalizar estas considerações sobre as corridas de rua, é importante salientar o grande mercado que surgiu para dar suporte a quem deseja “dar uma corridinha” ou consumir uma série de produtos deste segmento. Existe uma ascensão e crescimento de revistas especializadas em corredores como: *Superação*, *O<sub>2</sub>*, *Contra o Relógio* e a clássica *Revista Runner's World*.<sup>17</sup> Além das revistas, uma série de tecnologias permite um controle de respostas corporais, como o monitoramento da frequência cardíaca, monitoram também a localização e mensuração da distância percorrida por *Global Position Sistem* (GPS) e até mesmo acessórios para conectar *Ipods* a calçados e que permitem selecionar músicas que acompanham o ritmo da corrida, verificar distâncias, elaborar gráficos, entre outras tantas possibilidades. Assim, considerando que todos os corredores participantes de corridas de rua são praticantes de atletismo, talvez não seja exagero dizer que este esporte teria mais praticantes inclusive que o futebol, mesmo no Brasil. Este dado não foi encontrado, mas a sua importância como não pretendo aprofundar o entendimento das corridas de rua, não é indispensável.

Pelo apontado até agora, não parece ser um equívoco dizer que as corridas de rua se tornaram um fenômeno maior que o atletismo “de pista”. Considerando número de praticantes, investimentos e premiação entre outros fatores que possam ser analisados, ou seja, caso esta pesquisa fosse levada para o caminho das corridas de rua, não parece ser difícil anunciar que “viver de” corridas de rua é possível. Tal fato se deve, pois, na maioria delas existe uma premiação em dinheiro, e em algumas maratonas é necessário o pagamento de “cachês” para que os bons corredores sejam atraídos a “sair de casa” e correr pelas ruas. Para ilustrar, Marilson Gomes recebeu um prêmio de R\$ 278 mil pela vitória nas ruas de Nova Iorque, em 2006. Vanderlei Cordeiro carregou a Bandeira nacional no desfile de sete de setembro na Esplanada dos Ministérios em 2004 e recebe convites para participar somente da promoção de eventos. O treinador Gustavo apresenta um exemplo de Vanderlei, ao relatar a conversa dele com outro dirigente: “Vim assistir a conferência da Maratona de Nova Iorque, vim de dama de companhia do Vanderlei. O Vanderlei vai dar o tiro de largada da maratona, e ganhar 22 mil dólares para dar um tiro de largada numa maratona”.

---

<sup>17</sup> A revista *Runner's World* já teve uma versão brasileira.

Estes são alguns dos exemplos do prestígio que as corridas alcançaram. Se as corridas são o atletismo que saiu das pistas e tomou as ruas, propõe-se agora um retorno às pistas para verificar o que sobrou após esta separação.

### 1.3 O atletismo (de pista)

Definir o atletismo como um esporte complexo que envolve provas de pista e de campo<sup>18</sup> pode parecer desnecessário, mas auxilia a entender algumas das diversidades deste esporte. Por esta denominação geral (pista e campo), deve-se considerar que nas corridas, além das corridas rasas, estão as corridas com barreiras e obstáculos e os revezamentos. Nas provas de campo são realizados os saltos (verticais e horizontais), arremesso e lançamentos. Também são disputadas provas combinadas, a marcha atlética, o *cross country* e a corrida em montanha.<sup>19</sup> São consideradas provas oficiais do atletismo aquelas para as quais a IAAF reconhece recordes mundiais.

Uma dificuldade inicial é considerar o atletismo como um todo, um objeto único a ser observado e apreendido, pois quando se leva em conta a variedade das provas e a complexidade que envolve, além de aspectos técnicos, questões históricas e distinções entre os praticantes, notam-se mais diferenças que semelhanças. Para ilustrar, ressalta-se que algumas provas já fizeram parte do programa do atletismo, como saltos em altura e em salto em distância parado, entre outras. Apresenta-se relevante destacar que as últimas provas a fazerem parte do programa olímpico e mundial, datam do final dos anos 90. Estas provas incorporadas ao atletismo recentemente foram: o salto com vara, o salto triplo, o lançamento de martelo e a corrida de 3.000m com obstáculos, para mulheres. Anteriormente, estas provas já eram praticadas por homens, mas acreditava-se que eram provas inadequadas, e muito “duras” para os corpos femininos. Pode ser por esta inserção recente que, nestas provas, recordes mundiais são batidos com frequência.

---

<sup>18</sup> Nos Estados Unidos, o atletismo é chamado de *track and field* (pista e campo).

<sup>19</sup> No Anexo 1 estão todas as provas oficiais do atletismo.

Buscando entender melhor o que dá significado ao atletismo e o que poderia ser apontado como características que inserem este esporte em uma configuração internacional dos esportes modernos, Guttmann (1978) cita sete características dos esportes modernos, que os diferenciam dos esportes de outros momentos históricos, a saber: secularismo, igualdade, especialização de papéis, racionalização, organização burocrática, quantificação, e a busca do recorde. Em todas elas, o atletismo possui exemplos que o caracterizam como um esporte moderno, e, a seguir, se faz um exercício com alguns destes exemplos.

As regras são as mesmas para todos, mas, além das regras que universalizam este esporte, a quantificação e a racionalização que estão presentes em rotinas legitimam e homologam os resultados. Exemplos disto são a necessidade de aferição do vento<sup>20</sup> para provas de 100m e saltos horizontais (como são chamados o salto em distância e o salto triplo). A necessidade de uma cronometragem eletrônica se faz presente também no aparato necessário para se fazer uma “competição quente”. Esta é a forma como são chamadas pelos nativos as competições em que os resultados são oficiais e que valem para entrada em *ranking* e homologação de recordes. Além destes equipamentos, o que faz uma competição quente é a presença de um delegado técnico, que é um árbitro apontado pela Federação, responsável pelos aspectos técnicos da competição como um todo.

Esta breve introdução sobre as competições quentes – que serão melhor estudadas mais adiante – serve para ilustrar que nem todas as disputas são idênticas, mesmo que sejam de um atletismo que pode-se chamar de “oficial”. Algumas características diferenciam as competições como: o pagamento ou não de prêmios em dinheiro, ou bens materiais; a possibilidade de classificação para uma competição de maior importância; a relação direta com as entidades que os atletas representam; e o fato de ser um espetáculo que tem a presença de público ou transmissão televisiva.

Assim como as competições são distintas, nem todos os atletas conseguem ingressar no atletismo que faz parte do circuito internacional, este formado fundamentalmente por três competições no Brasil (chamados de Grandes Prêmios, cuja sigla é GP’s), e nas mais diversas competições em que são encontrados atletas com diferentes intenções. Alguns atletas buscam

---

<sup>20</sup> Esta é feita por um anemômetro colocado à beira da pista com um árbitro responsável só para verificar este dado. O vento tem como velocidade limite 2m/s para que o resultado seja homologado.

índices para competições “mais importantes”; outros buscam a melhora de seus resultados pessoais, que podem trazer benefícios; e alguns, só pelo fato de estarem participando, já estão “satisfeitos” e “cumprindo o seu papel”. Estes são alguns dos motivos que fazem das competições quentes um espaço em que os resultados são válidos e reconhecidos, e que insere o atletismo em uma configuração internacional.

Ao definir o atletismo gaúcho como uma configuração, focaliza-se a atenção em um estado. E esta proposta se assemelha com Damo (2005), que, em um dos capítulos de sua tese, aborda a configuração colorada (capítulo 6), cujo objetivo é fazer uma panorâmica do que vem a ser o Internacional, como um modelo de formação/produção híbrida no futebol. Poderia ser centrada a observação em uma configuração de um clube, ou outros espaços, mas acredita-se que as interdependências entre clubes e o estado do Rio Grande do Sul inserido em uma abrangência nacional trarão elementos que contribuam no entendimento deste esporte e no entendimento dos conflitos entre amadorismo e profissionalismo nos esportes.

Agora, aprofunda-se o entendimento das instituições que os atletas representam, ou seja, as equipes, federações e demais instituições do atletismo.

#### **1.4 Representando clubes, cidades, estados e países: relações de pertencimento dos atletas**

Para “viver de atletismo”, os agentes devem necessariamente representar instituições nas quais o atletismo – assim como em outros esportes – seja algo a se investir, ou de outra forma, que os resultados nas corridas, saltos e arremessos tragam algum retorno para quem está investido dinheiro – patrocinadores, por exemplo – e para quem está investindo tempo para treinamentos. Neste contexto, busca-se agora compreender as relações de pertencimento dos atletas com as diferentes instituições esportivas que se relacionam com o atletismo. Para compreender esta proposta, é importante entender como o esporte se tornou algo sério a ponto de serem organizadas competições entre países e estados, não somente de atletismo, mas de outros esportes.

Elias e Dunning (1992) demonstram o crescimento da seriedade no esporte, apontando três motivos: através das redes de interdependência; da formação do Estado; e da democratização funcional. A formação do Estado permitiu que competições entre nações motivassem e direcionassem muitas das grandes competições como Jogos Sul-americanos, Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais ou Jogos Pan-Americanos, estes últimos em evidência no corrente ano de 2007, pois foram realizados no Rio de Janeiro.

Para compreender a complexidade das questões que envolvem qual instituição os atletas representam em competições, ou seja, de quem é a camisa que eles vestem, observam-se algumas particularidades. Quando os atletas participam de competições internacionais, não estão representando sua equipe, mas, sim, uma “Seleção Brasileira”. Mesmo assim, algumas diferenças importantes se apresentam neste cenário: defender o Brasil em Campeonatos Mundiais de Atletismo, em Jogos Pan-americanos ou em Jogos Olímpicos não é a mesma coisa. As diferenças estão na entidade que administra e gerencia o esporte para aquela competição. Quando um atleta vai participar, por exemplo, dos Jogos Olímpicos, ele estará representando o Brasil através do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Quando defende o Brasil em Campeonatos Mundiais de Atletismo, ele está defendendo a CBAAt. Nesta esteira, quando um atleta defende uma “Seleção Gaúcha”, geralmente ele está representando a Federação Estadual, principalmente em Campeonatos Brasileiros de categorias Menores, Juvenil e Sub 23. Em outros casos, o atleta representa a Secretaria de Esportes ou outras entidades ligadas a um sistema esportivo que se pode chamar de secundário, pois não envolvem as principais instâncias, que seriam as federações.

O estado também está muito presente nos chamados Jogos Regionais, ou Jogos Abertos. Em alguns estados, como São Paulo, Santa Catarina e Paraná, existe um grande investimento nestes Jogos e uma tradição nas disputas que envolvem os municípios. Em determinados casos, os municípios, através das secretarias de esporte pagam “ajuda de custo” aos atletas, e esta se constitui como a principal, senão a única, fonte de renda de alguns. De maneira diferente, ocorre no Rio Grande do Sul, onde a importância de disputas municipais não aparenta ser relevante de tal forma a remunerar os atletas, ou até mesmo recrutar atletas para que estes representem os municípios nos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul (JIRGS). No Rio Grande do Sul, o atletismo não representa para os municípios um investimento relevante da mesma forma que representa para as universidades, por exemplo.

Com isto os JIRGS estão em um plano secundário em importância, ou seja, no contexto gaúcho não se constituem como uma “competição quente”, ao menos no que diz respeito ao atletismo. Um exemplo pode ser notado no ano de 2006, quando os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) coincidiram com a data dos Campeonatos Brasileiros Sub 23: como as prefeituras são quem “pagam” os atletas, a presença de atletas de Santa Catarina nos Campeonatos Brasileiros ficou reduzida e alguns com destaque participaram dos JASC. Outro exemplo foi no ano de 2006, quando a modalidade de atletismo foi retirada do programa do JIRGS, como se pode ver no trecho de um ofício da FUNDERGS (Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul), que é a instituição responsável pela organização desta competição:

Outrossim, informamos que as modalidades a serem disputadas (nos Jirgs) foram elencadas em função da participação dos 16º Jogos Abertos Brasileiros/2007, sendo retirada a modalidade de atletismo, pelo fato do Estado do Rio Grande do Sul estar punido, na mesma, visto à desistência fora do prazo estabelecido pela organização dos mesmos, na edição de 2006.<sup>21</sup>

Esta punição ocorreu por uma prática comum em competições “não tão importantes”, como aparentemente é o JIRGS, ao menos para a maioria dos praticantes de atletismo. Vale ressaltar que no momento de planificação dos treinos, quando são decididas as competições importantes da temporada, nenhum dos entrevistados (atletas e treinadores) salientou o JIRGS como um dos objetivos do ano. Isto se deve ao fato de que atletas e treinadores não têm certeza se a equipe deles vai representar a cidade nestes jogos. Esta incerteza existe também em face das “parcerias” entre equipes e prefeituras, para a participação nos JIRGS. Em alguns casos, iniciativas individuais dos atletas que residem ou treinam em pequenas cidades do interior também ocorrem, mas estas parcerias não apresentam ganhos que vão além do pagamento dos custos básicos como alimentação, hospedagem e transporte. Estes deveriam aparentemente ser de responsabilidade das prefeituras, mas a decisão pela participação (ou não) nesta competição ocorre, como foi observado, nas semanas ou dias que a antecedem. Eventuais problemas ou falta de verba acarretam punição, como a exclusão da modalidade na edição de 2006 dos JIRGS.

Com isso, é importante deixar claro que ser campeão dos JIRGS não é o mesmo que ser campeão estadual (do campeonato estadual organizado pela FAERGS). Assim, o que foi

---

<sup>21</sup> Ofício 105 /06 FUNDERGS de 11 de julho de 2006 recebido via e-mail.

apresentado até o momento sobre COB, CBAAt, seleção gaúcha e jogos intermunicipais foi com a intenção de apontar instituições que os atletas muitas vezes representam, mas que não são aquelas que os sustentam, ou seja, não são o “lugar de onde eles vivem”. Estas instituições não mantêm os atletas; no máximo, o que fazem é pagar despesas de competições, ou contribuir com o uniforme – e, muitas vezes, os atletas ficam com uma camiseta, tendo de devolver o abrigo e uniformes de competição. O grande retorno para os atletas em algumas destas competições são as eventuais medalhas que podem vir a fazer parte da “parede, ou painel de medalhas”, que alguns deles mantêm em suas casas.

Mesmo que a importância destas instituições aparentemente não seja relevante para se “viver de atletismo”, elas constituem relações institucionais importantes e mostram uma complexidade em algumas relações neste contexto.

Dito isto, destaca-se, agora, as “equipes de atletismo”, que efetivamente são onde os atletas treinam e onde o atletismo é praticado no Rio Grande do Sul. As equipes são “o lugar do atletismo”, e estas podem ser entidades das mais variadas naturezas. No atletismo serão apresentadas as equipes que estão atualmente filiadas à federação. A primeira a ser apresentada é uma sociedade que poderia ser denominada de “tradicional”. Formada a partir de imigrantes alemães, a SOGIPA fomenta a prática do atletismo desde 1918, como já foi salientado, e é a equipe que ganhou por mais vezes o Campeonato Estadual<sup>22</sup>, mantendo a segunda colocação nos campeonatos estaduais e com destaque em categorias de base desde a criação da equipe da ULBRA em 2000. A SOGIPA possui atualmente dois treinadores, mais “assistentes” e terceirizados<sup>23</sup>. O clube como um todo passa por um momento de terceirização dos seus departamentos, e o atletismo vem sofrendo grandes mudanças que impõem até que os atletas paguem para treinar.

As universidades investem de maneira significativa no atletismo no Rio Grande do Sul, e, atualmente, é nelas que estão os atletas de maior destaque deste esporte. A equipe da Universidade de Caxias do Sul (UCS) conta com uma treinadora e auxiliares, que são, em muitos casos, alunos do curso de Educação Física e atletas bolsistas. A equipe da UCS

---

<sup>22</sup> O anexo 4 mostra as equipes que já ganharam os campeonatos estaduais de atletismo.

<sup>23</sup> A terceirização do atletismo, e de outros esportes na SOGIPA, se apresenta como um fato novo, neste contexto os treinadores não mantêm mais vínculo direto com a instituição e devem registrar uma empresa. Os atletas devem pagar para treinar e os treinadores ficam com parte deste pagamento. Este processo ainda está se constituído durante finalização deste trabalho.



realizava, em anos anteriores, recrutamentos de atletas importantes de destaque nacional. Chegou a contar, em sua equipe técnica, com dois ou três treinadores cubanos, mas os investimentos no atletismo também estão diminuindo nesta instituição, assim como em outros esportes. A equipe da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) investe na formação de atletas da região e não realiza recrutamentos relevantes, priorizando os atletas da própria equipe, com recursos reduzidos se comparados a outras equipes. Conta com dois treinadores, e alguns de seus atletas possuem destaque nacional. A formação desta equipe está baseada em um treinador que se transferiu para Santa Cruz, e criou o que se pode denominar um “ambiente familiar” no atletismo, nesta instituição.

A equipe da ULBRA é a atual campeã estadual na categoria adulto, desde o ano 2000, quando quebrou uma hegemonia de quase 30 anos da SOGIPA<sup>24</sup>, e se apresenta como a “grande equipe” no Rio Grande do Sul e com destaque no Brasil. No quadro nacional, a equipe ficou com a terceira colocação no Troféu Brasil pelo terceiro ano consecutivo em 2007, além de uma parceria com Presidente Prudente em 2001, que será relatada no andamento do trabalho. A equipe da ULBRA é recente e realiza com frequência recrutamentos de atletas importantes, tendo sido criada entre 1999 e 2000, com a vinda de um importante treinador de São Paulo, Pedro Henrique Toledo<sup>25</sup>, e um pequeno grupo de atletas, agregando-se a outros praticantes de equipes gaúchas que se transferiram para a ULBRA. Atualmente, conta com um treinador e três auxiliares, que são alunos do curso de Educação Física. Já contou com seis treinadores e auxiliares em sua comissão técnica. A entrada da ULBRA no cenário do atletismo gaúcho pode-se dizer que “movimentou” este esporte, introduzindo ou explicitando práticas como recrutamento de atletas, patrocínios de empresas para a equipe, fornecimento de material esportivo, entre outras.

Algumas escolas da Rede Sinodal<sup>26</sup> possuem um caráter fundamental na formação de novos atletas no atletismo gaúcho, além de serem destaque em competições de categorias de base e em alguns casos participam também da categoria adulto. A Rede Sinodal está filiada à Federação com as seguintes equipes: Colégio Mauá (Santa Cruz do Sul), Colégio Teutônia

---

<sup>24</sup> No ano de 2000, quando a equipe da ULBRA organizou pela primeira vez uma equipe completa, com atletas em quase todas as provas, a SOGIPA não participou dos campeonatos estaduais naquele ano.

<sup>25</sup> “Pedrão”, como é conhecido, foi treinador do ex-recordista mundial do salto triplo João do Pulo, permaneceu na ULBRA até 2003.

<sup>26</sup> A Rede Sinodal é formada por escolas evangélicas, fundamentalmente de origem alemã e que promovem o atletismo de maneira sistemática, caso raro no contexto escolar de maneira geral.

(Teutônia), Instituição Evangélica Novo Hamburgo (Novo Hamburgo), Colégio Sinodal (São Leopoldo) e Instituto de Educação Ivoti, que possui uma parceria com a prefeitura de Ivoti. Em competições como campeonatos estaduais, na categoria adulto, as equipes da Instituição Evangélica Novo Hamburgo e Colégio Sinodal se unem e competem pelo nome de equipe “Sinodal Meridional”<sup>27</sup>. Já em categorias de base, cada escola compete com uma equipe independente. Das equipes da Rede Sinodal, a equipe de Ivoti possui maior destaque nas categorias de base. A maioria das equipes conta com um ou dois treinadores, que também desempenham o papel de professores de Educação Física nas escolas.

Além destas, está filiada à Federação a Organização Não Governamental (ONG) Esporte e Cidadania, com sede em Cruz Alta. Fundada por iniciativa de um professor da região, esta equipe é o que se denomina de “equipe segregada”. Foi dada esta denominação porque muitas das iniciativas desta equipe partem de ações pessoais do treinador e, pela distância em relação a Porto Alegre, a participação em competições é restrita e, em muitos casos, inviável.

A “filiação” das equipes junto à Confederação é um registro que é assinado pelos atletas com as equipes, por intermédio das federações estaduais. As federações estaduais representam então a Confederação Nacional neste processo. As federações estaduais e a Confederação Nacional são quem legitimam os resultados dos atletas, permitindo que as competições ocorram entre as equipes. A denominação que a legislação brasileira adota para as equipes é “entidades de prática desportiva”<sup>28</sup>.

Existem também equipes gaúchas extintas, que em momentos anteriores participavam das competições no atletismo, atualmente ausentes nas competições de pista e no atletismo formal, participando em alguns casos de corridas de rua, mas sem um grande destaque. Entre as equipes extintas do atletismo gaúcho, destaca-se aquelas que fundaram a FARG em 1925: ACM, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Almirante Barroso, Guahyba, Clube de Regatas Porto Alegre, e o *Sport Club Eiche*. Além destas, outras equipes importantes foram o *Sport Club Internacional*, Associação dos Amigos do Centro de Treinamento do Estado (AACETE),

---

<sup>27</sup> Referência a região das escolas no Rio Grande do Sul divididas em: Centro, Meridional, Missões, Setentrional e outras.

<sup>28</sup> Segundo o art. 16 da Lei Pelé (Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998), as entidades de prática desportiva são: “pessoas jurídicas de direito privado, com organização e funcionamento autônomo, e terão as competências definidas em seus estatutos”.

Esporte Clube Cruzeiro, Sociedade Ginástica Navegantes São João, Associação Desportiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ADUFRGS) e Associação Desportiva do Instituto Porto Alegre (ADIPA). Além destas equipes, existiam outras no interior do estado, nas cidades de Pelotas, Santa Maria, Santa Rosa e Passo Fundo.

Além das equipes propriamente ditas, as empresas ou “patrocinadores”, como são reconhecidas e denominadas as instituições que investem no atletismo, são um ponto a se ressaltar neste momento. Em muitos casos, ocorrem o que se denominam comumente de “parcerias” entre instituições, como se relatou nos JIRGS e outros exemplos. Já o “patrocínio” possui um outro caráter, pois é firmado em contratos formais, com duração determinada, nos quais as obrigações das patrocinadas e dos patrocinadores são explícitas e acordadas. Os patrocínios, porém, são distintos. Por um lado, têm-se aqueles patrocinadores que investem dinheiro na equipe, com um retorno esperado através da visibilidade da sua marca nos uniformes e em espaços de treinamento e competição, ou seja, como uma forma de publicidade. Também existem as empresas fornecedoras de material esportivo, como uniformes, calçados e acessórios. Empresas que fazem acordos referentes ao material próprio para o atletismo (competição e treinamentos), como varas para salto, e empresas de suplementos alimentares e bebidas isotônicas. Ao se apresentar o esporte em uma perspectiva de espetáculo e negócio, no capítulo 5 serão trazidas mais contribuições sobre este assunto.

Desta forma, entende-se que o atletismo traz elementos para interpretar a diversidade de possibilidades quando se considera o esporte enquanto “algo que se representa”, ou seja, a noção de pertencimento no atletismo pode ser interpretada diferente dos esportes coletivos. A identidade dos atletas com as equipes é diferente e buscarei elementos que mostrem esta relação. Além da equipe, o atleta tem compromissos com outras instâncias como já foram apresentadas: seleção gaúcha, seleção brasileira (COB e CBAt), equipes formadas para Jogos Intermunicipais, e outras competições que compõem o extenso calendário do atletismo.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMADORISMO E O PROFISSIONALISMO

### 2.1 Conceitos de amadorismo, valores morais e recompensas financeiras

O esporte possui disputas e regras próprias dentro da estrutura social e uma destas disputas internas – isto é, dentro do próprio esporte –, que merece um aprofundamento, seria a distinção entre amadorismo e profissionalismo no esporte contemporâneo. Este assunto é discutido com propriedade por diversos autores, e o tema parece não estar esgotado, especialmente quando se foca o olhar para uma modalidade como o atletismo. Crê-se que um melhor entendimento se faz necessário, relacionando amadorismo e profissionalismo com o lugar do atletismo no campo dos esportes, pois deve ajudar na compreensão da dinâmica que envolve o “viver de atletismo” e seus desdobramentos.

Dunning (1992) relata que o esporte moderno apresenta uma orientação dominante, que seria uma “tendência no sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados” (p. 299). Com isto, vem ocorrendo no mundo todo “uma inevitável erosão das atitudes, valores e estruturas <amadoras> e a sua correlativa substituição por valores e estruturas que são <profissionais> em qualquer sentido do termo” (p. 299).

Um dos exemplos de resistência em prol do amadorismo e contra a orientação para a profissionalização na Grã-Bretanha ocorreu ainda no século XIX, na tentativa de manter o rúgbi como um esporte praticado fundamentalmente por amadores, com uma organização voluntária e jogos amistosos. A respeito, Dunning (1992) refere que:

[...] as regras se destinavam a garantir o prazer dos jogadores mais do que o dos espectadores, em que a organização nos clubes, aos níveis regional e nacional se verificava em termos de ocupação não remunerada e onde não existia uma estrutura de competição forma de <taças> e <ligas>. (p. 300)

A resistência que o rúgbi fazia diminuiu, mas, como o autor salienta, não deixou de existir por completo, embora a ausência do espírito amador pareça ser um caminho inevitável em muitas modalidades. No entanto, o conflito de orientação do esporte para o divertimento,

de ser amador, em oposição à orientação dominada pela preocupação com os resultados, com profissionalismo, permanece, como salienta Dunning (1992), no rúgbi e em outras modalidades. Da mesma forma, aponta-se o atletismo como um dos esportes no qual este processo pode ser verificado como conflituoso, acreditando-se que isto esteja presente na realidade cotidiana de muitos outros esportes. Este se apresenta, como Elias (1992) denomina, como um processo social “cego” ou “não planejado” e de longa duração, que não pode ser definido por ações intencionais de indivíduos ou grupos, mas, sim, como uma conseqüência de ações de membros de diferentes grupos interdependentes e durante muitas gerações.

Um exemplo de como o atletismo ainda está em um lugar de conflito, exercendo resistência sobre o profissionalismo, com alguns valores amadores, pode ser notado na fala da jornalista Fátima Bernardes no Jornal Nacional<sup>29</sup> do dia 13 de julho de 2007. Logo após a abertura dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, ao conversar com seu colega de Rede Globo, Galvão Bueno, falando do Maracanã, local da cerimônia de abertura dos jogos, ambos comentavam sobre a surpresa que foi o ex-corredor Joaquim Cruz ter acendido a pira Pan-Americana. A jornalista salientou que “os organizadores valorizaram um atleta do esporte **dito** amador” [grifou-se]. Nesta fala, o “dito” amador pode levar a várias interpretações, mas aparentemente representa o entendimento de que o atletismo é amador, mas ao mesmo tempo pode não o ser. Um outro exemplo ocorre quando se navega em sites de equipes e o atletismo está no espaço destinado a “esporte amadores” ou “outros esportes”, ou seja, este esporte e outros estão entre o amadorismo e o profissionalismo.

Quando foram estabelecidas as fronteiras entre amadorismo e profissionalismo, buscando separar quem poderia e quem não poderia praticar esporte, foi criado um muro simbólico que colocava os chamados profissionais do lado de fora. Neste sentido, estava-se perpetuando um “ideal” que era tão importante que excluía quem ousasse violá-lo. Pode-se observar nos anexos B e C, que são o “Juramento do Atleta” e a “Saudação aos Participantes”, encontrados em documentos de competições de atletismo, a conotação e o contexto da palavra “amador” em alguns elementos do cotidiano esportivo, em épocas passadas.

---

<sup>29</sup> O Jornal Nacional é um programa jornalístico da Rede Globo e neste dia (13/07/07) foi exibido às 20h40min.

Até período recente<sup>30</sup>, inicialmente compreendido no final da década de 80, ser profissional, em algumas modalidades como o atletismo, significava que se o atleta resolvesse “viver de esporte”, deveria abrir mão de, por exemplo, participar dos Jogos Olímpicos ou defender as Seleções Brasileiras em competições internacionais. Algumas décadas atrás, os profissionais eram vistos como pessoas que contaminavam o esporte, o que não era admitido pelas oligarquias esportivas da época. É atrás de elementos que auxiliem na compreensão destas disputas que se fará uma breve contextualização histórica desta disputa.

As palavras de Stigger (2005) mostram como o esporte distinguia amadores e profissionais e introduz a relevância desta reflexão:

Um dos refúgios distintivos das classes superiores inglesas, no contexto do esporte, foi a defesa do amadorismo (visto como critérios de esporte dessa camada social) contra o profissionalismo (considerado o esporte das classes baixas, que necessitavam compensar o que deixavam de ganhar quando a ele se dedicavam). A crise entre amadorismo e profissionalismo, ocorrida em vários esportes, é uma das chaves para a compreensão do processo de democratização dessa prática, inicialmente reservada a amadores, mas posteriormente democratizada e transformada em espetáculo de massa. (p. 39)

Entre outros autores, Le Floc’hmoan (1969) destaca que, em meios do século XIX, na sociedade inglesa existia um esporte praticado por profissionais (boxe e corridas a pé), um esporte escolar (*Public Schools*) e universitário, e um esporte que atendia somente a aristocracia – chamados também de esportes amadores (principalmente o atletismo e o remo). Esta distinção entre os “tipos de esporte” mostra uma preocupação em compreender o lugar de cada modalidade no campo social dos esportes.

Sobre o surgimento dos clubes de atletismo, que são importantes para o entendimento do amadorismo, segundo Le Floc’hmoan (1969), quando os membros do clube inglês *West London Rowing Club* abandonaram o remo em favor do atletismo, fundaram o então *Mincing Lane Athletic Club*, em junho de 1863, e deram a esta primeira sociedade civil de corrida, salto e lançamento, sua concepção aristocrática de *club*. Este *Mincing* se converteu em 1866 no famoso *London Athletic Club* e no mesmo ano os esportistas não profissionais se federaram ao *Amateur Athletic Club*. Em 1866, quando foi fundado o *Amateur Athletic Club* (Clube

---

<sup>30</sup> Mesmo como veremos a seguir que a IAAF assuma que abandonou a concepção tradicional de amadorismo em 1982, só veio a premiar atletas em 1997, que mostra este processo ser muito lento e como Damo (2005) salienta por ser um processo social é inacabado.

Atlético Amador), este definiu como seus filiados (aficionados) *gentlemans*, que eram caracterizados da seguinte maneira:

É (aficionado) todo gentleman que nunca tenha tomado parte em uma competição pública; que não tenha combatido com profissionais por dinheiro proveniente das inscrições ou de qualquer outro lugar; que em nenhum período de sua vida tenha sido professor ou monitor de exercícios como meio de subsistência; que não seja obreiro, artesão nem jornalista. (p. 98)

Fica evidente aqui a distinção que as classes superiores faziam sobre quem poderia e quem não poderia fazer esporte. Amadorismo diz respeito então a uma preocupação das elites em manter o esporte entre suas redes de relações, sendo o atletismo importante neste entendimento. Sobre este assunto, Hobsbawm (1997) salienta, ao relatar que o esporte é uma tradição inventada, que:

A estrutura do profissionalismo do futebol britânico era bastante diferente da do profissionalismo nos esportes em que participavam a aristocracia e a classe média (críquete) ou que estas controlavam (corridas), ou da estrutura da indústria dos espetáculos populares, e da de outros meios pelos quais a classe operária fugia de sua sina, que também forneceram o modelo para alguns esportes dos pobres (luta livre). (p. 297)

Outro autor que aborda o tema do profissionalismo é Pierre Bourdieu (1983), e suas reflexões contribuem, neste momento, para entender o papel das elites na definição e constituição do amadorismo nos esportes:

A constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte. Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer, que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma com as regras – é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço. (p. 14)

No período de inserção no campo era comum o convívio com atletas e comissões técnicas de esportes, como futebol, voleibol, basquete, futsal, judô e ginástica de trampolim, entre outros. Na atuação profissional como treinador participava de competições oficiais nestas e, eventualmente, em outras modalidades. Neste convívio com diferentes esportes, o assunto da remuneração era um assunto corrente nas rodas de conversas. Mesmo que os valores dos salários não fossem divulgados abertamente, as diferenças eram visíveis, por

exemplo, nos modelos dos carros dos jogadores e treinadores, diferença ainda mais exaltada comparando com aqueles que andavam de transporte coletivo como ônibus.

Observa-se que no futebol e no voleibol a remuneração é tratada de maneira diferente que no atletismo. Os atletas, nestas modalidades, recebem um “salário”, mas se sabe que, além do salário, recebem outras importâncias, como contratos de imagem, “bixos” por partidas e premiações por títulos conquistados. Os atletas têm a sua carteira de trabalho assinada e a duração dos contratos é semelhante ao atletismo, com a duração de um ano (temporada). Diferentemente disto, no atletismo, a remuneração é tratada como “ajuda de custo”, não existem “bixos”, e as premiações em competições são raras, mas ocorrem. No atletismo, é comum que atletas busquem os patrocínios individuais e apoios diversos, como prefeituras etc., através de leis de incentivo, ficando claro que, além da “ajuda de custo”, outros benefícios são necessários para que se possa viver no contexto do atletismo.

O universo do atletismo – e aqui se fala de atletas com uma carreira consolidada, como campeões brasileiros, e mesmo atletas que já obtiveram algum destaque – aparentemente está próximo da realidade das categorias de base do futebol. Carravetta (2006) salienta que muitos jogadores de futebol das categorias de base permanecem um tempo reduzido na escola, além de ser elevado o número de jogadores que abandonam prematuramente a escola para tornarem-se “pseudoprofissionais” do esporte. Este autor define “pseudoprofissão” como a situação em que a maioria dos atletas das categorias de base recebe uma “ajuda de custo”, graças a um contrato especial. Nos grandes clubes de futebol, os atletas das categorias de base recebem alimentação, habitação, vale-transporte e assistência médica e odontológica. Esta “pseudoprofissão” das categorias de base do futebol é o mais próximo que o atletismo pode chegar do universo do futebol profissional, isto porque a “ajuda de custo”, alimentação, habitação, assistência médica e odontológica existem no atletismo para muito poucos e em poucos lugares. Ocorrem no atletismo acordos e acordos com profissionais, como massagista, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas etc., porém estes acordos, também chamados de “esquema”, são estabelecidos por amizade, na maior parte vinculadas a redes de relações dos treinadores; não existindo, então, um vínculo institucional da equipe com estes outros profissionais.



## 2.2 As viradas do futebol e o voleibol no Brasil

Afirmando-se que o atletismo está inserido em um lugar diferente de outras modalidades no campo dos esportes, cabe apresentar momentos que foram importantes para que duas das principais modalidades coletivas do Brasil se tornassem “grandes esportes”. No entanto, antes de salientar a realidade brasileira, é importante observar o contexto inglês quando o esporte foi institucionalizado ainda no século XIX, e a profissionalização, tida como um processo, é comentada por Hobsbawm (1997), salientando que o futebol:

A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e portanto profissionalizado; o momento decisivo simbólico – reconhecido como um confronto de classes – foi a derrota dos *Old Etonians* pelo *Bolton Olympic* na final do campeonato de 1883. Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, deixando a administração dos clubes nas mãos de negociantes e outros dignitários locais, que sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para a indústria pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas, acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio. (p. 297)

Este autor salienta que com a profissionalização do futebol na Inglaterra, grande parte das “figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional” afastou-se do esporte, que pode ser tomado aqui como um dos desdobramentos presentes neste conflito, mencionando-se, a seguir, como ocorreu no Brasil.

Para compreender as mudanças em duas das principais modalidades praticadas no Brasil, ilustrar-se-á com o que Marchi (2004) chamou de “virada” do amadorismo para o profissionalismo, tanto no voleibol quanto no futebol, objetivando demonstrar que o que aconteceu, antes, com aqueles esportes, ocorreu, mais recentemente, com o atletismo, no cenário brasileiro e mundial.

Primeiramente, sobre o voleibol, Marchi (2004) salienta que um fato determinante para a primeira “virada” foi quando Carlos Arthur Nuzman<sup>31</sup> assumiu o comando da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) no ano de 1975. Antes, segundo o autor, o voleibol

---

<sup>31</sup> Hoje presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, resultado também de seu sucesso como presidente da Confederação Brasileira de Voleibol.

vivia uma fase “romântica” e funcionava em uma estrutura clubística herdada do futebol. Nuzman teria sido um dos protagonistas por “batalhas” com o Conselho Nacional de Desportos, que acarretaram um processo de ressignificação do voleibol quando em 1981: “[...] foi deliberado o fim da proibição de empresas patrocinarem clubes ou entidades desportivas e exibirem em seus uniformes como forma de propaganda, as marcas de seus patrocinadores”. (MARCHI, 2004, p. 121).

Já no futebol a profissionalização ocorreu bem antes, no ano de 1933, mas também teve um fato determinante que foi a celebração de um acordo entre as Ligas Cariocas e Paulistas, que incluía um ressarcimento pelas transferências de atletas para outros clubes. Damo (2005) defende que, apesar de existirem fatos ou marcos que determinem uma mudança como esta do amadorismo, ocorre sempre um processo:

A profissionalização do futebol, aqui tomada como um processo social é por definição inacabada e compreende uma série de transformações pelas quais a prática amadorística converteu-se num espetáculo de grande interesse do público e da publicidade. (p. 158)

A posição de Dunning (1992), que é compartilhada por Damo (2005), é no sentido de que o amadorismo é um processo de longa duração, que foi – e continua sendo – social ou estruturalmente produzido.

Daqui se destaca que a questão da comercialização nas modalidades esportivas – na qual, como salienta Bourdieu (1983 e 1990), o bem simbólico do esporte em si se torna um produto que pode ser consumido, assistido em presença física ou intermediada por rádio, televisão “aberta” ou por assinatura – está subordinada a uma espetacularização desta modalidade. Sob este aspecto, o apelo comercial que a modalidade do atletismo possui é muito baixa, a começar pelo número de bons “espetáculos” disputados no Brasil, que dificilmente passam de cinco<sup>32</sup>, diferente de outras modalidades, como, por exemplo, o futebol e o voleibol, que possuem jogos de grandes públicos com maior frequência.

---

<sup>32</sup> As principais competições de atletismo no Brasil são o Troféu Brasil e a série de “GPs” internacionais, além de campeonatos brasileiros de categorias de base. O maior público vem sendo nos últimos anos em Belém, lotado o estádio do Mangueirão com público de mais de 40.000 nos anos de 2002 a 2005. No Rio Grande do Sul já se realizaram 4 etapas destes Gps, onde em 1997 teve o público de 9.000 pessoas na pista da Unisinos.

A seguir, serão apresentados o esporte como espetáculo e negócio e as relações que estes desdobramentos trazem para a profissionalização dos esportes.

### 2.3 O esporte como um espetáculo e negócio

Dunning (1992), entre as referências encontradas, foi talvez quem conseguiu melhor sintetizar algumas das considerações sobre o atletismo como um esporte espetáculo.

Sob o ponto de vista configuracional, esta não é apenas uma questão de presença ou de ausência de espectadores ou, no caso de os últimos se encontrarem presentes, da interação entre eles e os jogadores, mas, de forma decisiva, de *padrões de interdependência* entre grupos participantes. Deste modo, a presença dos espectadores num acontecimento desportivo pode *induzir* os jogadores a empenharem-se num espetáculo, mas não os pode *obrigar* a fazê-lo. Num desporto, é mais provável que o elemento jogo seja seriamente ameaçado quando os jogadores se tornam *dependentes* dos espectadores – ou de ações externas, tais como interesses comerciais de grupos ou do Estado –, de recompensas financeiras e de outras. Nestas condições quer se trate de um desporto abertamente profissional ou dito amador, as pressões no sentido de que os interesses dos espectadores assumam um papel importante, transformando o <jogo> em <espetáculo>, parecem ser inevitáveis. (p. 310)

A primeira questão que se apresenta neste assunto seria questionar a capacidade do atletismo em produzir grandes espetáculos. Trazendo a discussão do atletismo enquanto espetáculo e as relações comerciais surgidas a partir deste fato, Pilatti (2000) aponta que o atletismo brasileiro possui uma espetacularização restrita e apresenta três hipóteses para este fenômeno, que seriam: incapacidade administrativa da CBAAt; falta de apoio da mídia; e uma tradição que associa o esporte amador ao apoio do Estado. Sobre este último ponto, uma observação se faz sobre os patrocinadores das seleções de grande parte das modalidades esportivas – como atletismo, voleibol, basquete, natação, handebol, judô e tantos outros esportes – é que estes possuem como principal mantenedor empresas estatais brasileiras. Pilatti (2000) salienta também que mais restrita ainda é esta espetacularização no âmbito regional e menor ou nenhum será o poder de negociação das entidades que administram o esporte para obter patrocínio ou comercialização de eventos.

Assim, como já se salientou, a profissionalização dos esportes está subordinada à espetacularização das práticas, inclusive nas questões jurídicas que regulam o esporte. Melo

Filho (2000), citando Hemingway, diz que, “quando um desporto é suficientemente atrativo para induzir as pessoas a pagar para vê-lo, tem-se o germe de profissionalismo”. No Brasil, isto está bem claro no futebol, mas em modalidades como voleibol, basquete, futsal, e mais ainda no atletismo, a lógica é completamente inversa. Os organizadores além de não cobrarem ingressos para que as pessoas vejam o “espetáculo” – e quando cobram é muitas vezes um valor simbólico –, promovem com patrocinadores vantagens e atrativos para “chamar o público”, como distribuição de camisetas, brindes etc., como se observa nas ilustrações abaixo.



**Ilustração 3** – Público na etapa do GP de Fortaleza 2006  
Fonte: CBAAt.



**Ilustração 4** – Torcida da BM&F no Troféu Brasil 2006.  
Fonte: acervo pessoal do autor.

Percebe-se, então, que o público assiste e se faz presente em competições de atletismo, mas, de forma diferente de outros esportes, não torce para “uma equipe” em si, mas para os atletas. Os atletas são o centro dos acontecimentos e é nos (bons) resultados que são centradas as atenções. Boas competições são aquelas com resultados significativos em que estão os bons

atletas. Assim, o atletismo é um esporte direcionado para os praticantes e não tanto para os espectadores, pois, como já foi apresentado, o número de grandes eventos esportivos se restringe a poucos no Brasil, e é ainda mais restrito em um universo regional como o Rio Grande do Sul.

Um termo utilizado pelos setores responsáveis por buscar investimentos para as equipes, muitas vezes denominado de setor de “*marketing* esportivo” (ou comunicação), é relevante de ser apresentado porque contribui para entender a “lógica” do investimento de empresas nas equipes. A “clipagem”<sup>33</sup> de reportagens relacionadas às equipes, atletas e temas relevantes para os patrocinadores implica em uma prática constante e que se apresenta como comum e de importância nas equipes que possuem patrocínios e podem ser denominadas de grandes, considerando o universo do atletismo. Esta “clipagem” serve para quantificar o número de vezes que um atleta de destaque ou um resultado da equipe apareceram em jornais, revistas, programas de televisão e *sites* da internet de relevância. Em alguns casos, se comentava no campo que isto serviria para justificar o investimento feito nas equipes. O sucesso dos atletas faz com que estes estejam em evidência nos meios de comunicação. Assim, o investimento “se justificaria” como forma de propaganda e publicidade para empresas, equipes e investidores. O nome e logomarca das empresas associadas às equipes e empresas é comum, constante e necessário para que o esporte possa ser um bem simbólico a se investir.

Para compreender a complexidade que envolve as relações econômicas no atletismo relacionando o esporte como espetáculo, alguns exemplos são apresentados, para contrapor com a dinâmica que ocorria quando os atletas eram proibidos de receber prêmios ou ressarcimentos pelos seus resultados. As disputas entre patrocinadores ocorrem, porque em alguns casos as instituições (equipes, confederação, federação e comitês olímpicos) possuem patrocinadores concorrentes entre si e concorrentes com os dos atletas. Aparentemente, estas disputas são mais frequentes nas empresas de materiais esportivos.

Considerando o atletismo como uma configuração, as relações de interdependência entre as instituições mostram como os patrocinadores dos atletas podem ser conflitantes com

---

<sup>33</sup> Nome dado à catalogação e à análise quantitativa de matérias em jornais, revistas, etc. por parte de assessorias de imprensa.

empresas que mantêm os agentes. No caso dos fornecedores de material esportivo, alguns fatos podem ilustrar as disputas entre patrocinadores. Um exemplo a ser apresentado ocorreu em 2000 quando o fornecedor dos uniformes da CBA<sup>34</sup> era a empresa italiana Fila, de material esportivo, enquanto o fornecedor do COB era a empresa nacional Olympikus. Com isto – ao competir na pista – os atletas usaram os macaquinhos<sup>34</sup> da Fila, e no pódio, o abrigo da Olympikus. Este fato pode passar despercebido, mas apresenta conflitos importantes nas relações entre agentes (atletas) e instituições (confederação).

Semelhante a este fato, nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg (1999), o velocista Claudinei Quirino, atleta de destaque naqueles jogos, assim que cruzou a linha de chegada na primeira colocação, abaixou o seu macaquinho da Fila, e em seu peito estava colado um adesivo branco com os três anéis da Olympikus. A ilustração abaixo (ilustração 5) apresenta esta estratégia da Olympikus.



**Ilustração 5** – Atleta Claudinei Quirino após cruzar a linha de chegada com o adesivo no peito de seu patrocinador pessoal

Fonte: <<http://www.claudinei.cjb.net/>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

Katz (1998) relata que na disputa comercial entre a Nike e a Reebok envolvendo o *Dream Team* em Barcelona, nos Jogos Olímpicos de 1992, a solução encontrada por Michael Jordan e outros atletas norte-americanos patrocinados pela Nike foi se enrolar na bandeira dos Estados Unidos para esconder o símbolo da marca concorrente de seu patrocinador pessoal quando foram premiados. Neste caso, os patrocinadores individuais da maioria dos atletas era concorrente direto da marca estampada nos agasalhos de premiação.

---

<sup>34</sup> Maneira como se define o uniforme colado ao corpo.

Caso parecido também ocorreu com o tenista Gustavo Kuerten nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) com relação ao seu fornecedor de materiais esportivos que era diferente do fornecedor do COB. Guga vestia e calçava Diadora e a Olympikus fornecia os uniformes do COB. Este atleta conseguiu o direito de jogar com uniformes “especiais”, que não estampavam nenhuma logomarca de fornecedores de material esportivo. Ironicamente, o Guga veio a ser contratado pela empresa que estava em conflito com seu fornecedor da época.<sup>35</sup>

Estas disputas não ocorrem com a mesma frequência no que diz respeito somente aos calçados (tênis, chuteiras e sapatilhas), em que aqueles atletas que possuem um patrocinador individual de marcas esportivas (ou nenhum) são liberados para utilizar os calçados de sua preferência. O uniforme deve ser o da equipe ou seleção, mas o calçado é liberado. Uma estratégia para aqueles que não possuem patrocínios de marcas esportivas é tirar a marca da sua chuteira e deixar o calçado sem marca aparente, para atrair futuros investidores.

Os exemplos apresentados inicialmente serão aprofundados e relacionados com mais dados retirados do campo no decorrer do trabalho. A intenção de apresentar estes dados iniciais presentes no atletismo serve para introduzir o problema e como se pretende trabalhar com a lógica das configurações.

---

<sup>35</sup> Disponível em : <[http://www.zaz.com.br/istoe/1615/brasil/1615\\_vitoria.htm](http://www.zaz.com.br/istoe/1615/brasil/1615_vitoria.htm)>. Acesso em: 10 set. 2007.

### **3 PROBLEMA DE PESQUISA**

#### **3.1 Buscando um olhar configuracional para o atletismo**

O atletismo é tratado neste trabalho como uma configuração. Sendo assim, as interdependências entre agentes e instituições que estão presentes nas diferentes relações sociais são determinantes para o entendimento deste esporte. A relação entre treinadores e atletas, entre atletas e equipes, entre treinadores e equipes e outras presentes, são alguns dos pontos a serem aprofundados e assim como outras relações se apresentam como importantes. Pretende-se melhor compreender algumas mudanças e como algumas destas formas particulares de relações entre agentes e instituições fazem parte do cotidiano do atletismo e são instigantes. Para exemplificar, um dos assuntos tratados é o recrutamento de atletas de outros estados, que não ocorria com frequência em momentos anteriores. Nos últimos anos, as disputas entre atletas recrutados de outros estados com atletas formados nas próprias equipes em categorias inferiores são um tema presente nos bastidores e muito comentado em rodas de conversas que ocorrem nas pistas.

Com isto, tem-se “recordes estaduais” no Rio Grande do Sul sendo batidos por cariocas, paulistas e paranaenses, e uma nova configuração sobre como os atletas buscam “viver de atletismo” é que leva à relações complexas de como o “atletismo vive” no Rio Grande do Sul, em um panorama com particularidades considerando o cenário brasileiro deste esporte. A teoria configuracional de Norbert Elias busca auxiliar na compreensão destas interdependências.

Entendendo que são os sujeitos que constituem as configurações, e sendo o atletismo gaúcho, e também aquele praticado em outros estados, um tipo de configuração social particular, tem-se neste sentido que “as pessoas constituem uma teia de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados”. (ELIAS, 2005, p. 15)

Para entender esta teia de interdependências é que se buscou um olhar configuracional para este esporte. Olhar para o atletismo debruçado na teoria de Norbert Elias não foi uma



tarefa fácil, mas já existem exemplos de trabalhos relevantes que percorreram este caminho que se objetiva trilhar. Neste entendimento, Elias (2005) aponta que a dificuldade de tratar o indivíduo, a pessoa singular e a sociedade como se fossem objetos que existem independentemente, salientando que “o conceito de configuração serve, portanto de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o <indivíduo> e a <sociedade> fossem antagonicos e diferentes” (p. 141).

Os dois exemplos utilizados por Elias (2005) para apresentar o que é uma configuração são pertinentes e ligados a praticas esportivas e jogos em geral. Um jogo de cartas e uma partida de futebol são os fenômenos que levam as reflexões para o entendimento de configurações sociais. O exemplo do jogo de cartas é apresentado com quatro pessoas sentadas em uma mesa jogando, formando uma configuração, e as suas ações são interdependentes. Nesse exemplo, o autor aponta que:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (p. 142)

Elias também utiliza o futebol para exemplificar o funcionamento das configurações, referindo que a estrutura de um jogo de futebol forma uma configuração que pode ter uma hierarquia de relações como “eu” e “ele”, “nós” e “eles”. Neste sentido, as ações desempenhadas por uma equipe são como este exemplo, e Elias (2005) salienta que se torna claro porque o conceito de poder se transformou de um conceito de substância num conceito de relação. Esta afirmação é importante, pois o poder será um conceito presente ao tratar dos “Estabelecidos e *Outsiders*” no atletismo e do grupo com uma posição privilegiada, denominado *establishment*. Salienta, ainda, que:

No seio das configurações mutáveis – que constituem o próprio centro do processo de configuração – há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural de cada configuração (p. 143).

Assim, para entender as interdependências entre os agentes e as instituições, ou seja, este olhar configuracional, os arranjos existentes entre treinadores, atletas e instituições foram observados e se mostraram, como apontados por Elias (2005), como sendo flutuantes,

mutáveis e flexíveis, expressões que salientam um movimento constante e características “não rígidas”, que em momentos aumentaram os desafios desta proposta de estudo e que indicam que, ao tratar de processos sociais, não se pode compreender os mesmos como acabados. Estes arranjos dependem dos atores da ordem social, assim mudanças significativas observadas em clubes, universidades e equipes de maneira geral são uma presença importante nesta configuração.

Neste sentido, Dunning e Shead (2005) realizam uma reflexão que inspira em muito a presente pesquisa e que salienta que as preocupações com a intensidade das tensões geradas pela profissionalização dos esportes requerem uma aproximação configuracional, e possibilitam entender, na estrutura do esporte, construções geradas por grupos específicos e com seus interesses neste processo. Dunning e Shead (2005) informam que:

configuração social se refere as estruturas ou *patterns formed* (padrões formados) por trás das interdependências humanas e em que o termo de sufixação ‘*ization*’ (em língua inglesa ou ‘ção’ em língua portuguesa) se refere a aspectos deste processo destas configurações ao fato, que elas ou aspectos dela, mudam com o tempo (p. XX)..

Estes autores mostram também que:

Em resumo, nós estamos sugerindo que o problema da intensidade diferencial das tensões geradas pela profissionalização dos esportes requer desenvolvimento de uma aproximação configuracional. Forçar a necessidade para tal aproximação não é descontar a possibilidade que as mudanças dos valores do tipo discutido por Stone (autor) podem ter jogado uma divisória. É, entretanto, para sugerir que os valores não são ideais, ou seja, sem referencial, mas localizados na estrutura, construções geradas pelos grupos específicos, expressivos de seus interesses e que mudam em relação à estrutura em mudança da sociedade como um todo. Nossa tarefa, conformemente, é examinar o profissionalização do *cricket* e do futebol a fim verificar porque, no um caso, virtualmente nenhuma tensão foi gerada em tudo, e porque, no outro, a tensão despertada não alcançou um nível onde a dissociação e o estabelecimento de jogos amadores e profissionais separados se tornem necessários.<sup>36</sup> (p. 151)

Assim, para buscar compreender as estruturas sociais no atletismo, e interpretar as forças específicas que agem sobre as pessoas nos seus grupos e que são empiricamente observáveis, é importante entender que configuração e processo são termos centrais na perspectiva sociológica. Portanto, a análise sobre profissionalismo e amadorismo é relevante

---

<sup>36</sup> Tradução feita pelo autor.

para compreender o desenvolvimento do esporte moderno e a análise sobre o desenvolvimento do atletismo no Rio Grande do Sul desperta interesse.

### 3.2 Problema de pesquisa

Ao apresentar o problema de pesquisa, é importante salientar que este estudo busca fazer uma interpretação sociológica do universo esportivo, especificamente da modalidade de atletismo em aspectos referentes às relações presentes entre seus agentes (atletas e treinadores) e instituições (equipes e federações). Com isto, objetiva-se compreender os interesses referentes à formação, recrutamento de atletas e relações que emergem no cotidiano deste esporte, no Rio Grande do Sul, e suas respectivas implicações.

Interpretar as relações que se estabelecem entre os agente e instituições no Estado do Rio Grande do Sul e seus possíveis desdobramentos leva a uma grande questão inicial, que é: **Quais são e como são as diferentes maneiras que os atletas encontram para “viver de atletismo”?** Neste sentido, compreende-se o atletismo como uma configuração, e é importante entender as diferentes formas de “ser profissional ou amador” nos esportes. Este assunto já foi brevemente apresentado de forma geral, localizando-se, agora, as relações no Rio Grande do Sul e aprofundando-se o seu entendimento, para demonstrar as interdependências presentes entre diferentes agentes e as estratégias que destacam alguns agentes dentro desta configuração.

Ao utilizar a expressão “viver de atletismo”, entende-se que se o atletismo fosse classificado, de maneira direta, como um esporte profissional ou amador, ela não englobaria as diferentes possibilidades nesta configuração e não permitiria um maior aprofundamento necessário ao tema. Assim, procura dar conta dos diferentes modos que os sujeitos praticantes de atletismo se sustentam e buscam, neste esporte, uma maneira de ter acesso a bens materiais e oportunidades de acesso à educação, como bolsas de estudo, entre outros. Nesta direção, uma outra questão a ser abordada é, além de compreender como foram as viradas de amadorismo para o profissionalismo em outros esportes, principalmente no futebol e no voleibol, que já foram apresentados, **compreender qual o estágio atual do atletismo neste processo**, relacionando, assim, uma modalidade individual, com pouco destaque, e dois dos

principais esportes no campo esportivo. Da mesma maneira, esta preocupação leva a pensar uma outra questão que seria: **quais estratégias encontradas para quem “vive de atletismo”?** Mister, assim, analisar como todo o aparato de clubes e federações se sustenta dentro deste universo, e como fazem com que o atletismo seja um esporte a ser praticado e que algumas pessoas invistam nele de tal forma a tentarem fazer dele um meio de vida. É importante também compreender as interdependências e identificar os agentes envolvidos nesta configuração.

#### 4 COMO FOI REALIZADO O TRABALHO

Este trabalho foi desenvolvido com uma peculiaridade importante: um caminho foi traçado por alguém que poderia ser considerado um “nativo” no atletismo. A inserção no universo desta modalidade esportiva, durante boa parte da realização desta pesquisa, foi atuando profissionalmente como treinador, atleta e em funções misturadas e simultâneas, presentes no atletismo. Aliás, as questões que emergiram nesta pesquisa são inspiradas no cotidiano vivido durante um bom período, em um vínculo no qual se passou de atleta, para auxiliar, e futuramente treinador, cuja “formação esportiva” foi realizada paralelamente à “formação acadêmica”, com a finalização do curso de Licenciatura em Educação Física e, posteriormente, um curso de pós-graduação.

Assim, compreender um universo em que se está profundamente envolvido é uma tarefa árdua, ainda mais quando isto envolve a tentativa de trazer muitas das ansiedades, dúvidas e incertezas para esta pesquisa. Antes de mais nada, este é um estudo interpretativo que tem a aspiração de trazer uma abordagem sociológica para o fenômeno esportivo, em particular do atletismo.

Desta forma, o trabalho foi realizado com uma profunda inserção no campo, onde foram realizadas observações de competições e treinamentos, anotações em diários de campo, entrevistas semi-estruturadas com treinadores e atletas e um instrumento que se mostrou eficiente, através do qual apareceram dados relevantes, que foram as conversas informais ocorridas durante o processo de observação.

Mesmo que este trabalho não se apresente como uma etnografia propriamente dita<sup>37</sup>, a utilização de técnicas como a observação e diários de campo, marcam, em alguma medida, esta maneira de se fazer pesquisa como a escolhida. Além do que se pôde obter pela observação participante, a inserção no atletismo foi determinante em alguns acessos e portas para que as informações circulassem, mesmo na (ou pela) presença pessoal do pesquisador, destacando-se o fato de que provavelmente alguém externo poderia ter um outro tipo de

---

<sup>37</sup> Apresento que foi dada uma importância maior a interpretações das entrevistas e não tanto para anotações dos diários de campo e observações como fonte de dados.

interpretação. Assim, a estratégia de coleta de informação nas observações e rodas de conversas estava muito presente e o acesso às “rodinhas” aparentemente era fácil, ao menos em alguns círculos.

Assim, a definição de uma “inspiração” etnográfica foi escolhida por acreditar que as observações tiveram alguns limites. Foram realizadas em momentos como “flashes” durante competições, treinamentos e outros ambientes, sem uma sistematização de anotações ou rotinas de observações que uma etnografia demandaria<sup>38</sup>.

Inicia-se a descrição do processo investigativo pelas conversas informais, não pela importância destas, mas pelo fato delas terem se constituído nos momentos em que alguns dos “informantes formais” foram selecionados para as entrevistas “formais”, e era nelas, também, que temas importantes para a compreensão da configuração do atletismo emergiam. Estas conversas ocorriam sem um prévio agendamento, isto é, eram espontâneas e necessariamente não ocorriam somente entre duas pessoas. O ambiente favorável para que estas conversas acontecessem era durante as competições, quando estava presente grande parte dos agentes envolvidos com atletismo, ou seja, era na competição que as coisas aconteciam, não somente as provas, mas também assuntos diversos, como os acertos de quem seria convocado como treinador para uma próxima competição, quais clubes teriam direito à indicação de atletas não-ranqueados<sup>39</sup> etc.

Dentro das competições, os intervalos entre as provas e os momentos em que a competição estava tranqüila despertavam este tipo de troca e circulação das informações. Era o que se pode chamar de “rodinhas”. Nestas rodinhas, que na maioria das vezes eram compostas por treinadores – mas, como já foi salientado, existem funções misturadas, simultâneas e por conveniência –, as conversas eram mais entre as pessoas, propriamente ditas, do que as entidades que estas representavam. Os assuntos pipocavam, e muitos assuntos importantes emergiam. Muitas vezes, ocorriam relatos de viagens que algum treinador tinha

---

<sup>38</sup> Foram utilizadas anotações de diários de campo e observações como fonte de dados, mas as entrevistas se constituíram como o material empírico principal para a realização do trabalho. A citação de Triviños (2001, p. 138) ilustra que: “A técnica tradicional de abordagem etnográfica é a observação participante, e segue sendo importante, ainda que muitos pesquisadores, estejam dando preferência à entrevista semi-estruturada em suas pesquisas de tipo etnográfico”.

<sup>39</sup> Em campeonatos estaduais, os atletas são convocados para competições estaduais pelos seus resultados no *ranking*, mas além destes, o estado tinha direito a indicar mais alguns atletas que são distribuídos entre as equipes.

realizado, vinham à tona temas como os treinamentos, aspectos técnicos, comportamento de atletas e questões políticas do atletismo. Enfim, eram “rodinhas” de conversas como tantas outras que ocorrem em diversos círculos sociais, mas o interessante é que, em muitos momentos, os assuntos tratados eram “fofocas”, que não eram conversas tão abertas como as “rodinhas” e tinham uma função definida, podendo ser elogiosas, enaltecendo algum atleta de destaque positivo de algum treinador, ou depreciativas, ressaltando aspectos negativos sobre alguém, alguma situação aparentemente inconveniente etc. Assim como Elias (2000) salienta, a fofoca não é um fenômeno independente e além de fazer girar as rodas de moinho de boataria, ela possui um destaque central na comunidade estudada por possuir um interesse coletivo.

Ao serem feitas falas sobre os “Estrangeiros” (*Outsiders*), as fofocas cumpriam o seu papel de “manter vivos e reforçar os vínculos grupais já existentes” (ELIAS, 2000, p. 124) entre os “Pratas da Casa” (“Estabelecidos”). Por parte dos “Estrangeiros”, as fofocas cumprem um papel de buscar legitimar estes agentes em um ambiente conservador, devendo mostrar serviço nas equipes, confirmando os resultados que justificaram o seu recrutamento. Portanto, assim como Elias (2000), tem-se que:

A fofoca sempre tem dois pólos: aqueles que a circulam e aqueles sobre quem ela é circulada. Nos casos em que o sujeito e o objeto da fofoca pertencem a grupos diferentes, o quadro de referência não é apenas o grupo de mexeriqueiros, mas a situação e a estrutura dos dois grupos e relação que eles mantêm entre si. (p. 130)

Uma questão importante nestas conversas era selecionar o que era importante de ser anotado nos diários e também observar como algumas conversas eram articuladas e organizadas. Assuntos diversos como resultados de atletas (resultados bons ou ruins) gaúchos e de outros estados, quais atletas estavam melhorando de desempenho (tanto *Pratas da Casa* que evoluíam ou *Estrangeiros* que não cumpriam a expectativa), quais estavam estagnados, patrocínios, trocas de equipes e outros assuntos que ocorriam nos bastidores estavam presentes e fazem parte deste universo.

Abaixo, um relato de como algumas das conversas informais podem trazer assuntos interessantes de serem apontados:

Carinho do treinador, descaso do atleta.

Em um Fórum de Treinadores realizado na cidade de São Paulo, estava eu jantando no hotel onde o evento ocorria na companhia de outros treinadores quando fui procurado por dois jovens atletas, menores de idade e que gostariam de conversar sobre a possibilidade de virem para o Rio Grande do Sul, para treinar e competir pela equipe que eu treinava. Em uma conversa particular com os dois jovens expus como as coisas funcionavam, que não era um assunto simples e que seria até interessante, pois ambos os atletas tinham resultados expressivos para a idade deles, mas que a situação não poderia ser decidida naquele momento e esta decisão não cabia somente à minha vontade. Quando perguntei se o treinador deles sabia sobre o assunto eles disseram que não e pediram para que não comentasse como treinador, que inclusive eram um conhecido e com quem eu tinha uma relação amistosa. Numa competição realizada poucas semanas após este Fórum, em uma das 'rodinhas' de treinadores, estavam eu, o treinador dos jovens acima e mais uma pessoa. Então comentamos que um atleta (um daqueles que se mostrava interessado em trocar de equipe, mas que não havia relatado a sua conversa comigo ao treinador) havia perdido o horário da prova em uma competição sul-americana, por uma informação passada por engano e não pode competir. O treinador se mostrou inconformado com a situação, culpou um outro treinador pelo ocorrido, mas comentou que o atleta que havia perdido aquela competição estava próximo de conseguir o índice para uma outra competição mais importante. Se ele conseguisse o índice, o treinador iria lembrá-lo das dificuldades que passaram juntos, onde aquele índice era merecido, passando a impressão que tinha um grande carinho pelo jovem, que pouco tempo antes estava procurando uma nova equipe.

Este tipo de conversa informal aponta para questões que passam pela relação atleta-treinador, equipe-atleta, treinador-treinador, treinador-equipe, além de outras que trazem contribuições importantes. Talvez a maior dificuldade neste tipo de informação tenha sido realizar um distanciamento do objeto e apreender aquelas informações que se apresentam como relevantes e que não comprometam os envolvidos no contexto.

Além destas conversas informais que ocorriam nas observações do campo, foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas com atletas e treinadores, salientando-se novamente que alguns possuem funções misturadas, como árbitros eventuais, e funções administrativas, e, então, definir o sujeito pela sua função no atletismo não era uma tarefa fácil e aparentemente não é necessária ou possível. Os colaboradores serão descritos abaixo. A escolha dos colaboradores não foi baseada em méritos atléticos, mas, sim, na avaliação de que aquele sujeito teria uma experiência rica no atletismo, ou entendendo que aquele colaborador tentava “viver de atletismo” e poderia trazer contribuições para este estudo. As entrevistas foram realizadas nos locais de treinamento, ou em dias de competições em momentos de intervalo ou após a realização destas. Todas as entrevistas foram transcritas pelo pesquisador e uma delas está inserida nos anexos (Apêndice F). Os nomes dos colaboradores foram trocados para preservar suas identidades e em respeito ao acordo de confidencialidade



firmado entre o pesquisador e os colaboradores, expresso no termo de consentimento livre e esclarecido, que também consta nos anexos. (Apêndice D)

Gil (1999) define a entrevista “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação” (p. 117). O autor diz ainda que a entrevista é uma forma de interação social. Por ser este um momento importante de diálogo, a condição de entrevistador foi previamente apresentada ao colaborador em um contato inicial. Assim, a entrevista foi acordada com os colaboradores e esta negociação não se mostrou uma tarefa fácil. Durante contatos telefônicos e por correio eletrônico, alguns ajustes de datas foram necessários, inclusive por cancelamentos de competições em razão de chuva, necessidade de tratamentos médicos etc. Tomou-se o cuidado de não prejudicar o colaborador, tendo em vista os deslocamentos que ocorrem após as competições, bem como que não houvesse a necessidade de interromper a entrevista, além de outras particularidades deste tipo de coleta de informação.

No momento da entrevista e anterior à gravação foi apresentado ao colaborador o roteiro de entrevista (Apêndice C). Este roteiro apresenta perguntas que norteavam a entrevista, mas com a liberdade que uma entrevista semi-estruturada permite, outras questões que surgissem durante a conversa poderiam ser inseridas. Os colaboradores tomavam conhecimento sobre os objetivos, o procedimento, os riscos e benefícios, confidencialidade e voluntariedade para a participação no estudo. Assinavam, juntamente com o pesquisador, uma declaração de consentimento, iniciando-se, em seguida, a entrevista.

Após a realização da entrevista, o momento das transcrições ocupou um tempo significativo do trabalho, mas a importância delas terem sido feitas pelo próprio entrevistador facilitou no entendimento de muitas relações e também facilitou o cruzamento de informações com depoimentos de outros colaboradores.

Abaixo, se faz uma breve descrição dos entrevistados para esta pesquisa, citando algumas características que individualizam os sujeitos que contribuíram com algumas das informações aqui descritas.

Juliana é uma atleta experiente, com mais de 25 anos, e uma carreira consolidada com resultados internacionais. Seu treinador não reside no Brasil e possui um grupo de atletas espalhados pelo mundo, realizando *campings* previstos duas vezes por ano. Este fato de treinar em um grupo “espalhado” e que se reúne de tempos em tempos foi um dos motivos que levaram Juliana a ser convidada a colaborar com esta pesquisa. Ela já competiu por equipes de outros estados, trocando de equipe e de treinador, e possui uma grande importância para a sua equipe atual. É uma atleta que possui destaque nacional em provas de corridas, e iniciou no atletismo pelas corridas de rua.

Luciana é atleta de provas de salto e pode ser considerada uma “estabelecida” (Prata da Casa), mesmo que este termo tenha que ser utilizado com alguns critérios. Ela permanece competindo na mesma equipe em que surgiu, mas treina com um grande grupo de atletas de várias equipes e de outros países, em São Paulo. Mantém vínculos importantes com sua equipe e com seu treinador, mesmo que treinada por outros treinadores também. Estudou e competiu durante anos nos Estados Unidos, formando-se em uma universidade americana e ainda assim mantendo vínculos com a sua equipe de origem.

João é um atleta de corrida, com quase 30 anos, e, no momento, acumula principalmente a função de atleta com a de auxiliar técnico. Também atua como árbitro em alguns momentos. Em sua entrevista, as respostas se basearam muito na experiência pessoal, e sua contribuição foi importante por ter deixado o Rio Grande do Sul muito cedo, ainda nas categorias de base (juvenil, com menos de 19 anos). A sua experiência de transferência para o Rio de Janeiro – que não é comum, pois a maioria dos atletas migra para São Paulo – trouxe contribuições importantes para o trabalho.

Miguel pode ser considerado um atleta jovem, com cerca de 20 anos de idade, que surgiu e permanece competindo em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Possui resultados importantes no Rio Grande do Sul e no Brasil. O convite deste informante foi influenciado pelas diferentes estratégias que ele encontra para levar o atletismo a sério, com patrocinadores pequenos e relações pessoais permeando o seu envolvimento no esporte. É universitário e auxilia em sua equipe nas categorias de base. Seu envolvimento com o atletismo iniciou na escola e apresenta um pouco das relações existentes fora das grandes equipes gaúchas.

Gustavo é um treinador, mas outras inserções importantes permeiam as suas relações no atletismo, inclusive em âmbito nacional. Este colaborador é muito envolvido no que se denomina *establishment* do atletismo gaúcho e brasileiro, participando de grandes decisões. Seu envolvimento como treinador é importante por ter treinado muitos atletas, alguns com resultados expressivos. As informações deste colaborador foram determinantes e apresentaram dados que mostram, de maneira geral, como são as relações e as interdependências no atletismo. Iniciou sua vida como treinador como ex-atleta.

Sérgio pode ser descrito como um treinador “fora do esquema”, ou seja, não possui influência política importante nas decisões do atletismo, mesmo que seus atletas tenham resultados significativos. Muitas das iniciativas de sua equipe e dos atletas dependem do envolvimento dele, que enfrenta dificuldades para questões simples como transporte e alimentação dos atletas para competições. Sua inserção no atletismo de pista veio de resultados de seus atletas em corridas de rua.

A representatividade dos entrevistados foi privilegiada em relação à quantidade. Procurou-se selecionar colaboradores que estivessem plenamente inseridos no universo do atletismo, privilegiando-se a coerência na seleção dos colaboradores e a diversidade, conforme Albarello (1997).

A utilização de questionário foi cogitada, inclusive constando na qualificação, quando este trabalho ainda se constituía como um projeto, mas este instrumento foi abandonado por entender que as informações que dali surgiriam não iriam contribuir muito para a proposta deste.

Sobre a consulta e coleta de documentos, este procedimento esteve sempre presente e iniciou a ser sistematizada em março de 2006. Entre algumas visitas aos acervos que serão destacados, foram consultados documentos que foram classificados utilizando uma adaptação de Rieth (2005), em: Documentos do tipo oficial (DO); Documentos do tipo não oficial (DNO); Documento Técnicos (DT); e Documentos do tipo não-impresso (DNI).

Por documentos oficiais entende-se aqueles que contêm informações oficiais de instituições do atletismo ou outras relacionadas. Estas informações circularam principalmente através de notas oficiais da CBAAt e FAERGS, bem como ofícios, como o apresentado da

FUNDERGS referente à exclusão do atletismo no JIRGS de 2006. Em notas oficiais da CBAAt, por exemplo, são apresentados temas como os programas caixa de ajuda de custo, transferência de atletas entre estados, recordes homologados etc. Estes eram os documentos oficiais, emitidos ou recebidos por instituições públicas e privadas relacionadas com o atletismo como esporte. Outros exemplos de DO são os anexos B e C.

Por documentos do tipo não oficiais foram analisadas notícias de imprensa, utilizadas em muitos momentos nesta pesquisa. Alguns destes dados foram oriundos de visitas realizadas ao centro de pesquisa do jornal Zero Hora, museu Hipólito da Costa, Memorial SOGIPA e consulta a acervos pessoais. Estas foram tentativas de melhor apreender temas que envolvem o atletismo, na tentativa de organizar a grande quantidade de informações que surgiam, circulavam e já haviam ocorrido e assim selecionar informantes e temas a serem aprofundados.

Os documentos técnicos consultados foram os resultados, cadernos de competições, relatórios, regulamentos, convocações e outras informações que dizem respeito diretamente ao atletismo. Já os documentos do tipo não-impresso foram principalmente *sites* da internet contendo notícias e outros dados que circulavam referentes aos temas que interessavam sobre o atletismo.

No período em que este trabalho se desenvolveu, foram feitas viagens de acompanhamento a delegações em competições, entre as quais destaca-se a participação pessoal como treinador, representando a “Seleção Gaúcha” em Campeonatos Brasileiros Sub 23 – em 2005, em São Paulo, e 2006, em Porto Alegre – e Juvenis - em 2005, em Curitiba, e 2006, em São Paulo –, acompanhando a equipe em que trabalhava em GP’s Sul-americanos = no Uruguai e Porto Alegre, em 2005 –, no Troféu Brasil - realizado em 2005 e 2006, em São Paulo – e Campeonatos Estaduais nas categorias Menores, Juvenil, Sub-23 e Adulto, realizados principalmente em São Leopoldo e Porto Alegre. Destaca-se, ainda, uma participação como treinador da Seleção Brasileira Juvenil em 2005, em competição realizada na Argentina. Além destas competições maiores, ressalta-se uma diversidade de Copas Gaúchas realizadas com frequência quase semanal.

As “competições quentes” iniciam pela manhã, por volta de oito horas, e terminam por volta de dezessete horas, realizando-se aos sábados e domingos. Além do período na pista, os

ambientes de hotel, e o período da viagem, a maioria das vezes realizada de ônibus, foram determinantes e permitiram ver que a competição em si é apenas uma parte de uma série de acontecimentos que estão envolvidos nestes eventos.

A etapa de triangulação das informações obtidas nas conversas informais, entrevistas, observações e documentos, objetivou oportunizar uma visão ampla do fenômeno. Efetivamente, a triangulação buscou, além de relacionar os dados entre si, encontrar elementos que poderiam auxiliar nesta tentativa de olhar para o atletismo compreendendo as relações.

Focaliza-se esforços na tentativa de trazer elementos importantes que constituem o atletismo enquanto um fenômeno social e que se espera apresentar e refletir embasado na teoria configuracional (Elias, várias obras), compreendendo assim as interdependências e apontando o atletismo como um espaço de tensão ao se pensar nos esportes como um ambiente profissional.

Dito isto, cabe apresentar algumas considerações sobre esportes amadores e profissionais, fundamentais à proposta deste estudo.

## **5 O VIVER DE ATLETISMO**

Neste capítulo, abordar-se-á elementos que surgiram sobre o amadorismo, como exemplos presentes no atletismo, nesta busca de olhar para este esporte, encontrando nas relações de interdependência disputas e tensões que apresentam o atletismo como um meio de levar a vida.

Outro tema importante é a relação entre atletas e treinadores, que se apresentou como determinante no processo de levar a sério o esporte. A figura do treinador é essencial e muito particular no universo observado do atletismo. As tensões entre amadorismo e profissionalismo permanecem em disputa e como processos sociais, e estão em constante mudança. Encontram-se referências de que o atletismo, visto internacionalmente, pode ter “se rendido” ao profissionalismo, mas mesmo assim o atletismo que foi observado é ainda um esporte distante se comparado, por exemplo, as Copas Gaúchas como os grandes GP’s.

### **5.1 Atletas amadores, relato dos casos envolvendo o atletismo**

Para o entendimento dos conflitos e tensões, que ainda se fazem presentes entre valores amadores e profissionais que foram apresentados no capítulo anterior, empreende-se agora o breve relato de três atletas do atletismo. Os exemplos trazidos ilustram como alguns atletas de destaque internacional tiveram que abrir mão de recompensas e benefícios que o esporte poderia lhes proporcionar, para manter valores do amadorismo, como bens materiais e um treinador pessoal, que eram proibidos na época.

Estes três exemplos, mesmo que tenham se passado em locais distantes no tempo e no espaço, iniciando na Inglaterra da década de 20, passando pelo Brasil da década de 50 até os Estados Unidos da década de 70, possuem semelhanças e são importantes para se compreender este processo. Além de estarem relacionados com o atletismo, enfocam questões relativas a atitudes que eram antagônicas ao amadorismo encarado como uma ideologia, demonstrando assim que o “bom esporte” era aquele desprendido de recompensas financeiras ou auxílio técnico especializado. O esporte amador que excluía artesões, obreiros e

jornaleiros, agora é apresentado como um esporte acessível a todos os cidadãos e que promove a inclusão social, como referido pelo patrocinador da CBAAt.

O primeiro exemplo em que se nota que o conflito de valores amadores se faz presente é o filme *Carruagem de Fogo*. Mesmo se tratando de um fato que pode ter ocorrido somente na ficção, a ilustração de como eram algumas das relações são interessantes. Este filme foi vencedor de quatro Oscars em 1981, incluindo o de melhor filme. A história é baseada na trajetória atlética de Harold Abrahms e Eric Liddell corredores que defenderam a Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos de 1924, realizados em Paris. Em uma das cenas, o estudante de Cambridge Abrahms tem um diálogo particular com os diretores da universidade. Nesta conversa, ele é questionado sobre a contratação de um treinador para o aperfeiçoamento de sua técnica de corrida. Abrahms havia contratado um treinador italiano para auxiliá-lo. Os diretores salientavam que ficavam orgulhosos das proezas atléticas de seus alunos, que os jogos ajudam na educação de um inglês, formando o caráter, fomentando a coragem, honestidade e liderança, além de um empregável espírito de lealdade, camaradagem e responsabilidade mútua.

No entanto, o entusiasmo pelo sucesso teria levado o aluno/atleta a contratar um treinador pessoal. A atitude – fazer um acordo com alguém que o ajudasse a aprimorar a sua corrida – foi criticada pelos diretores e seria considerada, na época, inadequada para “a elite” do qual o aluno fazia parte. Ao criticarem o fato de ele ser treinado por um profissional, os dirigentes de Cambridge expressavam que esta situação incomodava os valores da elite inglesa.

Um outro caso interessante aconteceu com o atleta brasileiro Adhemar Ferreira da Silva. Em 1952, quando voltava de Helsinque, após conquistar sua primeira medalha de ouro em Jogos Olímpicos<sup>40</sup> no salto triplo, Adhemar tinha um dilema. Silviero (2000) relata que, ao chegar a São Paulo, o atleta foi surpreendido com uma campanha do jornal “A Gazeta Esportiva”, intitulada “Uma casa para Adhemar Ferreira da Silva”. Com esta atitude, o jornal buscava de alguma forma retribuir a emoção proporcionada pela medalha conquistada naqueles jogos. A Campanha contou com muitas doações, arrecadando na época Cr\$

---

<sup>40</sup> Que também era a primeira medalha da modalidade de atletismo em Jogos Olímpicos, junto com bronze com José Telles da Conceição, no salto em altura.

189.352,00, e as contribuições vieram de pessoas, clubes, lojas, associações etc. Ainda na Finlândia, o Comitê Olímpico Internacional advertiu o atleta que, por ser amador, não poderia se beneficiar materialmente por suas atuações esportivas. Houve ainda uma tentativa frustrada por parte do jornal de transferir a promoção para “a genitora” de Adhemar, e as contribuições foram devolvidas.

Outro caso interessante sobre este momento de tensão entre amadorismo e profissionalismo ocorreu com o corredor americano Steve Prefontaine, relatado por Katz (1997). Prefontaine foi o primeiro atleta patrocinado da empresa Nike no início dos anos 70. Na época, ocorria o surgimento desta empresa que foi fundada por um ex-corredor que fez sociedade com seu treinador. Bowerman, além de ser o treinador de Prefontaine, era também o ex-treinador de Phill Knight, que fundou a companhia que é hoje um dos símbolos mais populares e desejados pelos praticantes de esportes.

Quando no auge da sua carreira como corredor de meio fundo, Pre, com era conhecido popularmente, recebeu uma oferta “às claras” de cinco mil dólares para que usasse os calçados da Nike e uma camiseta de competição com a palavra “NIKE”.

Katz (1997, p. 85) relata que “os diretores da *Amateur Athletic Union (AAU)*<sup>41</sup>, não aprovaram isso, e os burocratas do esporte de todo o mundo se aborreceram com o fato de a hipocrisia do sistema de pagamento ser trazida à luz”. Esta atitude gerou uma carta de advertência da AAU de que ele deveria retirar de sua camiseta a palavra “NIKE”, sob o argumento de que violava as normas oficiais que regiam o esporte na época. Hoje, esta carta está exposta no museu dedicado a Prefontaine no *Nike World Campus*, sede mundial da empresa em Oregon, mostrando quem venceu esta disputa comercial, que colocava em cheque os valores do amadorismo ainda na década de 70.

Uma outra ilustração sobre este tema é apresentada por Smit (2007), ao abordar a investida da família Dassler, principalmente de Horst, filho de Adolf, de apelido Adi e idealizador da Adidas, nos Jogos Olímpicos de Melbourne, salientando que:

---

<sup>41</sup> Instituição que comandava os esportes olímpicos nos Estados Unidos até 1979.



[...] Horst revelou um projeto surpreendente: ao invés de vender os produtos Adidas, ele queria distribuí-los gratuitamente. Numa época em que a palavra dinheiro ainda tinha uma conotação ruim no mundo do atletismo internacional, a proposta era inteiramente nova. À época, eram os próprios atletas que pagavam pelos calçados; em alguns países mais ricos, podiam até receber um par da federação, mas na maioria dos casos, eles mesmos tinham que correr atrás do dinheiro (p. 80-81).

As “marcas” esportivas são importantes no entendimento da constituição do atletismo como um esporte que recebe investimentos. Uma das depoentes, Juliana, ressalta que recebe ajuda de custo por parte da sua equipe e da Confederação, através de programas da Caixa Econômica Federal, mas salienta que não recebe ajuda ou material de marcas esportivas. Aparentemente, existe um *status* diferenciado para aqueles atletas que recebem material esportivo além de ajudas financeiras.

[...] claro quem tem ajuda de uma marca esportiva, é muito melhor por que um atleta, quanto que ele gasta de material esportivo no ano? Quantos tênis? Quantos? Pô que nem... Vamos supor a atleta ele tendo uma determinada marca como patrocinador... Tem atletas aqui que tem marca esportiva, então pra eles é melhor e acaba juntando o útil ao agradável, mostrando a marca e usando produto.

O *status* dos atletas com patrocínios de “marcas” (fornecedores de material esportivo) se mostrou como uma distinção. Esta distinção ocorre nas relações atleta-atleta, atleta-equipe, atleta-confederação (ou outras instituições de controle do esporte), equipe-confederação ou ainda confederação-comitê olímpico. Aqui se tem um exemplo claro de como não se pode separar o indivíduo (atletas) de seu coletivo (sociedade ou, no caso, instituições relacionadas com o atletismo) e de que a interdependência é uma realidade geradora de conflitos.

Mostrar a marca, como salienta Juliana, além de expor a “sua marca” para os adversários e para a mídia, direciona o foco para aqueles poucos atletas que conseguem destaque através de seus resultados e despertam interesses comerciais presentes nesta configuração. As equipes que possuem um fornecedor dos uniformes também têm uma distinção importante em relação a outras equipes. Nos atletas, esta distinção pode causar conflitos como o exemplo apresentado anteriormente, em que Claudinei Quirino possuía um patrocinador individual e encontrou estratégias para dar visibilidade a ele, ao invés da marca da Confederação. Uma ressalva que aparentemente é importante notar que em “competições quentes” como *Meetings* Internacionais, os atletas podem utilizar em seus uniformes somente a logomarca do fornecedor de materiais esportivos (semelhante ao futebol em relação à Copa do Mundo). Talvez esta seja uma tentativa de manter alguns valores amadores em locais onde o profissionalismo está tão explícito. Se não fosse assim, não haveria problema em estampar

todos os patrocinadores na camisa de jogo da seleção brasileira de futebol, por exemplo. Observou-se que no Rio Grande do Sul as “marcas” esportivas não se fazem tão presentes no atletismo como em outros estados, mesmo que os atletas possuam resultados semelhantes. São poucos os atletas que mantêm contratos com fornecedores de material esportivo.

Além destas disputas evidenciadas por contratos com empresas e atletas, cada federação estadual do Brasil recebe cotas da confederação nacional e verbas para a realização de competições, e com isto estão em disputas interesses na realização das principais competições. Estes interesses em que os melhores atletas (Pratas da Casa ou Estrangeiros, como será apresentado a seguir) disputam as competições naquele estado podem levar este estado a ter um destaque em relação a outros. Ademais, uma série de privilégios existe para aquelas entidades que conseguem fazer o atletismo atraente frente à confederação, para os praticantes e para os investidores. Estas e outras inquietações serão abordadas ao apresentar as “competições quentes”.

Por hora, subdivide-se o patrocínio em quatro categorias, considerando a quem este se destina: a) patrocínio para as equipes; b) patrocínio individual para os atletas; c) patrocínio para as federações e confederações; e d) patrocínio de eventos e competições. Esta divisão busca demonstrar que investir no atletismo envolve um apanhado de agente e instituições com seus interesses em jogo. Quando for tratado das “competições quentes”, será ilustrado o caso do patrocínio da Caixa Econômica Federal com a CBAAt que aponta a complexidade que envolve os patrocínios atuais.

Difícilmente, nos dias de hoje, os casos anteriormente apresentados fariam parte do cotidiano esportivo: se, naquela época, ser atleta profissional – ou seja, tentar viver de esporte – ia contra valores morais, ideais e normas segundo os quais os atletas tinham que abrir mão de prêmios e benefícios para defender suas equipes, seleções nacionais, e sendo patrocinados por empresas, este vínculo tinha que ser velado; hoje em dia, o esporte se tornou um grande negócio em âmbito mundial. Como já se comentou, as disputas atualmente se dão entre patrocinadores de entidades que os atletas representam e os interesses pessoais dos atletas.

## 5.2 Competições quentes, em busca de índices e acessos importantes

As “competições quentes”, como já foi brevemente apresentado, são competições importantes, marcadas como objetivos principais dos atletas para a temporada que planejam. Em alguns casos, este planejamento, definido como planificação do treinamento, é feito em conjunto com seus treinadores, sendo elaborado anualmente, com objetivos para a temporada ou para um ciclo mais abrangente, como o olímpico, com duração de quatro anos. São apontadas as competições e, nestes períodos, os atletas devem, se o treinamento foi bem planejado e executado, conquistar os seus melhores resultados no momento certo.

Já foi mencionado que o atletismo não possui muitos espetáculos. Analisando o calendário nacional, encontram-se competições importantes que são centralizadas na mesma época do ano e que são realizadas em diferentes locais no Brasil. Em 2006 e 2007, o mês de maio foi apontado pela CBAAt como o mês do atletismo, pois neste período foram realizados grandes eventos, chamados aqui no Brasil de GP's ou *meetings*, para os quais são trazidos atletas importantes do exterior. A notícia abaixo expressa este assunto:

### MEETING GAÚCHO CAIXA ABRE MÊS DO ATLETISMO NO BRASIL

São Paulo – A pista da Sogipa, em Porto Alegre, será palco da inauguração do *Mês do Atletismo no Brasil* (grifo meu), com a disputa do Meeting Gaúcho Caixa de Atletismo, na manhã do domingo (7), a partir das 8:30. Nomes importantes do atletismo internacional já confirmaram a sua participação na capital do Rio Grande do Sul.

A Confederação Brasileira de Atletismo – CBAAt realizará mais três competições internacionais neste mês: o GP Rio, no Rio de Janeiro, no dia 14; o GP Caixa/Unifor, em Fortaleza, no dia 17; e o GP Brasil Caixa de Atletismo, em Belém, no dia 21.<sup>42</sup>

Como salientado, em 2006 estas competições foram realizadas nas cidades de Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE) e Belém (PA). No ano de 2007, a única mudança que ocorreu foi a da competição que foi de Porto Alegre para Uberlândia (MG).

Estas competições ocorrem no intervalo de duas semanas e fazem parte de um calendário internacional. Com exceção do GP de Belém, os demais são classificados como

---

<sup>42</sup> CBAAt.Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=1829&back=S>>. Acesso em: 1.º maio 2006.

competições de área, referente à área sul-americana, e mesmo com destaque no Brasil, não podem ser consideradas grandes competições internacionais.

Já o GP de Belém (Grande Premio Brasil Caixa de Atletismo – Belém) faz parte do *World Athletics Tours*, e inclui, segundo a IAAF<sup>43</sup>, no máximo 25 competições permitidas pela IAAF, divididas em dois níveis: o primeiro inclui a *Golden League Meeting* e os *Super Grand Prix Meetings*; e o segundo nível é nomeado de *Grand Prix Meetings*. O GP de Belém faz parte deste segundo nível, dos *Grand Prix Meetings*. As premiações mínimas também fazem parte da série de encargos necessários para se organizar estas competições, sendo que para a *Golden League Meetings* e para os *Super Grand Prix Meetings* a premiação mínima total da competição deve ser de US\$ 500.000, e para os *Grand Prix Meetings*, de US\$ 200.000. Sobre isto, Pilatti (2000) refere que:

A aquisição de valor comercial dos eventos colocou em xeque o mais tradicional dos conceitos do atletismo, o amadorismo. Em 1982, a emergência da espetacularização dos eventos impôs o abandono de tal conceito. Na prática, há muito, o amadorismo já não existia. (p. 21)

Estas competições, que emergiram ainda no início dos anos 80, fazem parte do que se pode denominar de configuração internacional, mas que se relaciona diretamente e se insere com a realidade nacional e regional do atletismo, pois estes grandes eventos são onde aqueles que levam o atletismo a sério querem chegar. Para alguns, a participação em um evento como as competições de área já é uma grande conquista.

Durante as observações, foi possível notar que nas competições de área existem algumas rotinas que já as diferenciam de tantas outras que os atletas participam. Além da possibilidade de premiação, algumas coisas são marcantes e importantes para o destaque e distinção destes eventos, coisas como área reservada para autoridades, área de aquecimento dos atletas isolada, distribuição de brindes para a torcida, transmissão televisiva, distribuição de isotônico para os atletas durante a prova, desfile de abertura, pronunciamento de autoridades, hino nacional e outras formalidades e rituais que marcam estas como grandes competições ou “competições quentes”.

---

<sup>43</sup> Disponível em <<http://www.iaaf.org/documents/pdf/regulations/WAT07/WATregulationsEngfinal.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2007.

Nestes GP's, os atletas não defendem seus clubes, mesmo que alguns utilizem o uniforme de suas equipes, nas súmulas, em que os resultados são registrados, são colocadas as nacionalidades dos atletas. Não existem premiações coletivas para países ou equipes, se fosse o caso, pois somente são entregues premiações individuais para os atletas. Esta então é uma competição que apresenta uma particularidade do atletismo, e de outros esportes individuais provavelmente, que são as “carreiras solo”. Nesse contexto, um atleta de destaque pode progredir e obter sucesso independente do desenvolvimento do atletismo como um todo em seu país ou em sua equipe.

O Troféu Brasil de Atletismo é a competição em que os atletas defendem as suas equipes, e é a principal competição do calendário nacional. A edição de 2007 do Troféu Brasil foi a XXVI edição e serviu como seletiva para a seleção brasileira que participou dos Jogos Pan-americanos do Rio 2007. Desde 2001, o título oficial da competição é Troféu Brasil/Caixa de Atletismo.

Realizado pela CBAAt com patrocínio da Caixa Econômica Federal, vem ocorrendo desde 2003 no Estádio Ícaro de Castro Melo, no Ibirapuera, mas possui caráter itinerante. O Troféu, como é chamado pelos nativos do atletismo, já foi realizado no Rio Grande do Sul por duas oportunidades: na cidade de Porto Alegre, em 1976, quando a competição foi dividida em três etapas; e em São Leopoldo, no ano de 1997, quando as disputas foram divididas em duas etapas. Silva (1983) informa que a competição antecessora ao Troféu Brasil era chamada de Troféu Ademar de Barros, e era realizada no início dos anos 40.

Segundo a CBAAt<sup>44</sup>, o Troféu Brasil foi “instituído em 1945 pela Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo; a partir de 1968, passou para a supervisão técnica da Confederação Brasileira de Desportos e posteriormente para a realização da Confederação Brasileira de Atletismo”.

Observando as equipes vencedoras nas edições do Troféu Brasil (Apêndice B), a polarização entre cariocas e paulistas se mostra muito presente, e clubes tradicionais, como São Paulo, Botafogo, Fluminense, Pinheiros, Vasco e Flamengo, foram as equipes com

---

<sup>44</sup> Disponível em: <[http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/clubes\\_campeoes.asp](http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/clubes_campeoes.asp)> acessado em 5/07/2007 à 15hs

principal destaque nos anos iniciais da disputa desta competição. A melhor colocação de uma equipe gaúcha foi do Grêmio, que entre 1955 e 1961 ficou com a segunda colocação, quando eram realizadas dez disputas e aqueles com mais conquistas venciam a competição.

A partir de 1993, a vencedora veio a ser a equipe Funilense, que desde então se constituiu como uma grande equipe e para onde os principais atletas se deslocavam. Em 2002, a equipe da Funilense passou a ser BM&F, que vem sendo a equipe campeã do Troféu desde então.

A participação de atletas estrangeiros no Troféu Brasil é proibida em seu regulamento<sup>45</sup>, e o ano de 1997 foi determinante para isso. Na época, as equipes Funilense (SP) e Bingo Arpoador (RJ) disputavam acirradamente o Troféu Brasil e recrutaram muitos atletas estrangeiros, que vinham somente para a disputa desta competição e retornavam ao seu país de origem. Este recrutamento fez com que a confederação limitasse a participação no Troféu Brasil somente para atletas brasileiros, e atletas estrangeiros eventualmente participam como convidados, mas sem valer pontuação para as equipes.

O Troféu Brasil se apresenta como a grande competição do país, pois diferente dos GP's, que ocorrem em um dia e somente com algumas provas em disputa, no Troféu são disputadas todas as provas de pista e campo, e a competição ocorre durante cinco dias. Na observação da competição, o domingo pela manhã é o grande dia, pois neste turno são centralizadas as atenções nas principais provas. Além de transmissão ao vivo pela televisão, os patrocinadores promovem estratégias e ações para que o público compareça em grande número. Entre as ações, observa-se que a BM&F, além de patrocinar a principal equipe de atletismo do Brasil, realiza uma grande ação promocional: no domingo da competição mais de sessenta ônibus levam alunos de diversas escolas de São Paulo para o estádio no parque do Ibirapuera, onde é realizada a competição, e recebem um kit com camiseta, boné, e lanche. Após, os principais atletas vão para o ginásio e distribuem autógrafos para os alunos que passam o dia em função da competição, acompanhados pelos professores ou monitores. Resumindo, a importância do Troféu Brasil é fundamental para quem quer viver de atletismo,

---

<sup>45</sup>Todos os itens referentes ao regulamento do Troféu Brasil foram retirados de: <http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/regulamento.asp>

pois, como já foi salientado, a equipe é o lugar dos atletas, e a grande competição das equipes é o troféu.

A equipe vencedora do Troféu Brasil é escolhida por somatório de pontos. Segundo o regulamento, os oito atletas primeiros colocados nas diversas provas obtêm a seguinte colocação: 1.º lugar, 13 pontos; 2.º lugar, 8 pontos; 3.º lugar, 6 pontos; 4.º lugar, 5 pontos; 5.º lugar, 4 pontos; 6.º lugar, 3 pontos; 7.º lugar, 2 pontos; e 8.º lugar, 1 ponto.

Além desta pontuação, as provas de revezamento e combinadas possuem pontuação dobrada, e é acrescida à pontuação nas provas uma bonificação em caso de quebra de recorde (Recorde do Troféu – 5 pontos; Recorde Brasileiro Adulto – 7 pontos; Recorde Sul-Americano Adulto – 10 pontos). Existe uma premiação masculina, uma feminina e uma geral. Abaixo, alguns registros dos diários de campo referentes a esta competição:

Trechos do Diário de Campo saída para o TROFÉU BRASIL DE ATLETISMO  
setembro de 2006

Sendo o Troféu Brasil a principal competição de clubes do país, a preparação de uma equipe para esta competição envolve uma série de profissionais e mobilização de infra-estrutura para uma participação adequada e com destaque. Na equipe em que trabalhava, além dos atletas e treinadores estão envolvidos nesta competição responsáveis administrativos, profissionais de fisioterapia e assessoria de imprensa. Assim como os ‘instrumentos de trabalhos’ de cada um destes setores dêem ser checados antes da viagem tais como: maca, aparelhos para tratamento, medicamentos, computadores (laptop), ‘Press kits’ para divulgação da equipe, máquina fotográfica e uniformes. Além destes existem os materiais propriamente para a prática do atletismo como implementos (peso, disco, martelo, dardo) varas dos atletas saltadores e de provas combinadas (cada um com aproximadamente 3 ou 4 varas). Outros materiais pessoais são de responsabilidade dos atletas.

A viagem de avião constitui para alguns a primeira viagem deste tipo, que entre outras coisas, mostra uma das diversas novas experiências que o atletismo pode proporcionar aos seus praticantes.

A saída da delegação de Canoas ocorreu na terça feira dia 19 de setembro, com transporte de ônibus até aeroporto, e viagem para São Paulo, descendo no aeroporto Congonhas e com contatos em São Paulo que fazem o encaminhamento do aeroporto até o hotel. O hotel era um chamado ‘flat’, próximo da pista e onde se encontrava hospedada uma outra equipe concorrente. Diferente de outros esportes, o trânsito de atletas de equipes concorrentes ocorre no hotel para ‘visitar os amigos’ ocorre aparentemente sem problemas. A ‘concentração’ não tem o mesmo rigor que é apresentado como no futebol e voleibol, mas horários de silêncio, reuniões e a disciplina aparentemente são semelhantes. A delegação das equipes é formada por atletas masculinos e femininos o convívio entre ambos ocorre normalmente.

Os prêmios distribuídos àqueles que conseguem subir ao pódio no Troféu Brasil foram da seguinte importância, em 2007: 1.º lugar, R\$ 500,00; 2.º lugar, R\$ 400,00; e 3.º lugar, R\$

200,00. Nas provas de revezamento, a premiação prevista acima é multiplicada por dois e dividida por quatro, e paga aos atletas que compõem a equipe nas finais das provas.

Um outro conjunto que pode ser considerado como competição importante no atletismo são os campeonatos brasileiros das categorias menores, juvenil e sub-23. Nestas competições, só podem participar atletas que estão no *ranking* entre os dez primeiros resultados nacionais até uma data preestabelecida. Nesta competição os atletas representam o Estado do Rio Grande do Sul, formando uma seleção gaúcha. Além daqueles atletas que conseguem entrar no *ranking*, outros podem ser indicados, já que cada Federação tem o direito de incluir atletas para os brasileiros. A quantidade de indicados depende do número de atletas “ranqueados” por estado. Este é um tema que gera polêmica, por se constituir em uma escolha por interesse, e, muitas vezes, critérios que não são baseados nos resultados se sobrepõem.

Outro tema que é de grande debate nas rodas de conversas são as convocações de treinadores para estas competições, cujo critério obedece duas lógicas: a primeira prima pela “qualidade”, ou seja, aqueles treinadores com atletas que estão nas primeiras colocações no *ranking* são escolhidos primeiramente; e um segundo critério, chamado pelos treinadores de “quantidade”, busca incluir na delegação aqueles treinadores que possuem o maior número de atletas, independente da colocação. A seleção dos treinadores pela “qualidade” é determinante e ocorre em um primeiro momento, pois o Estado vencedor dos Campeonatos Brasileiros é aquele com maior número de medalhas, de ouro, prata e bronze, nesta ordem e correspondente à primeira, segunda e terceira colocações. Este é, igualmente, o critério utilizado nos Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais de Atletismo e nos Campeonatos Pan-Americanos.

Tomando o cenário regional, têm-se como principais competições os campeonatos estaduais organizados pela FAERGS. A lógica é semelhante à do Troféu Brasil, e é uma das competições mais importantes do ano – é a grande competição para as equipes. Funciona com sistema de pontuação, mas com valores diferentes: 1.º lugar, 10 pontos; 2.º lugar, 8 pontos; 3.º lugar, 6 pontos; 4.º lugar, 5 pontos; 5.º lugar, 4 pontos; 6.º lugar, 3 pontos.; 7.º lugar, 2 pontos; e 8.º lugar, 1 ponto.

As provas de revezamento e combinadas também possuem pontuação dobrada, e é acrescida à pontuação nas provas a bonificação por recordes (Recorde do Campeonato –3



pontos; Recorde Estadual – 5 pontos; Recorde Brasileiro – 7 pontos; e Recorde Sul Americano Adulto – 10 pontos). Existe uma premiação masculina, uma feminina e uma geral.

Os campeonatos estaduais realizados em 2006 foram em um total de oito categorias: iniciantes (para crianças até 9, 10 e 11 anos, no ano da competição), pré-mirim (para crianças até 11, 12, 13 anos, no ano da competição), mirim (para crianças até 12, 13, 14 anos, no ano da competição), menores (para atletas com 15, 16 e 17 anos, no ano da competição), juvenil (para atletas com 16, 17, 18 e 19 anos, no ano da competição), sub 23 (para atletas com 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 anos, no ano da competição), adulto (a partir de 16 anos no ano da competição), e o estadual de maratona.

Cabe aqui ressaltar que os campeonatos nas categorias menores, juvenil, sub 23 e adulto possuem o nome “CAIXA” associado à competição. Segundo Castro (2005), esta é uma das estratégias que a empresa, que é a patrocinadora da CBAAt, tomou para promover sua marca no atletismo e que acrescenta o nome da empresa às grandes competições nacionais. Esta estratégia também é chamado de *title sponsor*. Por exemplo, a denominação dos Campeonatos Estaduais Juvenis (até 19 anos) é “Campeonatos Estaduais Caixa de Atletismo Juvenil”, porque, para estas competições, a federação estadual (FAERGS no Rio Grande do Sul) recebe uma cota da CBAAt, paga pela Caixa Econômica Federal, para o custeio deste evento, como já foi referido anteriormente.

As competições nas categorias Master (chamado também de veteranos) não sofre influência da FAERGS, porque conta com uma entidade própria, que é a Associação dos Veteranos Gaúchos de Atletismo (AVEGA), e, ainda, porque a confederação delegou a direção do Atletismo Master no Brasil à Associação Brasileira de Atletismo Master (ABRAM). Assim, as categorias Master possuem a sua própria estrutura, que não será aprofundada neste estudo, mas merece esta pequena ressalva.

Antes de finalizar a apresentação sobre as “competições quentes”, cabe um breve relato sobre as Copas Gaúchas:

As Copas Gaúchas são competições planejadas para a temporada, mas acordadas em muitos momentos de última hora. É comum encontrar em uma Copa Gaúcha, atletas e treinadores desempenhando a função de árbitro, por exemplo. Todos os envolvidos nas Copas Gaúchas o fazem de maneira voluntária e parece claro para todos que aquele é um ambiente necessário para o desenvolvimento do atletismo. A divulgação

muitas vezes ocorre de última hora, até mesmo no dia anterior. Quando existem casos de atletas em busca de índices, ou a necessidade de uma ‘homologação’ das marcas, se solicita anteriormente um delegado técnico para a CBAAt e o custo deste delegado é rachado entre os interessados. Mesmo assim a Copa Gaúcha poderia ser definida como uma competição informal. Ainda que com a informalidade da confecção das súmulas, da medição dos saltos e arremessos e a tomada dos tempos tudo é feito com uma tentativa de imparcialidade. Algumas vezes treinadores conferem a marca de próprios atletas, mas existe um código de confiança entre os agentes que permite que este ambiente ocorra, mesmo que em alguns momentos se duvide de marcas obtidas e este se torna um dos assuntos das ‘rodinhas’ de conversas. Fazendo uma analogia com o futebol, poderia ser comparado a um jogo ‘varzeano’, sem depreciar tal prática. Algumas vezes chega a ser anunciada premiação de medalha ou certificados para os participantes, no entanto observei que este fato raramente ocorre. No ano de 2006 foram realizadas 23 etapas da Copa Gaúcha em diferentes lugares, mas com mais frequência na pista da SOGIPA.

Retomando as “competições quentes”, o sistema de pontuação dos campeonatos estaduais chegou a ser colocado em questão no ano de 2005. Alguns treinadores levantaram a questão que seria melhor que o vencedor do Campeonato Estadual fosse a equipe com maior número de medalhas de ouro. Tal mudança foi bastante debatida e se chegou à conclusão de que, desta forma, o número de praticantes de atletismo (que já não é muito elevado) poderia diminuir consideravelmente, pois bastava para uma equipe ter alguns campeões, sendo desnecessária uma quantidade grande de atletas. Observando como uma configuração, notou-se que os representantes das equipes concluíram que ter uma equipe com poucos atletas “não era bom para o atletismo”, como alguns treinadores falavam na época em algumas das rodinhas, e que se o esporte fosse massificado tal mudança seria possível. É comum encontrar em campeonatos de atletismo, como nos estaduais da categoria adulta, atletas de categorias juvenis e menores competindo, pois pelo sistema de pontos se faz necessário uma quantidade elevada de atletas. É pensando neste assunto que se entende o atletismo como um esporte que permanece com resistências ao profissionalismo e com algumas mudanças tardias em relação a outros esportes.

### **5.3 O atletismo, um esporte que resiste ao profissionalismo**

É importante ressaltar que o atletismo é um esporte individual, e diferente do futebol. Segundo Damo (2005), o atletismo pode ser uma profissão autônoma, existindo espaço para “solistas” e “monólogos”. Isto pode ser identificado no fato de que muitos atletas possuem vínculos com clubes de outros estados onde treinam, com treinadores que “enviam” os

treinamentos por e-mail ou fax, criando assim uma singularidade nas relações presentes entre atleta, treinador, patrocinadores, clubes e entidades que administram os esportes. A dinâmica envolvendo atletas, clubes, instituições diretivas e treinadores é bem diferente de outros esportes, e esta questão vai ser aprofundada neste momento.

No atletismo, o atleta poderia ser definido<sup>46</sup> como o sujeito ou agente que pratica este esporte com a finalidade de participar das competições oficiais (“quentes” ou não) e que faz parte do sistema formal deste esporte. Os atletas estão inseridos neste universo, com sua participação em treinamentos e filiação, representando uma equipe. Esta equipe por sua vez filia o atleta na Confederação Brasileira, por intermédio da Federação Estadual, e busca vários objetivos com a vinculação daquele atleta à sua equipe. O desempenho do atleta equivale a um capital simbólico, que pode ser “trocado” ou relacionado ao sucesso, como os patrocínios. Por hora, coloca-se os atletas de lado, voltando-se a atenção para a principal instituição do atletismo.

Para esclarecer um pouco mais sobre a Federação Internacional (IAAF), alguns elementos apresentados contribuem para entender por que se afirmou que o atletismo é um esporte que pode ser considerado resistente ao profissionalismo. Descreve as instituições que regulam o esporte, no caso do atletismo, a palavra “amadora” (*amateur* em língua inglesa) expressa no nome de entidades que organizavam a modalidade, como foi apresentado no capítulo 2, que o *Amateur Athletic Club* era responsável pela elaboração do estatuto do amadorismo, e salientava a distinção entre quem poderia ou não praticar atletismo, bem como a *Amateur Athletic Union*, instituição norte-americana que advertiu o atleta Prefontaine a não utilizar “Nike” em seus uniformes.

Sobre a IAAF, quando de seu surgimento em 1912, denominava-se, então, Federação Internacional de Atletismo Amador, e perpetuava uma maneira de fazer atletismo vinculada à idéia que os atletas deveriam abrir mão de privilégios, por estarem competindo “por esporte”. Entretanto, o termo “amador” foi trocado pela palavra “associado”, sem alterar a sigla IAAF, agora, Federação Internacional de Atletismo Associado. A justificativa dada pela entidade foi que a palavra “amador” possuía uma conotação negativa em muitos países, mas justificou que

---

<sup>46</sup> Com o uso do termo definir, não esperamos dar conta das diferentes formas de “ser atleta”, apenas pretendemos enunciar quem são estes sujeitos.

os dirigentes tinham conhecimento das mudanças que o esporte estava sofrendo. Estas mudanças foram anunciadas próximas ao Campeonato Mundial de 2001, em Edmontão, no 43.º Congresso da IAAF, alterando-se, também, a logomarca da entidade.

A IAAF assume em seu *site* que já havia abandonado a concepção tradicional de amadorismo em 1982, e em 1985 criou fundos de auxílio para atletas. Outra medida adotada foi a introdução de prêmios em dinheiro a partir de 1997 para aqueles atletas que obtinham sucesso nas competições importantes, mesmo que as mudanças no nome da entidade viessem a ocorrer somente em 2001. Inicialmente, utilizava na logomarca a escrita “*Global Athletics*”, passando a “*IAAF Athletics*”, posteriormente, como salientado a seguir:



**Ilustração 6** – Antiga logomarca da IAAF



**Ilustração 7** – Nova logomarca da IAAF

Torna-se relevante citar que Pilatti (2000) utiliza, em sua dissertação, a sigla FIAA para designar a IAAF. No presente estudo, utiliza-se a sigla original, por acreditar ser importante mantê-la, porque é a utilizada em discussões e publicações internacionais da modalidade. Sobre as mudanças que este autor observava ainda em 2000, ao analisar os objetivos da entidade, o autor salienta que:

Podemos argumentar que a função precípua da FIAA (IAAF) é promover o desenvolvimento do atletismo em todo o mundo, sem distinção de raça, sexo, cultura ou situação econômica. A disfunção existente nesse nível de objetivos refere-se à manutenção do ideário amador. Como veremos adiante, a própria FIAA assumiu o abandono desse conceito no início da década de 80, apesar de ter mantido a terminologia ‘amador’ em seu estatuto e definição. (p. 11)

Pilatti, no ano 2000, previu as mudanças que estavam emergindo nesta entidade, como o nome e a logomarca. O maior órgão do atletismo mundial passou, então, a se chamar Federação Internacional de Associações Atléticas (*International Association of Athletics Federations*), no lugar de Federação Internacional de Atletismo Amador (*International Amateur Athletics Federations*), seguindo as tendências e apontamentos salientados pelo autor, como uma adequação ao mercado, cercada de um aparato legal e com promoções de eventos esportivos cada vez mais frequentes, como Campeonatos Mundiais e Copas do Mundo, eventos em ambiente fechados (*indoor*), Circuito de Grandes Prêmios (GP’s) entre outros. Anterior a estes eventos introduzidos recentemente, a única competição de grande relevância internacional do atletismo eram os Jogos Olímpicos.

Dentro desta idéia, Sewart (1985) destaca que a palavra “amador” adquiriu uma conotação pejorativa no mundo comercializado e cientificado que a civilização vive na atualidade. Elias e Dunning (1992) apontam o crescimento da seriedade no esporte, como já foi mencionado, através das redes de interdependência, a formação do Estado e a democratização funcional como processos que contribuíram para este fato.

Neste contexto, ninguém é insultado por ser chamado de profissional, assim como também ninguém gosta de ser referido como amador. Os amadores, em épocas passadas, sofriam fortes pressões comerciais. Segundo Sewart (1985), a prática do puro amadorismo não é normalmente ilógica para o astro esportivo, é sim impraticável e impossível.

Existia uma distinção da elite com as classes operárias, e no esporte ocorria uma separação entre aqueles que levam o esporte “a sério”, tirando benefícios de suas habilidades atléticas, e aqueles com uma posição de desprendimento, que viam o esporte como algo “puro”, que não deveria ser contaminado pelo profissionalismo. Sobre isto, Dunning e Sheard (2005) distinguem bem os significados antagônicos do *Gentleman* (cavalheiro) e *Player* (jogador).

Com o desenvolvimento dos corpos diretivos que governam o esporte em nível global, as Federações Internacionais e o Comitê Olímpico Internacional, a denominação de amadores e profissionais era uma definição com restrições. Assim, estas entidades que controlam o esporte globalmente e que possuem suas afiliadas regionalmente eram responsáveis por denominar os limites de benefícios “autorizados” que os atletas poderiam receber, como bolsa de estudos, suprimentos atléticos e compensações financeiras, sem serem considerados profissionais.

Com estas “frestas” que se abriam na distinção dos profissionais e dos amadores, existia uma atmosfera de mentiras, fraudes e hipocrisias, como os casos citados anteriormente de Adhemar Ferreira e Steve Prefontaine, entre tantos outros. Então, em menos de cem anos, desde o final do século XIX, não ocorreu só uma mudança de palavras e conceitos, mas, sim, de ideais, e como salientam Dunning e Sheard (2005) e Sewart (1985), altera-se o *ethos* amador, que distinguia as elites das *Public Schools* das camadas populares. É por esta razão que nos dias de hoje os prêmios materiais são ostentados e reverenciados no atletismo, como não eram tempos atrás. Nos pódios, os atletas recebem, além da medalha, barras de ouro nas séries de GP’s da *Golden League* e ostentam enormes cheques, simbólicos no tamanho, mas economicamente verdadeiros nos valores, referentes a seus cachês e premiações de alguns milhares de dólares ou barras de ouro, como se pode observar abaixo.



**Ilustração 8** – Atletas ostentam a sua premiação “em ouro” na *Golden League*



**Ilustração 9** – Atletas ostentam a sua premiação “em ouro” na *Golgen League*  
 Fonte: IAAF

No entanto, a grande mudança nesta configuração mundial ocorreu como a partir do início dos anos 80, cabendo apresentar algumas relações do atletismo e eventos internacionais que mostram uma profissionalização tardia. Os primeiros campeonatos mundiais de atletismo foram realizados em 1983, na cidade de Helsinque, e contaram com 1.355 atletas de 153 países. Após anos sem uma periodicidade regular, o evento se tornou bianual. A edição realizada em 2007 será em Osaka, e será o 11.º Campeonato Mundial de Atletismo. Para esta competição, a IAAF faz questão de salientar que premiará com cheques de U\$ 60.000 para os vencedores das provas e mais uma bonificação de U\$ 100.000 para eventuais recordes mundiais que possam ser batidos.

Além desta, que é uma competição adulta, são realizados Campeonatos Mundiais de Categorias Juvenil e Menores, mas que estão ainda em suas primeiras edições – na categoria menores, foram realizadas cinco edições, a primeira na Polônia em 1999. A criação da categoria sub 23 se apresenta como relevante para se entender como se estabelecem algumas estratégias para que os atletas permaneçam praticando atletismo. A criação da Categoria Sub 23 ocorreu no ano de 2004, e foi uma estratégia da CBAAt, motivada para que aqueles atletas juvenis, ao ingressarem na categoria adulta, ainda tivessem oportunidade de não “levarem pau”, como se diz, quando alguém novato perde para os veteranos sem muitas chances de competir. Como a entidade salienta:

As competições sub 23 surgiram da necessidade de integrar os atletas recém-saídos da categoria juvenil (até 19 anos) à adulta. A esta altura, no entanto, além de atender

a este propósito, também os eventos sub 23 ganharam tal interesse que já garantiram um lugar definitivo no calendário nacional.<sup>47</sup>

Ainda não são realizados Campeonatos Mundiais na categoria Sub-23 e competições Sul-Americanas e em outros níveis estão sendo desenvolvidas gradativamente. Isto indica que são recentes no atletismo iniciativas que em outros esportes estão organizadas há mais tempo. No futebol, o primeiro campeonato mundial organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) ocorreu em 1950, no Uruguai, e o primeiro mundial registrado pela *Fédération Internationale de Volleyball* (FIVB) no voleibol ocorreu em 1949, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A *International Basketball Federation* (FIBA), mantendo a sigla origina em francês – *Fédération Internationale de Basketball Amateur* – que organiza o basquete, realizou o primeiro campeonato mundial em 1950, na Argentina. Mesmo que os exemplos apresentados tenham sido de esportes coletivos, na natação, o primeiro campeonato mundial organizado pela *Fédération Internationale de Natation* (FINA) ocorreu em 1973, na Iugoslávia.

Deslocando a discussão das instituições, mas aproximando dos atletas no contexto do Rio Grande do Sul, vale lembrar que “o viver de atletismo” está diretamente ligado a ter acessos a competições importantes, pois somente assim a visibilidades dos atletas atrairá investidores. Os resultados destes atletas é que determinam em quais competições eles podem participar, seja através de índices alcançados, ou de colocações que estes ocupam no *ranking* estabelecido pelas entidades que gerenciam o atletismo (CBAt e IAAF). O atleta é aquele que treina para competir, e com um investimento diário e de longo prazo em seu corpo, este passa a ser o instrumento para o sucesso. Observou-se nos depoimentos que as horas de treinamentos são importantes, e organizadas com algumas particularidades:

Eu treino geralmente todos os dias, sábado e domingo também, geralmente domingo é só rodagem, faço um mais longo 20km, depende. (Miguel)

É variado, é variado, por que com o Pedro (treinador de Juliana) ele não segue o tipo aquele negócio que você pode dizer: Ah, segunda, quartas e sextas assim na pista, ele é uma caixinha de surpresas sabe ele monta cada ano é um treinamento diferente. Eu posso dizer tipo assim, eu treino com ele 7 anos, mas todo anos é uma base diferente, é um ano de treinamento diferente, tipo pela minha semana de agora ai... esta semana agora que eu tô fazendo treinamento já pós treinos de pista, intercalado com... pista e musculação junto rodagem também, então varia tem dias que eu vou ter dois turno tem horas que... ontem era pra ser tipo um turno só que tem fator de

---

<sup>47</sup> CBAt. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/competicoes/brasileiro\\_sub23/default.asp](http://www.cbat.org.br/competicoes/brasileiro_sub23/default.asp)>. Acesso em: 2 mar. 2007.



que ontem eu não ter podido realizado o treinamento de tarde eu tipo transferi pra hoje de manhã que ai choveu e me prejudicou de novo, mas eu ter que vim fazer de qualquer maneira de tarde o treinamento de musculação por que em período de base a gente tem que fazer, então tem dias que varia. Dois turnos, já cheguei a fazer três turnos, dois de manhã e um a tarde, tipo é... Uma seção tipo rodagem de manhãs cedo, 6hs da manhã, ai 10 horas da manhã pista e depois no final da tarde uma rodagemzinha também. (Juliana)

Então partindo da questão de treinamento. A gente faz... A gente divide em períodos, há... Épocas em que a gente trabalha força, que a gente fala uma pré-base uma base, um pré-específico, e o específico, seria né um trabalho de força, trabalho de preparação pra competição e o trabalho para a competição propriamente dito, a gente divide em etapas o treinamento, isso varia de 5, 4, 5 6 meses, até a gente entrar na fase competitiva novamente ai depois fazia um descanso de 1 mês, um mês e meio e retomava de novo com a pré-base, a base, o pré-específico, e o específico novamente então é um ciclo né, então... na verdade parar era muito pouco. (João)

Entre os depoimentos, chama atenção o depoimento de Luciana, atleta da modalidade de salto e com de 25 anos de idade, ao ser perguntada como são organizados os seus treinos. Ela responde:

O Gustavo (treinador 'gaúcho' de Luciana) sempre fazia a preparação, a periodização, né... Ginástica de condicionamento, base, toda semana e dava pra gente. E o Cubano (outros treinador) a gente fazia com ele, não adiantava ele passar o treino e a gente não saber o que estava fazendo. Então a gente ajudava a gente a fazer os saltos, a periodização. Com o Ernesto (cubano). O Leandro (treinador 'paulista' de Luciana) também não fala assim, ele que faz o treinamento todo, ele só fala para a gente as competições que a gente vai participar. E por que a gente ta fazendo tal treinamento em tal época a gente não participa muito do trabalho dele de montagem do treinamento, de preparação, a gente sabe mais ou menos quando vai competir e o tipo de trabalho.

Pergunta: Tem algum jeito que te agrada mais? Ou que acha mais interessante?

Tem uma coisa que eu gosto assim, que o Gustavo não fazia e que o Leandro faz é mandar o treino antes, tipo na Segunda-feira tu sabe todo o treino da semana todo e sabe por que que tá fazendo. Por que eu não gosto de fazer as coisas quando eu não sei o que eu vou fazer. Então eu acho que tu já vai preparada pra fazer as coisas. Em Clemson era assim: Hoje tu vai saltar. Eu não tava preparada para saltar, não tava preparada para fazer aquilo. Eu vejo o treino no domingo a noite ou segunda de manhã olhar, hoje a tarde vai ter salto, e eu já vou mais preparada para aquilo. Agora chegar na hora e querer saltar comigo não funciona. Eu quero saber o que vou fazer para estar organizada. Até em material. Sapatos e tal.

Luciana possui uma carreira atlética na qual passou por vários treinadores, mas nunca trocou de equipe. Aparentemente, seria uma "Prata da Casa", mas considerando que é uma atleta que defende uma equipe do Rio Grande do Sul e treina em São Paulo, notam-se algumas das particularidades do atletismo e das interdependências específicas desta configuração. Luciana, mesmo passando por outros treinadores, tem um treinador que é, e sempre foi, o responsável por ela em sua equipe, mas buscou um treinador e toda uma estrutura em São Paulo, para melhor aprimorar seus saltos. Entre outras experiências, pôde

treinar com treinadores cubanos, bem como, posteriormente, treinar e competir nos Estados Unidos, sem abandonar a sua equipe no Rio Grande do Sul. Ao perguntar como era isso de sair do país e não trocar de equipe, a resposta foi a seguinte:

Bom quando eu tava em Clemson, eu competia por Clemson e quando eu vinha para o Brasil eu competia pela SOGIPA. Só que só teve uma competição que eu pude vir que foi o Troféu Brasil de 2005, por que os outros anos eu vim 2002, 2003 e 2004 eu não podia competir aqui direito, como eu tinha que competir lá por causa da bolsa, então eu fiquei lá e não competi daí 2005. Eu competi e vim com a SOGIPA e no final de 2005 eu fui lá ver para ir para a BM&F e eu não fui mais por que tava dando muita confusão na SOGIPA e eu vi que o Gustavo (treinador de Luciana) ia se enrolar e ficar sem atleta e fizeram uma proposta boa, e quando tu estás em uma equipe grande é assim, tu te machuca, começa mal o ano te mandam embora. Não vêem a tua história na equipe quando tu é nova, e na SOGIPA era diferente, quando eles pagavam direitinho, podia te machucar, podia não fazer resultado que eles continuavam te pagando e continuavam dando o valor que tu merecia, mesmo se tu não desse resultado pra equipe. E equipes grandes que nem a BM&F, não é assim. Tu não faz resultado, te machuca eles te mandam embora e pegam outro. Então eu levei isto em consideração também, além da minha história que faziam anos, a minha história com o Gustavo, eu levei em consideração isso, achando que seria difícil, chegar na BM&F e não conseguir alguma coisa, ter que voltar para a SOGIPA ia ser complicado...

A decisão de Luciana em não trocar de equipe, mesmo buscando um novo treinador, está baseada na lógica “Pratas da Casa x Estrangeiros/Estabelecidos x *Outsiders*”. Segundo a atleta, “ter história” na equipe é importante aqui no Rio Grande do Sul, já em uma equipe grande de São Paulo, seria “mais uma saltadora entre tantas outras” e não teria o destaque na instituição que defende que possui aqui. Também a possibilidade de se lesionar ou deixar de fazer bons resultados em uma equipe grande seria tratado de maneira diferente do que na sua equipe. Luciana mostra que o atleta pode pesar vários fatores em uma decisão como esta e que não é simplesmente uma escolha motivada pelos ganhos financeiros que determinam as trocas de equipes. Esta resistência em se transferir para a principal equipe de atletismo brasileira mostra que, no atletismo, ainda existem resistências e apego a valores que não levam em conta aspectos que se pode chamar de “profissionais”, ou seja, existem outras coisas importantes que se colocam na balança neste jogo.

É interessante contrastar com a experiência de João ao responder por que trocou uma equipe no interior do Rio Grande do Sul, quando ainda tinha 18 anos, por uma equipe grande da época no Rio de Janeiro:

[...] como eu te falei na época que ainda criança eu acredito que com a visão e o conhecimento que eu tenho hoje eu queria mesmo era uma oportunidade... De melhorar de crescer de poder treinar de ser o atleta que eu fui, eu até estou muito

satisfeito pelo que eu fiz dentro do atletismo, então na época não importava aonde e como eu queria seguir e dar seqüência nos meus treinamentos. E... Até cheguei a contatar, alguns na época, não fui nem eu, o meu professor de Ed. Física algum clube aqui do Rio Grande do Sul, mas acabou que não deu certo, não foi nem por cobrança de dinheiro, eu até nem sei dizer por que, mas ai veio a proposta do Rio, e eu abracei e fui por que a vontade era muito grande de seguir e ser um vencedor, né.

Para João, então, como fica claro, não importava aonde e como, o que ele queria mesmo era buscar melhorar seus resultados. Na entrevista, quando perguntado sobre o que achava do Rio Grande do Sul em relação a outros lugares que ele conhecia, a resposta de João foi:

[...] quando eu fui pro Rio de Janeiro, o fato de ganhar um par de tênis pra treinar era uma grande coisa, sabe, era uma coisa assim que... Bah! Dizia: ‘Ganhei um tênis novo, sabe, tô com um tênis novo pra correr, ganhei uma sapatilha’. Ah... Pista sintética era raro, na época geralmente corria em pista de carvão. Hoje até cronometragem eletrônica a gente tem nas provas...

Os exemplos acima ilustram dois atletas que são gaúchos, com trajetórias de vida diferentes, e com atitudes diferentes frente à oportunidade de troca de equipe, relação com seus treinadores etc. Não é pertinente apontar qual está certo ou errado, mas nota-se que, por exemplo, Luciana teve sua trajetória em uma equipe gaúcha, onde ela era uma atleta importante, mantendo vínculos inclusive enquanto estudava no exterior, que se importava também com seu treinador, que “poderia ficar sem atleta”. Então, é uma relação diferente da de João, que surgiu em uma equipe pequena no interior do Rio Grande do Sul e trocou a escola em que estudava (uma escola estadual) por uma escola particular, a qual lhe deu 75% de bolsa de estudos, e a equipe se filiou na federação, para que João participasse de competições oficiais, como campeonatos estaduais e brasileiros.

Tem-se, então, Luciana como uma atleta de uma equipe que pertence ao *establishment*, ou seja, participava de competições, conhecia como funcionava o “esquema do atletismo”, e João, que surgiu repentinamente em uma equipe pequena, que entrou no sistema da federação, para oportunizar que ele alçasse novos vôos, sendo rapidamente recrutado por um treinador do Rio de Janeiro.

O atleta ingressa voluntariamente nas equipes, mas com interesses claros, como observado nos exemplos acima. No entanto, fica claro que algumas das relações entre aqueles atletas que são formados e atletas que são recrutados pelas equipes de atletismo do Rio Grande do Sul podem trazer elementos importantes, relacionados com uma dinâmica social

mais abrangente. Com isto, nomeia-se os atletas formados nas equipes que defendem como os “Pratas da Casa” e os atletas recrutados, principalmente de outros estados, como “Estrangeiros”.<sup>48</sup>

O recrutamento dos “Estrangeiros” é um fenômeno recente no Rio Grande do Sul. Ainda que em momentos anteriores, o recrutamento de atletas tenha sido uma realidade, nos últimos anos, se tornou crescente, e a consequência disso foi uma maior circulação de atletas nos clubes do Rio Grande do Sul. Este aumento pode ser notado a partir da entrada da ULBRA no cenário gaúcho, em 2000. Foi quebrada uma grande hegemonia que a SOGIPA mantinha no estado, como pode ser observado no Apêndice A. A lógica de saída do estado dos bons atletas (como caso de João) foi modificada, e recrutar atletas de outros estados passou a ser uma prática recorrente no Rio Grande do Sul.

Esta prática de recrutar atletas “de fora” vem se configurando como uma prática adotada por diversas equipes, que cria uma identidade diferente entre aqueles que nasceram no Rio Grande do Sul, considerados os “gaúchos legítimos” e os “alugados” ou “comprados”. Neste sentido, o capital econômico das equipes se converte para o capital que vale neste campo, ou seja, “os bons atletas”, que são aqueles com resultados consolidados e de destaque no cenário nacional.

Os atletas configuram-se como figura central na pesquisa e possuem relações cada vez mais complexas com treinadores, equipes, sistema de gerenciamento e todas as estruturas do sistema esportivo formal, como no caso de Luciana.

Assim, busca-se, agora, entender o que se denominou de processos de estabelecimento e constituições de redes de interesses, apontando também para a constituição de um *establishment* específico no atletismo gaúcho.

---

<sup>48</sup> O uso das expressões “Pratas da Casa” e “Os Estrangeiros” será esclarecido no decorrer do trabalho.

#### **5.4 Esforços e estratégias para se “viver de atletismo”, um esporte encarado como meio de se levar a vida**

Este tópico pretende, brevemente, mostrar que o atletismo é encarado como uma “coisa séria” por alguns de seus praticantes. Esta escolha de levar o atletismo a sério é voluntária e motivada por uma perspectiva de sucesso que os praticantes possuem em relação à carreira esportiva.

Com este intuito, realiza-se algumas distinções, na medida em que “levar o atletismo a sério” como atleta é bem diferente de encarar o atletismo como profissional, sendo responsável pela formação de atletas (treinadores e auxiliares), que, por sua vez, difere de árbitros, presidentes de federações, corpo administrativo das equipes etc. Assim, mister é diferenciar como estes agentes encaram este desafio.

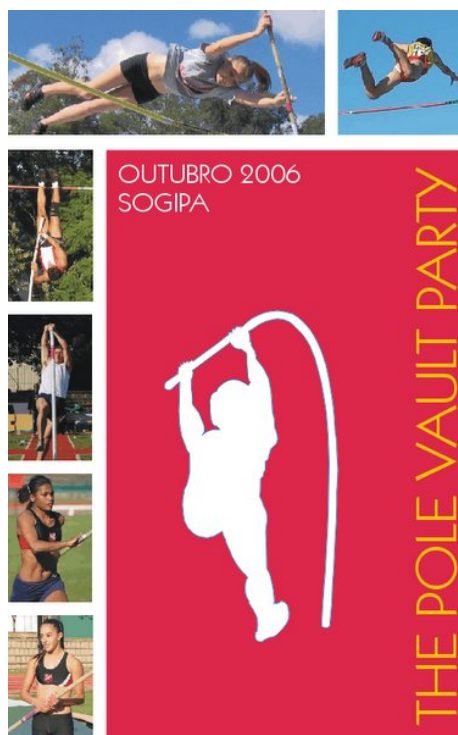
Levando em conta os atletas, observou-se que somente um dos entrevistados não havia trocado de treinador em sua trajetória, e este é um assunto recorrente nas conversas à beira da pista nas competições. No atletismo, trocar de treinador quer dizer quebrar um forte laço interpessoal com aquele com quem você tinha um acordo de confiança, que desenvolvia todo um planejamento para os treinamentos e que selecionava exercício de força, velocidade, resistência e todo o aparato necessário para o aprimoramento da performance, além de outras atribuições que serão abordadas ao tratar especificamente da relação atleta-treinador.

A troca de treinador causa uma grande repercussão nos bastidores do atletismo, mas dificilmente repercute fora deste meio, a não ser casos de atletas *top* mundiais. A troca de equipe também se apresenta como uma prática presente, na qual os atletas optam por esta troca, mas não é, aparentemente, uma escolha simples de ser tomada.

Considerando, como já citado, que, no Rio Grande do Sul, escolas e universidades investem substancialmente no atletismo, as bolsas de estudo, tanto em umas como em outras, são um fator importante para que os atletas defendam estas equipes. As bolsas variam na sua importância e nem sempre são de 100% (desconto total da mensalidade). Alguns atletas possuem bolsas de 50, 60 ou 70% e o custo restante é pago por eles. Os recursos desta

diferença podem vir, em alguns casos, de remunerações que não são diretas do atletismo, forçando alguns atletas a obter remuneração de outras formas.

Para manter alguns dos custos, os agentes encontram estratégias criativas para arrecadar fundos para viagem e materiais. Uma destas estratégias é, por exemplo, a realização de uma festa em que os lucros obtidos seriam convertidos para a compra de varas para os saltadores, que são equipamentos individuais, com custo elevado, em torno de R\$ 3.000,00 cada uma. A seguir, a ilustração do cartaz de uma destas festas.



**Ilustração 10** – Cartaz de divulgação a “Festa do Salto com Vara”

O investimento feito pelos atletas é alto e a recompensa final nem sempre é certa, considerando que a carreira atlética é um investimento que é resultado de anos – cerca de dez anos de treinamento para resultados internacionais. Além de muita dedicação, aprimoramento, abdicção de festas etc., a atividade dos atletas corresponde à de um curto período de tempo. Os atletas não possuem, ao final desta jornada, aposentadoria, como em outras carreiras, e os ganhos financeiros são restritos comparados com outros esportes. Existem relações de interdependência, que serão aprofundadas.

Nas observações, surgiram casos curiosos em que treinadores criam uma estrutura semelhante às empresas, “prestando serviços”, e, em alguns casos, independentes da equipe a

que estão eventualmente vinculados. Esta estrutura e as redes de relações que são criadas procuram dar conta de todas as demandas que um atleta necessita. São importantes os cuidados à saúde, envolvendo agentes como médico, fisioterapeutas, dentistas, psicólogos e massagistas. Em viagens ao exterior, são necessários convites para participar de grandes competições na Europa, que surgem do contatos com *managers*<sup>49</sup>, que são figuras importantes na configuração internacional do atletismo.

Retornando para a “empresa” criada pelos treinadores, estes são responsáveis pela preparação de diferentes atletas que representam, algumas vezes, diferentes equipes e até mesmo outros países. Esta estrutura ainda não está presente no Rio Grande do Sul, mas observou-se no campo, inclusive um dos entrevistados mora em São Paulo e treina com treinador responsável por um destes grupos. Os grupos são as formas como são chamadas as divisões que podem ocorrer dentro de uma equipe considerando a especialidade das provas, como, por exemplo, grupo de saltadores, grupo de velocistas, fundistas, lançadores etc. O exemplo mencionado é de um treinador de destaque, e apresenta-se abaixo a “missão” e os “valores” de seu grupo:

Missão: Descobrir novos talentos e propiciar acompanhamento de alto nível para atletas especialistas em provas de saltos e corridas com barreiras, na busca do alto rendimento; Contribuir para a pesquisa e desenvolvimento de meios e métodos de treinamento; Atuar na formação de recursos humanos na área do treinamento desportivo.

Valores: Os atletas estão em primeiro lugar. Nossas ações estão voltadas para seu desenvolvimento harmonioso. A busca do alto rendimento implica – em nossa visão – na aplicação de meios e métodos de treinamento mais eficazes e seguros, que respeitemos princípios do jogo limpo e os valores éticos do esporte (MOURA E MOURA ATLETISMO, 2007)<sup>50</sup>

Após observar esta organização que poucos treinadores conseguem sistematizar e que se aproxima muito à realidade empresarial, cabe tecer, agora, algumas considerações sobre de onde vem o dinheiro que a confederação de atletismo investe em projetos. A atual patrocinadora da CBAAt é a Caixa Econômica Federal, e a relação da Caixa com a CBAAt pode ser denominada “*Case*”<sup>51</sup> da Caixa”. Castro (2005), estudando o *case* do patrocínio da caixa com o atletismo brasileiro, constatou que a CBAAt possui diferentes fontes de renda, e uma de

<sup>49</sup> A figura do *manager* aparentemente é comum e indispensável para aqueles atletas que acendem ao sucesso internacional, semelhante ao “empresário” no futebol. O *manager* é responsável por incluir o atleta em competições importantes e recebe um percentual sobre as premiações.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.mmatletismo.com.br/>>. Acesso em 22 jul. 2002.

<sup>51</sup> Case é como são denominados estudos da área de comunicação que relacionam um caso específico de empresas, como apresentado por Castro (2005).

suas receitas provém da Lei n.º 10.264, de 16 de julho de 2001, conhecida como Lei Agnelo/Piva, que lhe rendeu, em 2004, R\$ 1.836.000,00, correspondente a 4% do total arrecadado pela lei. O mesmo valor estava previsto para 2005. Em 2002, foram R\$ 1.386.105,71, e em 2003, R\$ 1.645.540,99.<sup>52</sup> Existe agora uma legislação federal para incentivo ao esporte, mas que, por hora, não é importante tratar.

Além desta verba prevista pela Lei Agnelo/Piva, a Caixa Federal é atualmente a “patrocinadora oficial do atletismo brasileiro”, e utiliza este *slogan* em propagandas e material de divulgação, entre outros. Segundo Castro (2005), o contrato da Caixa com a CBAAt foi firmado até 2007, mas já foi renovado até os Jogos Olímpicos de 2008, que serão realizados na China. A empresa teria destinado R\$ 7 milhões para este esporte em 2005, mas os investimentos vêm crescendo ano a ano, pois, em 2002, esta importância era de R\$ 2 milhões. Estes valores são negociados a cada ano, e este contrato da Caixa com a CBAAt exige exclusividade como instituição bancária.

Segundo o *site* institucional da Caixa:

Como patrocinadora oficial do atletismo brasileiro, a CAIXA descobre talentos, forma atletas e ajuda a lançar novos campeões no Brasil e no mundo. Mais do que isso, ao investir numa modalidade esportiva democrática e acessível a todos os cidadãos, promove a inclusão social.

O contrato firmado com a Confederação Brasileira de Atletismo – CBAAt, garante à CAIXA exclusividade como instituição bancária patrocinadora do atletismo brasileiro, das Seleções Brasileiras de Atletismo, dos eventos do calendário esportivo nacional, e das duas etapas do Grand Prix Internacional de Atletismo.

Por intermédio do patrocínio, atletas e treinadores contam com uma ajuda de custo mensal, com o fornecimento de material esportivo oficial e de material promocional da CAIXA, com a realização das competições nacionais e regionais, e com o apoio a programas voltados para atletas, técnicos, ex-atletas e iniciantes do esporte.<sup>53</sup>

Assim, os programas que a Caixa apóia em âmbito nacional são:

- Programa Nacional CAIXA de Apoio a Atletas de Alto Nível;
- Programa Nacional CAIXA de Apoio a Jovens Talentos;
- Programa CAIXA de Campings de Treinamento Nacionais e Internacionais;
- Programa CAIXA de Cursos Técnicos e Clínicas de Atletismo;

<sup>52</sup> Dados que o autor retirou do COB.

<sup>53</sup> Disponível em <<http://www.caixa.gov.br/acaixa/atletismo.asp>>. Acesso em: 3 jun. 2007.



- Programa CAIXA de Apoio à realização de Campeonatos Oficiais das Federações Estaduais de Atletismo;
- Programa CAIXA de Iniciação ao Atletismo;
- Programa CAIXA de Treinadores Olímpicos;
- Programa CAIXA Heróis do Atletismo Brasileiro; e
- Programa Nacional de Combate ao *Dopping* no Atletismo.

Estes programas são algumas das iniciativas que a Caixa promove junto à CBAAt. Um exemplo apontado pode ser o Programa Nacional para Apoio a Jovens Talentos, no qual atletas com destaque recebem uma ajuda de custo. Esta ajuda varia conforme critérios estabelecidos e que levam em consideração a posição que os atletas ocupam no *ranking* mundial. Para receber o benefício, os atletas devem assinar um contrato com a Caixa e utilizar, entre outras coisas, bonés da Caixa em premiações e aparições públicas, como entrevistas, e colocar no uniforme de suas equipes o logotipo da Caixa.

Os valores variam conforme o programa, mas, para atletas, o Programa Nacional Caixa de Apoio a Atletas de Alto Nível – 2007 tem como maior valor a quantia de R\$ 3.000,00, destinada a três atletas, que são “atletas medalhistas em Jogos Olímpicos ou em Campeonatos Mundiais de Adultos e de Pista Coberta, em provas individuais, nos últimos 3 (três) anos, que estejam entre os cinco primeiros no Ranking Brasileiro de Adultos em 2006 e em atividade”.

Já o Programa Nacional Caixa de Apoio a Jovens Talentos – 2007 tem como valor mínimo a quantia de R\$ 300,00, destinada a:

atletas juvenis ou menores classificados de 11.º a 20.º lugar nas respectivas listas mundiais da IAAF, em provas individuais, em 31 de dezembro de 2006, e atletas classificados de 4.º a 8.º lugar em Campeonatos Mundiais de Juvenis ou de Menores, em provas de revezamento, nos últimos dois anos e que estejam em atividade.

Para treinadores, no Programa Nacional Caixa de Apoio a Treinadores, os valores mais altos são de R\$ 3.000,00, destinados a seis treinadores que:

tiveram atletas medalhistas em Jogos Olímpicos ou em Campeonatos Mundiais de Atletismo de Adultos ou de Pista Coberta, em provas individuais, e também atletas integrando seleções brasileiras, nos últimos dois anos, em Jogos Olímpicos ou em Campeonatos Mundiais de Atletismo de Adultos ou de Pista Coberta.

O valor mínimo para treinadores corresponde a R\$ 400,00, distribuídos a 33 treinadores, e tem como critério:

treinadores com atletas na equipe pré-panamericana de 2007, que não estejam contemplados em qualquer dos critérios anteriores (VALIDADE: 1º de janeiro de 2007 a 31 de julho de 2007 e a ser atualizada no período). De 1º de agosto a 31 de dezembro de 2007, farão parte do Programa os treinadores com atletas integrantes da seleção brasileira aos Campeonatos Mundiais de Osaka, que não estejam contemplados nos itens anteriores.

Os dados acima estão disponíveis no site da Confederação<sup>54</sup> e demonstram como é relativamente baixa a ajuda de custo, considerando o nível de exigência que é necessário para se estar entre os melhores do mundo no atletismo. Os critérios se apresentam como rígidos, e quem os elabora é o Conselho Técnico da Confederação, e serão apresentados posteriormente.

Observando que a Caixa Econômica Federal é uma instituição pública, pertencente ao governo brasileiro, é importante considerar que os patrocinadores das seleções de grande parte das modalidades esportivas como atletismo, voleibol, basquete, natação, handebol e judô são empresas estatais brasileiras. No voleibol, o Banco do Brasil patrocina a modalidade desde 1991. Outros exemplos de empresas estatais que mantêm modalidades são: na natação, os Correios; no atletismo e ginástica artística, a Caixa Econômica Federal; no basquete, a Eletrobrás, no handebol, a Petrobrás; e no judô, a Infraero.

#### Uniformes oficiais e camisas promocionais da Caixa

Quando acompanhei a Seleção Brasileira Juvenil nos Campeonatos Sul-Americanos da Categoria em 2005, um fato interessante eu registrei em meus diários de campo. Os atletas receberam o seu *kit* com os uniformes do Brasil, produzidos pela Olympikus. No kit continham dois agasalhos, (um de treino e um de podium), camisetas (pólo e de treino), bermuda de passeio, casaco para frio, um par de tênis, meia, boné, mochila, porta-tênis, bolsa de viagem e o uniforme de competição específico para cada um (macaquinho, sunga e *top* só para as meninas, regata e calção). Estes uniformes não são vendidos em lojas e segundo relatos aquela foi uma das vezes que mais uniformes foram distribuídos aos atletas. Alguns atletas são convocados para mais de uma seleção por ano, e assim eles possuem uniformes repetidos e uma prática se apresenta como comum nas competições é a venda de uniformes. Não é uma norma vender uniformes, mas alguns atletas extrapolam esta prática. Como já foi salientado em algumas competições brasileiras são distribuídas gratuitamente camisetas promocionais da Caixa e não é raro atletas e espectadores saírem das competições com três, quatro ou até mesmo mais camisetas deste tipo. Pois durante este comércio informal de uniformes, pude observar que, alguns atletas conseguiam vender as camisetas promocionais da Caixa por U\$ 5,00 e U\$ 8,00 que tinham o dizer 'Patrocinador Oficial do Atletismo Brasileiro', mas eram de pouca

<sup>54</sup> <[http://www.cbat.org.br/programas\\_apoio/default.asp](http://www.cbat.org.br/programas_apoio/default.asp)>.

qualidade; já os itens ‘oficiais’ saíam mais caros. Um dos atletas tentou vender um agasalho da CBAt para um dirigente da CBAt, pois ele não o conhecia e isto criou uma situação embaraçosa onde os treinadores foram orientados a instruir os atletas a não vender os seus uniformes e sim troca-los com atletas de outras equipes se fosse o caso. Mas a compra e venda permanecia nos bastidores. Alguns inclusive comentavam que era difícil trocar um casaco da Olympikus pelos do Chile que eram Adidas, pois a Adidas seria uma marca com mais *status* que a fornecedora brasileira.

Trazer a relação da Caixa com a CBAt é importante, pois, além de ser a principal fonte de receita da confederação, esta parceria se expressa em locais como painéis colocados em competições, nas medalhas entregues aos atletas, nos números utilizados em competições e nos uniformes, como já referido, sendo obrigatória a utilização da “Caixa” nas principais “competições quentes”.

Para entender o atletismo com o olhar voltado para as configurações, cabe citar a descrição que Damo (2005) faz do universo do futebol:

Nas configurações futebolísticas, há algo mais em jogo além da bola. Trata-se de um universo masculino permeado por intrigas, para não dizer fofocas. O cotidiano do clube é freqüentado pelos seus funcionários administrativos – um tanto marginalizados em relação a essas redes; profissionais da bola, dos jogadores às comissões técnicas; agentes/empresários, jornalistas, dirigentes, além de curiosos de toda espécie. Há, portanto, uma diversidade de agentes e de interesses em jogo. (p. 245)

Na citação de Damo, nota-se que, além das interdependências e das relações que são internas ao jogo, existe todo um universo permeado por intrigas, fofocas e um cotidiano no qual as pessoas se apresentam com interesses próprios e que conduzem muitas vezes as ações externas ao esporte em si. As tensões em evidência geram uma série de desdobramentos que podem ser observados no atletismo, como o debate já apresentado sobre o profissionalismo e amadorismo; sobre as equipes que formam e equipes que contratam atletas; além de atletas que trocam de treinadores e atletas que trocam de equipes, entre outras. Alguns exemplos já foram trazidos, cabendo, agora, explicar como estas relações se apresentam no Rio Grande do Sul, entendendo como questões que envolvem o problema se aproximam do entendimento das configurações.

## **6 PROCESSO(S) DE ESTABELECIMENTO NO ATLETISMO, CONSTITUIÇÃO DE REDES DE INTERESSES**

Abordar o que se denominou de processos de estabelecimento no atletismo é uma tentativa de traduzir como se formam algumas das relações importantes que foram observadas em campo. A estreita relação entre treinadores e atletas é um tema importante, razão pela qual inicia este capítulo, apresentando-se, também, a dinâmica “Pratas da Casa” e “Estrangeiros”, trazendo semelhanças com a dinâmica “Estabelecidos” e *Outsiders*, apresentada por Norbert Elias, e finalizando o capítulo com o *establishment* gaúcho.

### **6.1 Relação treinadores e atletas**

Ao apresentar a relação entre os dois principais agentes no atletismo que são os treinadores e atletas, é importante salientar, preliminarmente, que mesmo que esta relação no atletismo pareça semelhante às comissões técnicas de esportes coletivos, uma particularidade é fundamental: o responsável pela preparação dos atletas é integralmente do treinador. É ele quem organiza tanto a parte de preparação e condicionamento físico – a preparação física em diversas modalidades coletivas é de responsabilidade de outros profissionais – como a preparação técnica, além de outras atribuições que tornam o treinador de atletismo um agente importante neste campo. Esta realidade parece estar presente em esportes como natação, ginástica olímpica e outros esportes individuais.

Para compreender as configurações do atletismo, interpretar as relações entre os agentes é primordial neste processo. Entende-se estas relações no esporte assim como Elias (1991, p. 158), ao salientar que “todas as relações com no mínimo dois indivíduos constituem uma configuração do tipo eu-ele(a) ou nós-elas(elas)/outros, de maneira tal que, das peladas ao espetáculo, o jogo propriamente dito pode ser tomado como um conjunto de relações de interdependências face-a-face”.

Se o atleta é figura central no atletismo, e nos esportes individuais de maneira geral, também é importante a figura do treinador, que é quem lhe transfere conhecimentos e a razão

instrumental “da técnica” mais apropriada. A ênfase na eficiência dos movimentos que buscam um resultado para maximizar a performance é aplicada nos treinamentos que têm o objetivo de preparar os atletas para as competições. O treinador orienta, além dos treinamentos e elementos voltados diretamente à performance, outros aspectos importantes para o desenvolvimento esportivo, mesmo de alguma forma “fora dos treinamentos”.

Miguel, ao falar sobre os seus treinadores, relatou a seguinte situação:

Acho que o Fábio (treinador de Miguel) é muito mais que um treinador para mim, é uma pessoa que sempre que a gente precisa tava ali para ajudar. Não é só comigo, mas com os outros também. Eu particularmente me dou super bem com o Fábio, sempre que eu precisei dele é um pai longe de casa, vamos dizer né, tenho o pai e mãe em casa, mas tem alguém perto também que sempre ajuda.

Em seu depoimento, João asseverou:

Cara, quando eu comecei em três de maio eu tinha um professor de Educação Física, um cara que digamos não tinha um conhecimento assim tão grande na área como treinador de atletismo, mas o cara tinha muito boa vontade, sabe? Ele às vezes ele não ajudava tanto na parte técnica, mas psicologicamente ele levantava o atleta, entendeu Então foi um primeiro técnico digamos assim eu tive e professor e foi muito bom.

Um diferencial entre os depoentes apresentados, Miguel e João, é que este último trocou mais de uma vez, já o primeiro nunca trocou de treinador. Isto é determinante em algumas situações. Trocar de treinador não é uma escolha simples, e é motivada, como se pode observar abaixo no depoimento de João, por questões que não envolvem somente a melhoria de resultados:

Lá no Rio Janeiro, tinha uma equipe e eu tinha um técnico, então eu não me preocupava com essa parte de salário, de há... Problemas assim burocráticos, trocas de clube, empréstimos eu não tratava com esta parte. Ele resolvia pra mim, eu confiava tanto nele que para mim o que ele falasse, o que ele resolvesse por mim tava de bom tamanho, então era mais ou menos como funcionava lá, sabe eu não tinha muito acesso dessa parte, estava toda responsabilidade pra ele.

Além de cuidados com alimentação, saúde, descanso e outros aspectos que envolvem o “viver de atletismo”, outras atribuições foram observadas como sendo de responsabilidade dos treinadores, tais como quais competições participar, treinamentos em locais especiais como altitude e outros que fazem do treinador de atletismo alguém que cuida do atleta de maneira especial. Na fala de João, “o que o treinador falasse, o que ele resolvesse tava de bom

tamanho”, nota-se que a confiança do atleta no treinador é total em alguns casos. Constatase, assim, que em diversos casos a relação atleta-treinador é comparada à figura paterna, e em alguns casos esta relação pai-filho é presente de maneira concreta. Um exemplo próximo é o da família Peçanha em que o pai biológico, Jorge Peçanha, é treinador do filho atleta, Fabiano Peçanha, atleta de destaque internacional em corridas de 800 e 1.500 metros. Wacquant (2002), em sua imersão no boxe, se refere ao treinador DeeDee como “paizão” dos pupilos da academia de boxe *Woodlawn*, em Chicago. O depoente Miguel também salientou tal referência.

O treinador Gustavo relata a sua relação com os atletas que treina da seguinte maneira:

[...] eu tinha uma idéia que atleta não cai do céu tem que formar. E eu fazia sempre assim, achava uns cinco seis atletas, e fazia projetos de atletas, investia para que os atletas se forjassem bons atletas. Então este era o esquema que eu fazia e dava certo. [...] E eu me envolvia muito com a vida pessoal dos atletas. Era uma maneira. Hoje se a Eloísa vai sair ela me telefona. Mas isso com responsabilidade e segurança, com as devidas orientações. Cada atleta é um projeto de vida que tu está orientando.

Esta preocupação em orientar jovens para o sucesso esportivo pode ser notada em locais diferentes do universo esportivo. Na música e em outras expressões humanas, a relação entre pupilos, aprendizes e seus mestres são especiais. Assim tais relações colocam atletas e treinadores e outros agentes em lugares específicos nas configurações em que estão presentes. Cabe menção à relação de Wolfgang Mozart com seu pai Leopold, porque, quando os aprendizes buscam uma autonomia, criam conflitos como o descrito por Elias (1995, p. 27):

O pai de Mozart ainda era, de maneira mais ou menos segura, um burguês da corte. Como construção social, uma corte principesca tinha uma forma estritamente hierárquica, a de uma pirâmide aguda. Leopold Mozart se encaixava nesta estrutura, não sem problemas, não sem vulnerabilidade do *outsider*. Mas sobre ele o poder da configuração era inescapável. Conhecia seu lugar, dedicava-se a ele de corpo e alma e esperava o mesmo do filho. Esperava grandes realizações de Wolfgang – de preferência numa corte maior do que Salzburgo, talvez a corte bávara de Munique, ou mesmo Paris; tais eram as ambições do pai. O filho não se satisfez. Seu fracasso nas cortes alemãs ou com patrícios de Augsburgo não era, de todo, irremediável. Mas agora Wolfgang Mozart pedia demissão a seu empregador de Salzburgo. Do ponto de vista do pai, era um passo incompreensível; o filho estava prejudicando gravemente sua carreira, suas perspectivas como músico de corte. De que iria viver?

Gerenciar os conflitos individuais como os de Mozart e seu pai parece ser uma das atribuições que são pertinentes aos treinadores de atletismo, assim como em outros esportes, mas nos esportes individuais – como o atletismo – esta relação possui algumas particularidades. Um exemplo ocorre quando em uma mesma equipe existem atletas com

objetivos comuns, ou seja, treinando para a mesma prova, estes podem ser conflitantes entre os atletas, porque somente um deles será o vencedor e no *podium* existem somente três vagas para os medalhistas. Assim, se uma equipe possui, na mesma prova, mais de um atleta com possibilidade de vencer, os interesses de um vão de encontro aos interesses do outro. Então, algumas particularidades do atletismo podem se estender para outras modalidades individuais.

Este caso foi apresentado por uma das entrevistadas, Luciana, que, a respeito dos colegas que competem nos treinos, refere:

Eles competem entre si, dá para ver, mas eu meio que saio fora assim. Me isolo, fico preocupado com o meu desempenho no treino eu vou tentando até as vezes alguns treinos com barreiras tem três tipos de barreira, uma mais perto uma média e uma mais longe e o pessoal fica há... Vamos ver quem vai na mais longe, vamos ver quem vai na mais longe e ficam naquela competição, acabam indo para a mais longe, fazendo na mais longe e com o resultado errado, e eu fico na mais perto, e todo mundo fica... Vô na mais longe, até que teve um atleta do Decatlo que se machucou, foi na mais longe, fez o movimento errado e se machucou. E em tiros também, e em semana de teste é pior.

Como já se mencionou, muitos dos agentes envolvidos no atletismo possuem “funções” distintas e desempenham diferentes atividades deste campo de maneira paralela, ou seja, as “funções de conveniência”. Isto equivale a dizer que eles estão neste universo de maneiras diferentes, mas ao mesmo tempo. Em competições existem situações nas quais o treinador de uma equipe pode ser o treinador nacional (equivalente à seleção brasileira) ou até mesmo estar orientando atletas de equipes distintas e que estão competindo, como já foi salientado no caso de “grupo de treinadores” importantes. Também se nota que árbitros estão envolvidos diretamente com a federação, atletas mais experientes exercem o papel de “treinadores” dos novatos, e diversas outras possibilidades nas quais os agentes podem estar envolvidos de maneiras distintas neste campo.

Nos clubes em que a estrutura para os treinamentos, definida como “meios” pelos depoentes treinadores, não dá conta de todas as necessidades dos atletas, as relações de amizades e troca de favores fazem com que se criem “esquemas”, que podem ser ilustrados no caso das massagens, relatado por Gustavo:

E aí nós temos um esquema de massagistas. Cinco, seis pagam a massagem, o dobro do preço pra todos fazer. A Eloísa paga... Ele cobra R\$ 100,00 por mês e a Eloísa paga R\$ 150,00 por que tem crédito. O Paulo paga R\$ 150,00. Fica de crédito, por exemplo o Fabiano que é duro ele vai lá e faz, faz por R\$ 10,00. Paga a metade. Nós fazemos esta salada de Fruta e todos são atendidos.

Esta ajuda mútua faz com que aqueles sem condições de pagar as massagens tenham acesso por aqueles com condições de pagar e assim se demonstra as interdependências específicas desta relação. Este esquema está presente também em outras áreas e mantém trocas de favores entre profissionais, sem um vínculo. Outro exemplo disto pode ser notado na fala de Miguel (atleta):

Eu sou bolsista, da Feevale, então atleta da Feevale também. E então a gente teria todo acompanhamento que a gente quer, fisioterapia, nutrição, tudo. Mas o problema é que é longe e aí nós temos uma clínica de fisioterapia em Ivoti que a gente faz fisioterapia lá. Não paga nada, é um apoio que a gente tem. E sempre que a gente machuca a gente vai lá. Então todo tratamento é feito lá, por que é uma clínica de fisioterapia e eles apóiam. E assim, eu já tive trabalho com psicólogo também.

No caso de Miguel, quem “correu atrás” deste apoio foi o treinador, ou seja, é mais uma evidência de que o treinador encontra relações e maneiras de tentar disponibilizar ao atleta meios de treinamento. Observe-se novamente a fala do treinador Gustavo:

E assim vai indo. Que no esporte tu vai formando meios e amigos. Por que no esporte uma coisa que eu gravei muito bem, o cara evolui no esporte se melhora meios de trabalhos ou métodos de trabalhos. Não existe outra forma, tem que ser com estas duas. Métodos são conhecimentos, então tu em que procurar e meios quando tu não tem dinheiro, tu tem que ter amigos, conhecidos pra te dar uma colher. [...] infra-estrutura tu tem que montar. Infelizmente. Ah, a SOGIPA tem psicólogo? Não tem. Tem massagista? Não tem. Tem fisioterapeuta *personal*? Não tem. Temos tudo isso, mas através de sistema de amizade e de relação que se formou. Um cara que está aqui muito bem, tem tudo que o melhor atleta do Brasil tem, mas por estar neste meio aí. É uma bolha que a gente vai formando.

O atletismo se aproxima de outras modalidades, cabendo citar o estudo relacionado com o boxe de Wacquant (2002), que salienta que a transmissão dos saberes específicos destes esportes se dá de maneira coletiva. Observa-se isto no atletismo, em que existe uma diversidade de provas<sup>55</sup>, que faz com que, em muitos casos observados no cotidiano do atletismo, atletas mais velhos orientem os mais novos. Este fato também ocorre em equipes que não possuem treinadores específicos para todas as provas em suas comissões técnicas. Estas relações ficam claras durante as competições, principalmente em provas de campo (saltos e lançamentos), nas quais, entre cada tentativa, o atleta procura auxílio na arquibancada e quem orienta algum movimento não é necessariamente um treinador. Aqui

---

<sup>55</sup> As provas do atletismo podem ser observadas no anexo 1.



fica claro que a interdependência dos agentes no atletismo é importante, e Wacquant (2002) pode auxiliar neste entendimento, mesmo que não pretendendo descrever a maneira como os atletas incorporam os saberes específicos do atletismo:

A uma prática essencialmente corporal e pouco codificada, cuja lógica só pode ser apreendida em ação, corresponde um modo de inculcar implícito, prático e coletivo. A transmissão do pugilismo (*e por que não do atletismo*) efetua-se de uma forma gestual, visual e mimética, sob o custo de uma manipulação regulada do corpo que somatiza o saber coletivamente detido e exibido pelos membros do clube a cada patamar da hierarquia tácita que o atravessa. A Nobre Arte apresenta nesse sentido, *o paradoxo de um esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva*. (p. 120)

Assim como o boxe, o atletismo pode ser considerado como um esporte ultra-individual, e, como já foi salientado, com uma dependência relativa. Quanto à aprendizagem coletiva, acredita-se ser mais correto afirmar que a aprendizagem no atletismo é mista (coletiva e individual-especialista): coletiva principalmente na iniciação, quando os mais novos são ajudados pelos mais velhos, mas quando alguns atletas atingem um nível avançado, esta aprendizagem, ou aperfeiçoamento, é também individual, ultra-especializada e a relação atleta-treinador se torna mais estreita (ou dependente).

Uma das particularidades deste aperfeiçoamento é que em provas como corridas de média e longa distância foi observado que atletas de destaque no Brasil recebem seus treinos por correspondência (fax, e-mail etc.), e realizam seus treinamentos individualmente nas suas respectivas equipes. O vínculo do atleta com a equipe é independente do vínculo do atleta com seu treinador e do treinador com a equipe. Algumas equipes até possuem treinadores especializados, mas a relação atleta-treinador parece escapar do vínculo com a instituição. O caso de Juliana ilustra bem esta relação “não presencial” de alguns treinadores:

É foi bem complicado este negócio de treinar longe... Vão completar 4 anos já que eu tô treinando longe do Pedro. Não é fácil por que se o treinador ta junto tipo... Aqui no Rio Grande do Sul a gente tem mudanças de temperatura que nem hoje, hoje tava bom, tava nublado de manhã cedo ai começou a chover, nisto já esfriou um pouquinho de repente tipo limpa e daí esquenta de nada, vai dos... Se for dos 19°, 20° vai lá pros 28° nisto já fecha o tempo e fica nublado de novo então já em uma manhã só ele moda muito. E tu tendo o treinador perto ele consegue ver estas dificuldades que o atleta vai passar, pode não render aqui que ele queria e mudar isso ai. Então esta diferença quando eu to aqui e às vezes pode acontecer de ta muito frio e eu não poder fazer trabalho de velocidade e ai? Ta longe e por e-mail até eu receber o retorno já passou o dia, já passou a tarde, então eu não consigo este contato com ele longe, por telefone complicaria mais ainda por que as vezes que ai só tem celular. Então eu sinto muita diferença... Assim uma eu não tô no meu meio de grupo de treinamento, entende... Eu tô no meio de todos os atletas.

O grupo a que a atleta se refere não são seus colegas de equipe, mas é o grupo orientado pelo seu treinador, que se reúne duas vezes por ano, geralmente na Europa, para fazer um *camping* de treinamento. Estas viagens são pagas às vezes pela confederação, às vezes pelo próprio atleta ou pela equipe, e têm o objetivo de acertar algumas questões bem específicas de cada atleta.

Em algumas das “conversas informais” realizadas nas observações feitas com treinadores, foram relatadas situações nas quais, por exemplo, em Campeonatos Mundiais, atletas brasileiros (nascidos no Brasil) são orientados por treinadores do exterior<sup>56</sup>. Também observou-se atletas do exterior treinando com treinadores brasileiros<sup>57</sup>, e atletas brasileiros treinando com treinadores brasileiros, mas estes treinadores representavam outros países.<sup>58</sup> O que parece ser um reflexo das facilidades de comunicação e deslocamento atuais tornam algumas situações curiosas, e emergem as particularidades desta modalidade, já que, como foi demonstrado, a relação atleta-treinador escapa a vínculos institucionais ou fronteiras geográficas e culturais. No momento de realização da prova, a orientação para um atleta brasileiro vinha de um integrante de uma delegação concorrente, por exemplo. Assim, as diferenças ficam evidentes e explícitas além das cores do uniforme, mas também na língua falada.

É importante considerar que o “que está em jogo” no esporte de rendimento são os resultados. Quanto maior a expressão dos resultados, os atletas passam a ter mais prestígio, acessos e oportunidades, o que se reflete nos treinadores. Muitos interesses estão em jogo. Entre outros, vão ser convocados para as principais competições os melhores atletas, e os treinadores também estão disputando poder, acessos e privilégios. A troca de treinador não é motivada somente por questões técnicas, como salienta João em seu depoimento:

Assim ó normalmente eu nunca procurei trocar pela parte técnica, eu acho que eu não tive esta necessidade por que todos os treinadores que eu passei foram bons. Eu acho que foi mais a necessidade financeira, por que assim ô a gente vivi num país em que muitas vezes a gente não... A gente não... Digamos assim, a gente não tem escolha. Por que tu podes estar com um bom técnico, mas politicamente aquilo não é bom para o momento então você é obrigado a trocar, então te passam de técnico, é

---

<sup>56</sup> Um exemplo é o saltador Jadel Gregório que é treinado pelo inglês Peter Stanley, treinador inglês que treinou o recordista mundial.

<sup>57</sup> Irving Saladino, atleta Panamenho de destaque internacional no salto em distância, treina em São Paulo com Nélio Moura, treinador brasileiro.

<sup>58</sup> Luis Alberto é treinador do Qatar e treina atletas brasileiros como Osmar Barbosa e Hudson Souza.

como eu te falo, a inexperiência na época, hoje... Se eu hoje pudesse fazer isso eu faria diferente. Sabe por que acho que hoje eu saberia me posicionar e argumentar pra mim achar o que era bom pra mim, mas na época infelizmente eu dependia das pessoas entendeu... Eu acho que eu cheguei uma vez na minha vida eu comuniquei a minha saída pra um técnico e foram por motivos burocráticos, políticos, em que eu estava sendo prejudicado a nível financeiro, entendeu? Eu tive que sair dele, partir para outra pra poder... Ter um rendimento, fazer uma vida, um ganho mensal melhor, oportunidades melhores pra época. Então muitas vezes não é escolha pessoal, às vezes tem questões políticas no meio a gente acredita que num clube tem questões políticas, né, mas na época comigo foi desta maneira também sabe, explicando assim.

Com esta fala de João, nota-se que relações políticas são importantes neste campo, um treinador que oportunize acessos a oportunidades é determinante, tão importante quanto ter um treinador que acompanhe e se empenhe em melhorar a técnica do atleta. Um treinador “bem relacionado” e estabelecido, que tenha uma importância política na equipe ou no contexto mais abrangente do atletismo, pode ser um porto seguro para os atletas.

O próximo tópico diz respeito ao que já se analisou brevemente, que é a relação entre “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” e a dinâmica social “Estabelecidos” e *Outsiders*, apresentada por Norbert Elias.

## **6.2 A dinâmica social dos “Pratas da Casa” e dos “Estrangeiros”**

A circulação de atletas, que saem de seus lugares de origem para buscar novas oportunidades, se apresenta como um dos temas que atravessam de maneira importante o viver de atletismo, assim como são importantes nas diferentes relações que se apresentam nesta configuração. O caminho dos atletas, em regra, é saírem de equipes pequenas em direção a equipes maiores, ou, no caso do atletismo, este movimento parte do território nacional em direção a dois grande Centros: São Paulo e Rio de Janeiro. Nos últimos anos, o Rio de Janeiro vem se apresentando como um lugar que, ao invés de recrutar atletas, vem tendo alguns de seus atletas recrutados para outros estados, e neste caso o Rio Grande do Sul tem sido o destino de parte destes atletas.

Fazendo uma breve relação com a leitura de Norbert Elias e John Scotson (2000), de “Os Estabelecidos e os *Outsiders*”, buscando compreender as relações de dois tipos de atletas definidos como “Pratas da Casa”<sup>59</sup> e “Estrangeiros”, entendendo-se os primeiros como aqueles que iniciaram a sua trajetória nas equipes que ainda defendem e possuem fortes vínculos com a instituição; e os últimos como aqueles que são recrutados pelos seus resultados atléticos e que aparentam um elevado crescimento nos últimos anos no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, entender o funcionamento da dinâmica social “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” no atletismo é um ponto importante a ser desenvolvido neste trabalho.

Esta dinâmica “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” apresenta muitas particularidades e é uma dinâmica social em constante mudança, que pode ser compreendida com tranqüilidade ao encarar o atletismo gaúcho como uma configuração, mas que altera significativas observações feitas no campo e que contribuem para entender este processo como inacabado. A velocidade e intensidade com que se processam as mudanças na dinâmica social “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” são aparentemente mais intensas que na dinâmica social “Estabelecidos” e *Outsiders*. Nota-se isto não somente pela diferença entre uma pequena cidade inglesa (*Windson Parva*) e o esporte praticado em um dos estados brasileiros. O foco das observações de Elias e Scotson eram as tensões criadas e estratégias que um grupo de moradores que estavam há gerações na comunidade encontrava para que os moradores forasteiros se auto-considerassem seres humanos inferiores.

Ao trazer para o atletismo esta relação, observa-se que ela se faz presente em alguns casos. Primeiramente, apresenta-se uma reportagem do jornal Zero Hora<sup>60</sup> de quando tinham sido convocados os integrantes da pré-seleção da equipe de atletismo para os Jogos Pan-americanos do Rio em 2007. A jornalista Deca Soares, autora da reportagem, dividiu os atletas que integraram esta seleção na época da seguinte forma: os “Gaúchos” eram aqueles que nasceram no Rio Grande do Sul, e os “Filiados a clubes gaúchos” seriam aqueles atletas que não teriam iniciado a sua carreira atlética aqui, mas teriam sido recrutados pelas equipes locais, já com resultados significativos no atletismo. Para ilustrar, dos dez atletas relacionados, cinco seriam os “Gaúchos” e outros cinco, os “Filiados a clubes gaúchos”. Merece destaque também que, na foto ilustrativa da matéria, só estavam estampados os cinco

---

<sup>59</sup> Esta terminologia também é utilizada por Damo (2005) para designar jogadores de futebol que começam a sua carreira na equipe em que jogam e que possuem uma relação com a torcida diferente de atletas recrutados.

<sup>60</sup> Jornal Zero Hora de 13 de Janeiro de 2006, página 50.

“Gaúchos”, registrando somente as opiniões destes nascidos no estado do Rio Grande do Sul. Este tipo de discussão que envolve o atletismo e outros esportes permite analisar que os “Gaúchos” (“Pratas da Casa”) estão em um lugar distinto dos outros “Filiados a equipes gaúchas” (“Estrangeiros”). Algumas questões serão apresentadas neste sentido.

Contudo, esta dinâmica social não se apresenta somente como uma distinção entre dois “tipos de atletas”, e observa-se que a delegação que representou o atletismo nos Jogos Pan-americanos do Rio 2007 pode ser um tema a contribuir neste sentido. Dos dez atletas da equipe apresentada na pré-seleção, ainda em janeiro de 2006, alguns retornaram para seus estados de origem, outros tiveram uma queda significativa de rendimento e no total somente dois gaúchos foram selecionados e mais um atleta filiado à equipe gaúcha.

Nota-se que a Confederação de Atletismo (CBAt) e o Comitê Olímpico (COB) nomeiam o “vínculo” dos atletas de maneira diferente. Ao divulgar o atleta, a CBAt considera o estado de sua equipe para fins de divulgação, já o COB relaciona o atleta com o estado onde ele nasceu. Observando a ilustração 11<sup>61</sup>, nota-se que São Paulo se apresenta como o estado para onde a maioria dos atletas se destina. Fazendo uma relação com os demais estados, ao se considerar a equipes de origem dos atletas, somando todos os estados, com exceção de São Paulo, o número de atletas de equipes do restante do Brasil não chega nem à metade de atletas filiados a equipes paulistas. Já quando se observa o estado onde os atletas nasceram, esta diferença não é tão acentuada e o número de atletas paulistas não é superior à soma dos atletas dos outros estados brasileiros.

Um dado importante de ser notado é que somente dois estados diminuem o número de atletas, observando o estado das equipes relacionadas com o estado de origem. Os estados de São Paulo (que de 62 atletas filiados a equipes, passa para 37 atletas nascidos em São Paulo) e Rio Grande do Sul (que de três atletas filiados teve dois atletas nascidos) apresentam esta particularidade. Este dado, mesmo que não significativo em quantidade, aponta que o Rio Grande do Sul é o único Estado, além de São Paulo, que possuía mais atletas recrutados em relação a integrantes naturais do estado do Rio Grande do Sul.

---

<sup>61</sup> A definição da equipe ocorreu no dia 24/6/2007, após o Troféu Brasil 2007.

UF	MASCULINO (46 atletas)		FEMININO (39 atletas)		GERAL (85 atletas)	
	Equipe	Nascimento	Equipe	Nascimento	Equipe	Nascimento
SP	34	20	28	17	62	37
RS	1	1	2	1	3	2
PR	2	4	1	3	3	7
RN	1	3	-	-	1	3
RJ	2	2	2	5	4	7
PE	3	2	2	3	5	5
SC	1	2	2	3	3	5
AM	2	2	-	-	2	2
PB	-	1	1	2	1	3
MG	-	3	-	3	-	6
DF	-	3	1	-	1	3
BA	-	-	-	2	-	2
MS	-	1	-	-	-	1
MA	-	1	-	-	-	1
GO	-	1	-	-	-	1
Soma todos exceto SP	<b>12</b>	<b>26</b>	<b>11</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>48</b>

**Ilustração 11** – Dados combinados da CBAAt e do COB.

Seria importante notar também que houve seis mineiros nos Jogos Pan-americanos no atletismo, mas nenhum destes estava vinculado a equipes do Estado de Minas Gerais. Então, observa-se que bons atletas surgem em Minas Gerais, mas estes têm que buscar outros estados para prosperar no atletismo, e, como já apresentado, os únicos estados que recrutaram atletas, ou seja, com um número maior de atletas “filiados” em relação ao número de atletas “nascidos”, seriam o Rio Grande do Sul, com um atleta de diferença, e São Paulo, com 25 atletas de diferença. Ainda que somente um atleta que participou dos Jogos Pan Americanos filiado a clubes gaúchos não nasceu no Rio Grande do Sul possa parecer de pouca representatividade, aponta-se para uma minoria, e se fosse ampliada esta análise para aqueles que estavam disputando uma vaga e não a conseguiram, o número de atletas seria bem maior.

Este fato da relação entre atletas “nascidos” e “recrutados” gera algumas tensões. Olhando para outros esportes, pode-se constatar também que boa parte de times de destaque não é formada somente por “gaúchos”, mas por atletas “de fora”, contudo no atletismo esta tensão é mais evidente, utilizando-se, inclusive, as distinções entre “Pratas da Casa” e

“Estrangeiros” como estratégias de visibilidade pelas equipes, como pode ser notado na ilustração abaixo:

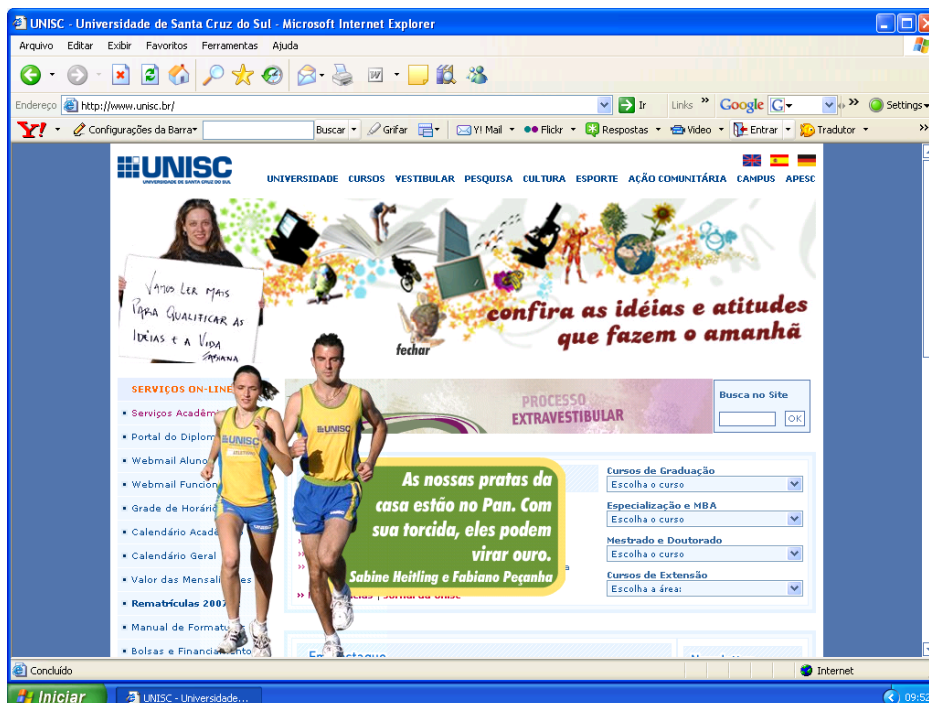


Ilustração 12 – Destaque do *site* UNISC<sup>62</sup>

Pode-se observar na abertura do *site* da UNISC, recuperado em 20 de julho de 2007, a seguinte frase: “As nossas pratas da casa estão no Pan. Com sua torcida, eles podem virar ouro”. Esta chamada estava sendo veiculada poucos dias antes do Pan-Americano e se referia aos atletas da equipe como “Pratas da Casa”. Esta afirmação traz consigo alguns valores tais como: um vínculo de longa data dos atletas com a equipe; e que a equipe forma atletas, e estes obtêm sucesso ao invés de recrutar atletas com resultados consolidados. Dificilmente alguma equipe iria exaltar que os atletas que participam de alguma competição foram recrutados às vésperas para buscar uma melhor colocação.

Da mesma forma, alguns atletas se utilizam de uma estratégia para minimizar um pouco este mal estar aparente de ser de outros estados e defender as cores de equipes gaúchas. Entre estas estratégias está apontar que os atletas “de fora”: “possuem sangue carioca (ou paulista), mas o coração é gaúcho” ou que “São gaúchos por opção”. Se não houvesse distinção entre ser ou não gaúcho, não seria necessário tal justificativa em entrevistas que foram veiculadas na televisão, mas esta preocupação aparentemente se faz mais presente em

<sup>62</sup> Acesso em: 20 jul. 2007.

esportes individuais como judô, ginástica, natação e atletismo, evidenciando a figura central que o atleta apresenta nesta relação.

Trazendo novamente a discussão para a obra de Elias, o poder que os “Estabelecidos” exerciam sobre os *Outsiders* estava baseado na antiguidade das famílias. Estas encontravam estratégias para que os *Outsiders* se considerassem seres humanos inferiores, que envolviam colocar pessoas com cargos importantes na escola, na fábrica e nos lugares em que não existiam diferenças sociais, sendo distinguidas apenas pela antiguidade.

A antiguidade é também um fator de distinção nos esportes, mas a relação de poder, considerando os resultados atléticos, está nas mãos dos *Outsiders* (estrangeiros), que são recrutados por resultados já alcançados, ao invés de um investimento de médio e longo prazo, que pode levar dez anos, na formação de novos atletas “Estabelecidos” (“Pratas da Casa”).

É comum comparar bons atletas a jóias preciosas, talvez por serem raros, ou pelo valor que um bom atleta possui para a equipe. Uma fala de Gustavo representa esta comparação, ao citar um treinador de São Paulo, neste sentido: “Ele (um treinador de São Paulo) não tem problema econômico, sabe lapidar e recebe boas pedras. É uma barbada. De bons quilates, a jóia vai ficar boa. Agora se tiver que pegar uma pedra mais ou menos e fazer com que ela tenha o mesmo brilho de grandes quilates”.

Em contrapartida a esta “lapidação” de boas “pedras”, um momento foi bastante noticiado na mídia<sup>63</sup> e talvez seja um bom exemplo para tratar dos “Estrangeiros”. O final do ano de 1999 foi de grande movimentação no atletismo brasileiro. Movimentações de atletas importantes envolvendo uma equipe Gaúcha e alguns dos atletas mais importantes no cenário nacional da época trouxeram uma nova configuração para o atletismo brasileiro. Notícias foram vinculadas relatando a possível transferência dos atletas Claudinei Quirino, Edson Luciano, André Domingos, Eronildes de Araújo e outros atletas treinados por Jayme Netto, de São Paulo, para a equipe da ULBRA. Os atletas, na época, treinavam em Presidente Prudente e representavam a equipe da Funilense, que mantinha a hegemonia do atletismo no Brasil.

---

<sup>63</sup> Jornal Zero Hora, caderno de esportes dos dias: 06/11/1999, página 56; 09/11/1999, página 64; 11/11/1999, página 91; 12/11/1999, página 92; 30/01/2000, página 58; 11/02/2001, página 51



A vinda de Claudinei e companhia, em 2000, não foi concretizada. Naquele ano, eles compuseram o revezamento que trouxe a medalha de prata do 4x100m. A movimentação que aconteceu foi uma fusão da Funilense (SP) com o Vasco da Gama (RJ), mas a equipe paulista se manteve mais forte, passando a chamar-se Funilense/Vasco/São Caetano. Somente em 2001, a ULBRA recrutou a equipe de Prudente, que passou a se chamar ULBRA/Prudente, e como no caso do Vasco, manteve duas equipes, uma em Presidente Prudente, com os medalhistas olímpicos, e outra, em Canoas, no Rio Grande do Sul, que estava se estruturando. Mesmo que na entrevista abaixo (ilustração 13), intitulada “ULBRA não terá prima pobre”, o gerente de esportes da época busque um discurso que aponta que os atletas de destaque “Estrangeiros” contribuiriam e não teriam vantagens, a realidade presente foi outra, e o grupo de Prudente nunca chegou a competir em solo gaúcho.

No entanto, o caso de equipes de aluguel não se apresenta como uma exclusividade do atletismo e podem ser observados casos semelhantes envolvendo equipes de vôlei, basquete e outros esportes, e são casos claros de como o recrutamento de “estrangeiros” é um fenômeno presente e que determina algumas das relações esportivas. Este se apresenta como um caso extremo de *Outsiders* no esporte, as disputas entre agentes ocorrem nestes casos, pois são mantidas duas equipes simultâneas na mesma instituição, considerando-se os “primos pobres” aqueles que recebem um menor investimento e possuem um menor destaque.

## Entrevista: Jêrson Lima Cunha

## “Ulbra não terá prima pobre”

O gerente de esportes da Ulbra, Jêrson Lima Cunha (foto), nega que a equipe de atletismo que ficará em Canoas será a prima pobre da Ulbra/Presidente Prudente, cujo quartel-general vai funcionar na cidade do interior de São Paulo. O anúncio da criação dos dois times e da contratação dos atletas comandados pelo técnico Jayme Netto Júnior foi divulgado por ZH na semana passada. No grupo, estão os vice-campeões olímpicos do revezamento 4x100m rasos, Claudinei Quirino, André Domingos e Edson Luciano, e também Eronilde de Araújo, finalista na Olimpíada de Sydney nos 400m com barreiras.

## CATIA BANDEIRA

Zero Hora – A Ulbra já tem dado mostras de que valoriza bastante o mercado paulista. A equipe masculina de vôlei disputou o Campeonato Paulista em 2000 em parceria com o Santos, e o time de futsal da Chevrolet/GM praticamente veio para a Ulbra em 2001.

Jêrson Cunha – O que houve no fut-



sal foi uma estratégia de redução de custos. No primeiro momento, até se avaliou a fusão das duas equipes. Mas isso não aconteceu. A GM acabou como patrocinadora. Primeiro, foi feita a escolha do técnico PC (Paulo César de Oliveira, retornando à Ulbra), que chamou os jogadores com potencial para ser desenvolvido.

ZH – Mas, no atletismo, a equipe que ficará em Canoas não receberá menor investimento a fim de oferecer mais recursos ao grupo forte, que tem Presidente Prudente como sede?

Jêrson – O investimento será até aumentado.

ZH – Presidente Prudente vai receber a maior parte dos R\$ 15 mil do patrocínio da Riocell?

Jêrson – É mais do que R\$ 15 mil, e o orçamento será dividido pelas duas equipes. Embora um dos objetivos seja colocar a Ulbra/Presidente Prudente entre as quatro melhores no Troféu Brasil (a principal competição do país), a universidade não vai deixar de investir no Interior e de buscar talentos em Canoas e também em outras cidades do Estado.

ZH – Os benefícios para o atletismo gaúcho não seriam maiores caso os vice-campeões olímpicos se fixassem em Canoas?

Jêrson – A cada 30 ou 40 dias, eles virão para Canoas treinar e participar de clínicas. Além disso, o calendário internacional deles é bastante exigente. Haverá muitas viagens.

ZH – A equipe que treinar em Canoas não vai se transformar na prima pobre do grupo de Presidente Prudente?

Jêrson – De maneira nenhuma. Inclusive o pessoal técnico da Ulbra já está trabalhando no projeto da construção das arquibancadas da pista de atletismo. A idéia inicial é de que possam acomodar 4 mil pessoas.

RUY CARLOS OSTERMANN



## O 4-4-2

Outro dia recebi um pequeno reconhecimento: no primeiro livro que escrevi, dividido com meu editor da Folha da Tarde, Cid Pinheiro Cabral, encontrava-se uma razoável história da evolução dos sistemas de jogo em futebol. Tanto que estava sublinhada, com notas laterais e ao pé da página, atestado de leitura atenta. Foi mesmo o que fiz pesquisando em livros e revistas, ouvindo meus técnicos (Foguinho, Froner, Sérgio, Galego, Selviro, Apa) e deixando que se escrevesse essa velha admiração que tenho pela formação dos times e seus técnicos prodigiosos. Melhor do que isso só mesmo a história da triplice conquista do Manchester United, escrita por Alex Ferguson, o técnico, jogo a jogo, hotel a hotel, preleção a preleção.



Por isso, leio sempre que posso a respeito. Estou repondo minha estante de livros em lugar definitivo, no segundo andar de minha casa, e os de futebol não são poucos. Infelizmente, a maioria em espanhol, inglês e francês, que esses dedicam atenção ao assunto, escrevem bastante e vendem bem, o que justamente não se dá no Brasil, país do futebol: aqui se escreve muito menos (agora bem mais do que há 10 anos, verdade) porque justamente se vende muito pouco.

A revista bimestral *Fifa Magazine*, do mês de outubro, publica a quinta reportagem escrita pelo jornalista suíço Walter Lutz, que foi redator-chefe da revista *Sport*, participou da cobertura de 11 Copas do

## Ilustração 13 – Entrevista.

Fonte: Zero Hora de 11/2/2001, Caderno de Esportes, p. 51.

A expressão “primo pobre” foi utilizada pelo depoente João no seguinte contexto, explicando que o atletismo está em um lugar inferior a outras modalidades:

Sem dúvida, porque o atletismo sempre foi visto como o esporte pobre, né. No ramo das modalidades, é o primo pobre, né, a gente sempre se refere, né, que é onde abrigam crianças mais... Mais carentes. Aqui no Rio Grande do Sul até pela condição do nosso estado a gente não vê tanto isso. Mas se for pra São Paulo, Rio de Janeiro, a gente vê um pouco mais isso sabe?

Ser o “primo pobre”, além de diferenciar o atletismo no campo dos esportes, representa que o “resgate social”, atendendo camadas populares, é muito presente no atletismo, e as dificuldades em desenvolver este esporte podem ser notadas nas falas dos treinadores. Sérgio é um treinador que fundou um projeto e revela que em uma escola onde ele trabalhava existia “um índice alto de repetência, um índice alto de gravidez precoce. Que era uma comunidade muito pobre, uma comunidade de risco em Cruz Alta a Santa Bárbara e eu percebi que eu tinha que fazer alguma coisa. Daí surgiu a idéia de criar um projeto”.

Sérgio passou por diversas dificuldades para participar das competições de atletismo. A sua participação iniciou em provas de rua, as rústicas e maratonas citadas no item 1.2, e a

sua migração para a pista foi motivada por convites de colegas treinadores que observaram os bons resultados do atleta. Entre algumas das dificuldades, ele destaca que o custeio de algumas das suas viagens foi viabilizada da seguinte forma:

Nós fazíamos pedágio a pé no calçadão em Cruz Alta. Nós tínhamos centenas de troféus em 13 anos e colocávamos um cartaz: ‘Apóie o esporte e cidadania na sua caminhada a São Silvestre’. E nós ficamos nos bancos e o pessoal passava e um dava 5, um dava 2, um dava 10. E assim nós juntávamos para poder fazer as viagens. Mas paramos de fazer isso há algum tempo.

Outro treinador depoente, Gustavo, deixa claro que a inclusão social é um tema que merece destaque no atletismo observando a fala a seguir:

[...] uma coisa que eu queria deixar registrado viu. É uma coisa importante. O atletismo é um esporte que dá a possibilidade de inclusão social. Tão falada no Brasil, mas o atletismo é muito mais... Especial, que além da inclusão social ele dá a possibilidade de ascensão social, e uma pessoa passa por coisas que fica na vida e não aquelas coisas fortuitas, como o ganho do dinheiro, por que as pessoas que crescem dentro do atletismo elas tem acesso à informação e a formação e elas se tornam bons cidadãos, por que na verdade é poético, mas a justificativa do atletismo, tem muito poucos que vão chegar ao podium, todos podem ser campeões de cidadania. Podem ser bons cidadãos, bons seres humanos bons filhos, bons irmãos pais. Tu que praticou atletismo sabe disso. Nossos valores são muitos calcados na nossa prática. Nada é fácil, tudo é justo.

Feitas estas considerações sobre o atletismo, encerra-se este tópico que tratou da relação dos atletas com os treinadores, apresentando a relação “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” como um tema importante e freqüente nas relações no atletismo e, agora, passa-se a abordar o *establishment* gaúcho, que é onde as decisões que conduzem este esporte são tomadas.

### **6.3 O *establishment* gaúcho**

Entre as relações de interdependência presentes no atletismo, algumas se apresentam como muito marcantes e complexas. Ao observar estas relações presentes no atletismo gaúcho, constata-se que existe um grupo de pessoas que ocupam, dentro desta configuração, uma posição diferenciada dos demais, e lembra-se novamente das funções por conveniência e acumuladas. A presença de lutas simbólicas, como a dos “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” é importante para compreender a construção social de algumas crenças do campo estivo.

Esta distinção de alguns dos agentes contribui para um *establishment* gaúcho, no qual os agentes com grande influência nesta configuração ocupam uma posição diferenciada e determinam muitos dos rumos do atletismo no Rio Grande do Sul. Observou-se que muitos dos treinadores são em sua grande maioria, se não na totalidade, ex-atletas. Esta realidade não se observa somente no atletismo, mas em outras modalidades também. Esta transferência de posição na configuração necessariamente não ocorre quando o atleta abandona a sua carreira esportiva, ou seja, o atleta não precisa “se aposentar” para se torna um treinador ou treinador auxiliar. Esta transição acontece em alguns casos quando o atleta ainda está treinando. Esta realidade é explicada por um dos depoentes quanto à dificuldade de conciliar várias atividades: “É isso às vezes é um problema, conseguir conciliar treino, trabalho e estudo. Estudo segunda, terça, quarta e quinta à noite, treino todos os dias e alguns dias dois turnos e trabalho três vezes por semana” (Depoimento de Miguel).

Voltado ao que está estabelecido, que poderia ser denominado de um “estabelecimento” das coisas, ou algo semelhante, optou-se por manter a palavra *establishment* na escrita original, pois nas leituras esta palavra era encontrada desta maneira. Frederico Neiburg, citado por Elias (2000), na apresentação da edição brasileira de “Os Estabelecidos e *Outsiders*”, ensina que:

*establishment* e *established* são utilizadas em inglês para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se auto percebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato se serem um modelo moral para os outros. (p. 7)

Por *establishment*, então, entende-se que seja onde se encontram os agentes antigos e influentes, necessariamente não os mais velhos, mas aqueles que estão em um lugar diferenciado nesta configuração. Como já foi apresentado, a configuração é um espaço de interdependências, e algumas atitudes tomadas por membros deste *establishment* determinam de maneira importante as atitudes de todos. Esta combinação de tradição, autoridade e influência, citada em Elias, é observada em escolhas fundamentais na trajetória de quem quer “viver de atletismo”, entre elas a escolha do clube que irão defender – apresentada no depoimento de Luciana, que não trocou de equipe para ser “mais uma” em São Paulo – e a

escolha do treinador – como se observa na importância “política” de treinar com determinado treinador ao invés de outro no depoimento de João.

Alguns atletas têm esclarecimento sobre o que se passa no mundo do atletismo e não se apresentam como uma marionete, ou seja, não participam de escolhas importantes como estas. Nos treinadores observa-se a fala de Gustavo, ao comentar sua participação na Confederação Brasileira de Atletismo:

Na confederação é o seguinte eu sou o diretor técnico. Diretor Técnico é um cargo de confiança do presidente da confederação. Então eu faço parte quando se tomam decisões. Não é uma decisão técnica é uma decisão política, então o meu cargo é um cargo técnico, mas é político, por que o comando técnico da confederação ele vem do conselho técnico.

A entrevista com este treinador foi muito esclarecedora, pois aponta que na Confederação existe o Conselho Técnico, que é formado pelos principais treinadores brasileiros nas diferentes modalidades, que, além de um salário em seus clubes, recebem um salário considerável pela Confederação. Em alguns casos, existe um treinador responsável somente por uma prova (como o salto com vara) e, em outros casos, treinadores responsáveis por grupo de provas (como nos lançamentos, em que um treinador é responsável pelas quatro provas – arremesso de peso, lançamento de martelo, disco e dardo). Este fato já indica uma distinção no *status* das provas no atletismo. Aqueles treinadores que possuem atletas de maior destaque, como medalhistas olímpicos e mundiais, possuem maior influência neste âmbito. Decisões como índices, *campings*, escolha de delegados e representantes “burocráticos” em competições internacionais etc. são tomadas nestas reuniões ou com trocas de e-mails.

Como já foi apresentado em uma fala que do próprio Gustavo, na qual ele apontava “Nada é fácil, tudo é justo”, em muitos momentos nas conversas ficava evidente que o atletismo, por ser um esporte em que a “marca” é importante, ou seja, os resultados são objetivos, não tem muita discussão sobre os resultados. Se o atleta alcançou o índice, alcançou, se não alcançou, está fora. Enfim, com critérios rígidos neste sentido, mas as decisões tomadas muitas vezes são por interesse, como aponta a fala de Gustavo:

Eu vejo que a decisão mesmo sendo tecnicamente correta não é politicamente interessante para a confederação, cabe a mim sair em defesa da confederação. Ta certo... Por exemplo, tem 10 treinadores convocados dos 10, 8 são de São Paulo e 2 do resto do país. Não dá, o país é muito grande. Assim o que vai acontecer São Paulo vai ficar cada vez maior e os outros cada vez menor. Então... Tira-se uma

vaga de São Paulo e dá uma para o Nordeste. Então a gente vai fazendo este jogo. Não é fácil, tem que ter uma habilidade para valorar um pouquinho, fazer de conta.

Nesta articulação, tenta-se compensar uma diferença que existe de São Paulo em relação ao restante do Brasil, como foi apresentado ao abordar o quadro com a seleção que participaria dos Jogos Pan-Americanos do Rio. São Paulo possui mais investimentos e decisões de articulação políticas, como as escolhas dos treinadores, exemplificadas acima, que fazem um meio termo, e não diminuem esta diferença, mas criam um ambiente conciliador ao tentar dar espaço para todos.

O Rio Grande do Sul, de certa forma, reproduz esta idéia, ao criar o “Conselho Técnico” da Federação Estadual. Uma diferença importante é que no Conselho Técnico da Federação Estadual foi incluído um representante de cada equipe, e nem todas as equipes possuem um “conselheiro”, somente as fundadoras. Aqui já ficam evidentes algumas questões, pois o treinador que representará a equipe no conselho aparentemente tem mais prestígio que outros que não se fazem presentes neste ambiente. Decisões como quem será o responsável pela delegação em tal campeonato brasileiro, onde será realizada tal competição, datas das competições e outras ocorrem neste “conselho”, que determinam alguns dos rumos deste esporte no Rio Grande do Sul. Além desta organização das decisões que são tomadas no atletismo, mostra-se claro como é difícil a tentativa de se sustentar pelo atletismo.

Viver de atletismo no Rio Grande do Sul não se apresenta como uma tarefa fácil. Das entrevistas realizadas, e com a inserção em campo, fica claro que mesmo com a possibilidade de recrutamentos de “Estrangeiros” a situação é diferente em relação a outros estados. O depoimento de Gustavo ilustra esta afirmativa e o que se apresenta em diversos momentos.

Infelizmente o atletismo fora do eixo Rio, São Paulo é por afeição e ideologia. Lá é por grana, porque os caras se sustentam e vivem disso. Nossos atletas não vivem disso. A não ser alguns atletas da Ulbra, alguns atletas da UCS, alguns atletas da UNISC que são muito poucos. Os outros vivem de pequenas migalhas. Os *tops* dos *tops*, ou os amigos do rei, têm os amigos do rei também, porque como em qualquer lugar tem. Não tem como escapar.

Gustavo salienta que alguns poucos atletas conseguem “viver de atletismo”, e estes são mesmo poucos. Outro exemplo em que fica clara esta situação é no depoimento de João, que teve a oportunidade de se transferir para o Rio de Janeiro, e ao falar de sua situação atual

menciona que teve inclusive que se separar de sua esposa para tentar prosperar novamente no atletismo.

Hoje ela se encontra em Catuípe, mas na época ela... Ela morou comigo, ela é gaúcha, só que ela morou comigo no Rio de Janeiro este período todo. Eu tinha condições de pagar meu apartamento, de ter o meu carro de ter a minha a minha liberdade de fazer as minhas férias de me diverti, tu vê eu ganhava o suficiente para viver, tranqüilo. E tipo hoje ta um pouco fora né, eu to reconquistando de novo, to tentando reconquistar, to tentando crescer como atleta hoje de novo e infelizmente a gente não ta podendo morar junto, a gente teve que se separar, ela ta trabalhando em Catuípe né, trabalha inclusive no projeto de crianças carentes que eu trabalhava que é uma oportunidade muito legal que ela ta vivenciando lá e eu realizado aqui né, por ta trabalhando dentro na minha área, ta treinando, ta estudando, não dá para reclamar, posso disser que hoje eu to feliz de novo.

Assim, aponta-se que o *establishment* no Rio Grande do Sul se dá pela posição que os agentes ocupam na sua respectiva equipe, e não necessariamente pelos resultados alcançados pelos seus atletas, como ocorre na confederação. Ainda que em muitos casos os agentes influentes sejam aqueles cujos resultados sejam os de maior importância, quando isto não ocorre, tem-se uma disputa marcante e importante neste campo. Este tema está muito presente nas “rodinhas” de treinadores e se apresenta como fundamental para o entendimento das interdependências entre atletas, treinadores, equipes e Federação.

Com isto, encerra-se este capítulo que tentou dar conta de como os agentes se relacionam, com a importante presença do treinador no contexto do atletismo, a tensão entre “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” e estas constatações sobre o *establishment* gaúcho.

## CONCLUSÕES

Ao apresentar estes encaminhamentos finais, salienta-se que a intenção não foi dizer se o atletismo é ou não um esporte profissional. O objetivo principal foi, assim, contribuir com os dados apresentados para a compreensão de como alguns dos processos sociais, tomando como exemplo a profissionalização nos esportes, é inacabado.

Em relação à grande questão-problema deste estudo – Quais são e como são as diferentes maneiras que os atletas encontram para “viver de atletismo”? –, acredita-se ter sido respondida. No entanto, não é incorreto afirmar que não existe somente uma única maneira para se buscar, através do atletismo (ou de outros esportes), meios de se levar a vida. Em uma perspectiva sociológica, como a que este estudo se propõe, as contribuições apresentadas apontam para diferentes relações que agentes e instituições buscam para se posicionar nesta configuração de maneira significativa.

A inserção no campo possibilitou privilégios em acessos e aproximações com os agentes, e o grande desafio foi em identificar, no que para este pesquisador era considerado “normal” nas atividades cotidianas do atletismo, elementos “estranhos”. Buscou-se encontrar nas conversas informais, entrevistas e observações os dados apresentados para este estudo.

No caminho trilhado, apresentou-se nos dois capítulos iniciais elementos que são importantes para contextualizar o atletismo, abordando a institucionalização deste como um esporte moderno, diferenças entre atletismo de pista e corridas de rua, e elementos para se compreender como são as relações entre atletas e instituições que estes representam, temas estes que servem para introduzir outros temas e também apontam para uma questão que, apesar de bastante debatido, acredita-se que ainda não se encontra superado.

O processo tardio de profissionalização que se apresenta no atletismo é reflexo de uma espetacularização restrita. Neste sentido, o atletismo, além de não possuir um grande número de espetáculos, desperta pouco interesse dos espectadores, diferente de outras modalidades, o público é atraído por um aparato promocional, com distribuição de camisetas, bonés etc. As “competições quentes” referem-se ao local onde o atletismo acontece e, entre estas



competições aquelas em que os atletas representam as equipes no Rio Grande do Sul (e no Brasil) são fundamentais para se entender “viver de atletismo”.

Assim, esta relação entre atleta-equipe é uma das relações necessárias para o entendimento de atletismo, buscando no que foi denominado de olhar configuracional, a compreensão do atletismo enquanto configuração e que mostra que as interdependências estão presentes e são significativas no atletismo. Baseado, na descrição de configuração de Norbert Elias desenvolveu-se muito do que foi aqui descrito.

Por entender que os espectadores não se apresentam como uma figura central no atletismo, tem-se que dificilmente alguém vai a uma pista torcer por uma equipe. O atletismo, excetuando-se algumas poucas grandes competições internacionais, é um esporte “de praticantes”, no qual o atleta é uma figura central neste processo. Com isso, os protagonistas, possuem um papel fundamental para entender as diferentes relações possíveis. Os atletas obtêm sucesso depois de muito investimento e um agente fundamental neste processo são os treinadores. A relação treinador-atleta no atletismo é uma relação singular e com vínculos que não seguem normas de outros esportes e escapam a vínculos institucionais. Os treinadores transferem seus conhecimentos na preparação de atletas de diferentes equipes, diferentes países e de formas não-presenciais, como fax, *e-mail* e outras. Se esta relação não se restringe a respaldos institucionais, ela está baseada em valores e emoções que vão além de uma relação profissional. Quando ocorrem trocas de treinadores, estas podem não ser motivadas por razões técnicas, assim como por razões políticas também se fazem presentes no atletismo, pois são os treinadores que oportunizam acessos importantes aos atletas.

Uma distinção social importante que se apresentou foi a distinção entre “Pratas da Casa” e “Estrangeiros”, inspirada – e semelhante – na relação “Estabelecidos” e “*Outsiders*”, descrita por Elias (2000). Formar os próprios atletas é um processo diferente de recrutar atletas com resultados expressivos. Mesmo que não existam transações lucrativas no atletismo, é aparentemente fácil formar uma grande equipe com capital econômico, recrutando “Estrangeiros”. As relações de poder se apresentam em tal distinção social. Como foi apresentado, os “Estrangeiros” (*Outsiders*) são considerados inferiores pelos “Pratas da Casa” e inclusive são “censurados” pela mídia em depoimentos e fotos, conforme o relato da reportagem apresentada referente à pré-equipe Pan-Americana. No entanto, o capital atlético de um “Estrangeiro”, muitas vezes, é maior que um “Prata da Casa”, invertendo assim

algumas lógicas que poderiam se apresentar como simples, mas que mostram a complexidade de buscar compreender tais relações. As palavras de Elias e Scotson (2000) ilustram um pouco esta relação e como ela se procede:

Ocorre que fenômenos que, para o investigador, podem estar associados a valores diametralmente opostos podem ser funcionalmente interdependentes; o que é julgado 'ruim' pode decorrer do que é julgado 'bom', e o que é 'bom', do que é 'ruim', de sorte que, a menos que se possa guardar uma certa distância, a menos que se indague sistematicamente sobre as interdependências, sobre as configurações, a despeito do que se constata ser interdependente ter valores diferentes, corre-se o risco de separar aquilo que se manifesta em conjunto. (p. 180)

Compreendendo a distinção social “Pratas da Casa” e “Estrangeiros” no atletismo, tem-se que esta é uma relação conjunta e interdependente, e a busca da descrição neste contexto no atletismo se mostra importante quando visto como uma configuração. As palavras de Elias ilustram que a intenção não é julgar o que é “bom” ou “ruim”, mas que a compreensão desta lógica deve ocorrer em conjunto.

Além de compreender um pouco melhor esta distinção social apresentada, também identificou-se o que foi denominado de *establishment* gaúcho. O objetivo foi mostrar e entender um pouco melhor a constituição de um grupo de agentes com grande influência nesta configuração. Como foi salientado, muitos agentes acumulam funções simultaneamente no atletismo, restringindo o *establishment* a poucos agentes, mas que acumulam poder e prestígio.

O atletismo poderia ser considerado um esporte relacionado com os resultados dos atletas, tomando-os como números objetivos. Estes se materializam ou no espaço (nos saltos, lançamentos e arremesso) ou no tempo (nas corridas). No entanto, em pequenos momentos como os de convocações de treinadores e de indicação de atletas, mostram que os conflitos ocorrem porque os resultados por si só não justificam as decisões tomadas, que dependem de outras decisões “fora das pistas”, já que os critérios escapam muitas vezes aos resultados.

Por fim, acredita-se que o atletismo possui prestígio entre os esportes. Tomando os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro como exemplo, no desfile de abertura, a bandeira brasileira foi carregada por um representante do atletismo (Vanderlei Cordeiro de Lima) e a pira foi acessa por um outro atleta (Joaquim Cruz). Este “prestígio” demonstra que o atletismo é simbolicamente importante para os esportes, mas é considerado ainda o “primo pobre”,

inclusive pelos depoentes, constatando-se que os ganhos dos atletas são relativamente pequenos para um nível de exigência alto, como é ser um dos melhores do mundo.

Ao centrar as observações no contexto gaúcho, este se apresenta inserido no contexto brasileiro e mundial de forma indissociável para a análise do atletismo, um existe em função do outro e se completam, e é neste sentido que se espera que o entendimento das configurações no atletismo possa contribuir para outros esportes.

## REFERÊNCIAS

ALBARELLO, Luc. *et alii*. **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1997.

BANDEIRA, Cátia. Funilense dá ultimato no caso dos atletas: presidente de clube diz que ainda não foi contatado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 92, 12 nov. 1999.

\_\_\_\_\_. Técnico vem tratar da transferência: ULBRA negocia amanhã a vinda do velocista Claudinei Quirino. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 64, 9 nov. 1999.

\_\_\_\_\_. ULBRA não terá prima pobre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 51, 11 fev. 2001.

\_\_\_\_\_. ULBRA tenta acerto com Claudinei: outros atletas de destaque também podem vir. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 56, 6 nov. 1999.

BERNARDES, Fátima; BUENO, Galvão. Cobertura do Pan-Americano Rio 2007. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, TV Globo, exibido em 13 jul. 2007, às 20h40min.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. Programa para uma sociologia do esporte. *In*: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDT, Lucio. **Perfil do atletismo no Rio Grande do Sul**: características somáticas e motoras das categorias pré-mirim, mirim e menor. 2005. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRASIL. Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 mar. 1998.

BRASIL. Lei n.º 10.264, de 16 de julho de 2001. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. Lei 10.264, conhecida como Lei Agnelo Piva. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 jul. 2001.

BROHM, Jean-Marie. Sociología política del deporte. *In: Sport, culture et repression*. Barcelona : Gustavo Gili, 1978.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Atletismo**. disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/acaixa/atletismo.asp>>. Acesso em: 3 jun. 2007.

CARRAVETTA, Elio Salvador Praia. **Modernização da gestão no futebol brasileiro: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo**. Porto Alegre: AGE, 2006.

CARRUAGENS de Fogo. Direção: Hugh Hudson. Elenco: Ben Cross, Ian Holm, John Gielgud, Ian Charleson, Nigel Havers, Cheryl Campbell. Roteiro: Colin Welland. Inglaterra, c1981. DVD (123 min), color.

CASTRO, Rafael Baffini de. **O patrocínio ao esporte como estratégia de relações públicas: o caso da Caixa**. 2005. Monografia (Pós-Graduação em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas)-Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.gestcorp.incubadora.fapesp.br/portal/monografias/pdf/98.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2007.

CLAUDINEI QUIRINO. Disponível em: <<http://www.claudinei.cjb.net/>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Clubes vencedores**. Disponível em: <[http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/clubes\\_campeoes.asp](http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/clubes_campeoes.asp)>. Acesso em: 5 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. **Corrida de rua: um segmento importante do atletismo brasileiro**. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/corrida/default.asp>>. Acesso em: 23 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. **Maranhão tem nova federação**. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=2002&back=S>>. Acesso em: 19 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. **Meeting gaúcho caixa abre mês do atletismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=1829&back=S>>. Acesso em: 28 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. **No Ibirapuera, o melhor da categoria**. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/competicoes/brasileiro\\_sub23/default.asp](http://www.cbat.org.br/competicoes/brasileiro_sub23/default.asp)>. Acesso em: 2 mar. 2007.

\_\_\_\_\_. **Opinião sobre o crescimento em corridas de rua.** Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/corrída/noticias/noticia.asp?news=599>>. Acesso em: 23 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Campeonato Brasileiro de Atletismo Juvenil de 1974.** Porto Alegre: CBA, 1974.

\_\_\_\_\_. Palestra. **Caderno do Campeonato Brasileiro de Atletismo Juvenil de 1980.** Porto Alegre: CBA, 1980.

\_\_\_\_\_. **Programas de apoio.** Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/programas\\_apoio/default.asp](http://www.cbat.org.br/programas_apoio/default.asp)>. Acesso em: 25 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. **Regulamento.** Disponível em: <<http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/regulamento.asp>>. Acesso em: 5 jul. 2007.

CONSUDATLE. *Confederación Sudamericana de Atletismo. Sudamerica en el Atletismo.* Santa Fé: Centro de Desarrollo IAAF Santa Fé, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. *In:* ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992, 299-325.

\_\_\_\_\_; SHEARD, Kenneth. *Barbarians, gentlemen and players:* a sociological study of the development of rugby football. 2. ed. London: Routledge-USA, 2005.

DURÁNTEZ, Conrado. *Pierre de Coubertin y la filosofía del olimpismo.* Madrid: Comité Olímpico Español y Academia Olímpica Española, 1994.

EISNER, Elliot W. *El ojo ilustrado: indagación cualitativa y mejora de práctica educativa.* Barcelona: Paidós, 1998.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Editora 70 Ltda., 2005.

FEDERAÇÃO ATLÉTICA RIO-GRANDENSE. **Palestra**. Caderno do Campeonato Estadual de Atletismo de 1954. Porto Alegre: FARGS, 1954.

FEDERAÇÃO DE ATLETISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Informações do site**. Disponível em: <<http://www.faergs.org.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. **Filiados FAERGS**. Disponível em: <<http://www.faergs.org.br/FILIADOS.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2006.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL. **Histórico do basketball no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.basquetegaucho.com.br/historico.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

\_\_\_\_\_. **Fique ligado no 23.º Encontro Nacional de Futebol Master 2007**. Disponível em: <[http://www.basquetegaucho.com.br/fr\\_geral.htm](http://www.basquetegaucho.com.br/fr_geral.htm)>. Acesso em: 28 ago. 2007.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE VOLLEY-BALL. 50 anos Federação Gaúcha de Volley-Ball. **Revista Memória e História da FGV**. Disponível em: <<http://www.voleigaucho.com.br/download/revista50anos.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2007.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE ATLETISMO. **Histórico do Troféu Brasil de Atletismo 1940-1982**. São Paulo: Palestra Edições Esportivas, 1983.

*FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION*. **Informações do site**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/aboutfifa/index.html>>. Acesso em: 21 jul. 2007.

*FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE NATATION*. **Informações do site**. Disponível em: <<http://www.fina.org/>>. Acesso em: 21 jul. 2007.

FEDERATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBALL. **Informações do site**. Disponível em: <<http://www.fivb.org/EN/FIVB/index.asp>>. Acesso em: 21 jul. 2007.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados, 2006. 185

FUNDAÇÃO DE ESPORTE E LAZER DO RIO GRANDE DO SUL. **Ofício FUNDERGS n.º 105/06**, de 11 de julho de 2006. recebido via e-mail.

GARCIA, E. R e CERVANTES C. T. La negociación. Piedra angular de la investigación cualitativa. *In: La otra cara de la investigación: reflexiones desde la Educación Física*. Sevilla: Wanceuln, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record* - the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978.

HOBSBAWM, Eric. A produção em massa das tradições: Europa, 1870 a 1914. *In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOFMEISTER, Carlos Filho. Doze décadas de história. **Anuário de 120 anos da Sogipa**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1987.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. IAAF News Issue n. 50, EDMONTON SPECIAL, Mônaco, 2001.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. *Status requirements and regulations*. Disponível em: <<http://www.iaaf.org/documents/pdf/regulations/WAT07/WATregulationsEngfinal.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2007.

INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION. **Fiba World**. Championships history. Disponível em: <[http://www.fiba.com/downloads/v3\\_abouFiba/mp/FIBA\\_world\\_championships\\_history.pdf](http://www.fiba.com/downloads/v3_abouFiba/mp/FIBA_world_championships_history.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2007.



KATZ, Donald. *Just do it: O espírito Nike no mundo dos negócios*. 2. ed. São Paulo: Best Seller, 1997.

LÊ FLOCMOAN, Jean. *La génesis de los deportes*. Barcelona: Labor, 1969.

MARIVOET, Salomé. *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes, 2002.

LICHT, Henrique. *Ciclismo no Rio Grande do Sul: 1869-1905*. Porto Alegre: Centro de Memória da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

LUCENA, Ricardo (Org.) *Esporte história e sociedade*. Campinas: Autores Associados – (Coleção educação física e esportes), 2002.

MARCHI, Warderley Júnior. *Sacando o voleibol*. São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

\_\_\_\_\_. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. *In: PRONI, Marcelo e LUCENA, Ricardo. Esporte história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARINI, Eduardo; HOLANDA, Eduardo. *Vitória no tie-break*. Guerra de patrocínios quase tira Guga dos jogos. Ele vai competir, mas sem nenhuma marca na camisa. Disponível em: <[http://www.zaz.com.br/istoe/1615/brasil/1615\\_vitoria.htm](http://www.zaz.com.br/istoe/1615/brasil/1615_vitoria.htm)>. Acesso em: 10 set. 2007.

MARZO, Janice Zarpellon. Associações esportivas de Porto Alegre-RS, 1867-1941. *In: Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. CD-ROOM.

MELO, Victor Andrade de. *História da Educação Física e do Esporte na Brasil: panoramas e perspectivas*. São Paulo: IBRASA, 1999.

MELO FILHO, Álvaro. *Novo ordenamento jurídico-desportivo*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

MEZZADRI, Fernando Marinho. O Estado e a legislação do esporte no Brasil: da Lei 3.199/41 ao Projeto Pelé. *Treinamento Desportivo*, Londrina, v. 5, n. 2, 1999.

MIRANDA, Carlos Fabre. Compreendendo o amadorismo no atletismo. *In: Anais do Congresso*. X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança e II Congresso Latinoamericano de História de la Educación Física, 2006. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Esportes individuais interesses coletivos. *In*: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade**: Estudos Etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaço Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

MOLINA, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. *In*: **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: UFRGS : Sulina, 1999.

MOURA E MOURA ATLETISMO. **Últimas notícias**. Disponível em: <<http://www.mmatletismo.com.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2002.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: UFRGS : Sulina, 1999.

ORTIZ, Renato (Org.). **A Sociologia de Pierre Bouerdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PADIGLIONE, Vincenzo. Diversidad y pluralidad en el escenario deportivo. *Apunts*: Educación Física y Deportes, Barcelona, INEF de Catalunya, n. 41, p. 30-35, 1995.

PARCERIA movimenta o atletismo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 58, 30 jan. 2000.

PILATTI, Luiz Alberto. **Os donos das pistas**: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro. 2000. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas: Unicamp, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memórias de Porto Alegre**: espaços e vivências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

RIETH, Fernando Bruno. **Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul**: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. 2005. 164 f.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. São Paulo: FGV, 2002.

SEWART, John. *The Meaning of Amateurism*. *In*: **Sociology of Sport Journal**, 1985, n. 2, p. 77-88.

SILVA, Evald Gomes da. **História do Troféu Brasil de Atletismo**: Federação Paulista de Atletismo. São Paulo: FPA, 1983.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **SOGIPA**: uma trajetória de 130 anos (publicação comemorativa). Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados Ltda., 1997.

SILVIERO, Tânia Maria. **Herói por nós**: Adhemar Ferreira da Silva, o ouro negro brasileiro. São Paulo: BM&F e DBA, 2000.

SIMSON, Nyv; JENNINGS, Andrew. **Os senhores dos anéis**: poder das drogas nas Olimpíadas Modernas. São Paulo: Best Seller, 1992.

SMIT, Barbara. **Invasão de campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno 2007.

SOARES, Andréia. **Jayme Netto ainda não acertou com a ULBRA**: técnico esteve ontem em Canoas para uma reunião. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 91, 11 nov. 1999.

SOARES, Deca. Forcinha antecipada: Confederação da modalidade monta pré-seleção visando ao Pan de 2007. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 50, 13 jan. 2006.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação física, esporte e diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

TESCH, Leomar. **O turnen, a Educação e a Educação Física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul**: 1852-1940. Ijuí: Unijuí, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Bases teórico-metodológicas na pesquisa qualitativa em educação**. Canoas: UNIRITTER, 2001.

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. **Informações do site**. Disponível em: <[www.unisc.br](http://www.unisc.br)>. Acesso em: 20 jul. 2007.

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. **Informações do site**. Disponível em: <[www.ulbra.br/esporte](http://www.ulbra.br/esporte)>. Acesso em: 12 out. 2003.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

## **ANEXOS**

---

**ANEXO A – Provas oficiais do atletismo**

**ANEXO B – Juramento do atleta**

**ANEXO C – Saudação da FARG**

## ANEXO A – Provas oficiais do atletismo

<b>I - PROVAS DE PISTA (CORRIDAS)</b>				
Tipo de Prova	Distâncias para o Masculino		Distâncias para o Feminino	
Corridas Rasas	100m, 200m, 400m, 800m, 1.000m, 1.500m, 1 milha, 2.000m, 3.000m, 5.000m, 10.000m, 20.000m, 1 hora, 25.000m, 30.000m		100m, 200m, 400m, 800m, 1.000m, 1.500m, 1 milha, 2.000m, 3.000m, 5.000m, 10.000m, 20.000m, 1 hora, 25.000m, 30.000m	
Corridas com Barreiras	110m e 400m		100m e 400m	
Corrida com Obstáculos	3.000m		3.000m	
Revezamentos	4x100m, 4X200, 4x400m, 4x800m e 4x1500m		4x100m, 4x200m, 4x400m, 4x800m e 4x1500m	
<b>II - PROVAS DE MARCHA ATLÉTICA</b>				
Local da Prova	Distâncias para o Masculino		Distâncias para o Feminino	
Pista	20.000m, 2 horas, 30.000m e 50.000m		5.000m, 10.000m e 20.000m	
Rua	20km, 2 horas, 30km e 50km		5km, 10km e 20km	
<b>III - PROVAS DE CAMPO</b>				
Tipo de Prova	Masculino		Feminino	
Saltos	Em Altura, com Vara, em Distância e Triplo		Em Altura, com Vara, em Distância e Triplo	
Arremesso	Peso		Peso	
Lançamentos	Disco, Dardo e Martelo		Disco, Dardo e Martelo	
<b>IV - PROVAS COMBINADAS</b>				
Tipo de Prova	Distâncias para o Masculino		Distâncias para o Feminino	
Corridas Rasas	Decatlo		Heptatlo	
As provas assinaladas em vermelho são as que integram o Programa dos Campeonatos Mundiais de Atletismo V - CORRIDAS DE RUA As Corridas de Rua também são provas oficiais do Atletismo, porém sem distâncias definidas em Regra, mas sim recomendadas, tanto para o masculino como para o feminino. As distâncias recomendadas são:				
15km - 20km - Meia-Maratona - 25km - 30km - Maratona (42.195m) - 100km e Revezamento em Rua (com percurso total de 42.195m).				
<b>VI - CROSS COUNTRY</b>				
Da mesma forma que as Corridas de Rua as provas de Cross Country (Corrida através do Campo) são provas oficiais do Atletismo, igualmente com distâncias recomendadas, que são as seguintes, já para as categorias oficiais do Atletismo:				
Categoria	Masculino		Feminino	
Adulto - prova longa	12km		8km	
Juvenil	8km		6km	
<b>VII - CORRIDAS EM MONTANHA</b>				
A mesma Regra para as provas de Cross Country prevê as Corridas em Montanha, cujas distâncias recomendadas são as seguintes, em dois tipos diferentes de provas:				
<b>a) Corridas em Subida de Montanha:</b>				
Categoria	Masculino		Feminino	
	Distância	Subida	Distância	Subida
Adulto	12km	1.200m	7km	550m
Juvenil	7km	550m		
<b>b) Corridas com largada e chegada no mesmo nível:</b>				
Categoria	Masculino		Feminino	
	Distância	Subida	Distância	Subida
Adulto	12km	700m	7km	400m
Juvenil	7km	400m		

## **ANEXO B – Juramento do atleta**

*(Caderno programa do Campeonato Brasileiro Juvenil  
de 1974 e 1980)*

Juramos participar do Campeonato Brasileiro como competidores leais, respeitando os regulamentos atléticos e desejamos disputa-lo com o verdadeiro **espírito amadorista** para honra do nosso país e glória do deporte.

## **ANEXO C – Saudação da FARG**

*(Caderno programa do Campeonato Estadual de 1957)*

Novamente em competição cavalheiresca, cordial e entusiasta, se reúnem os atletas do Rio Grande do Sul para a disputa do 33º campeonato masculino e do 21º certame feminino, em nosso estado.

Espetáculo de sã desportividade e de esfuziante civismo, servem eles para testemunhar a pujança crescente de nossa atlética e os princípios elevados e patrióticos que ditam sua prática.

A Federação Atlética Rio-Grandense ao promover mais esse significativo evento, sente-se orgulhosa em saudar as agremiações regionais e aos dedicados **atletas amadoristas** que com tanto **desprendimento e sacrifício** se dedicam às lides desportivas, testemunhando-lhes o seu aplauso, o seu incentivo e a sua admiração.

Que a competição que se inicia seja mais um espetáculo a projetar para os pôsteres o valor de nosso atletismo e o idealismo de nossa gente.

Porto Alegre, novembro de 1957.

## **APÊNDICES**

---

**APÊNDICE A – Equipes vencedoras dos campeonatos estaduais de atletismo**

**APÊNDICE B – Equipes vencedoras do Troféu Brasil de Atletismo**

**APÊNDICE C – Roteiro das entrevistas**

**APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido**

**APÊNDICE E – Declaração de consentimento**

**APÊNDICE F – Transcrição de uma entrevista**



## APÊNDICE A – Equipes vencedoras dos campeonatos estaduais de atletismo

### TODOS OS CAMPEÕES DO ATLETISMO GAÚCHO

Edições	Ano	Masculino	Feminino
1	1925	SOGIPA	-
2	1926	SOGIPA	-
3	1927	SOGIPA	-
4	1928	SOGIPA	-
5	1929	SOGIPA	-
6	1930	SOGIPA	-
7	1931	SOGIPA	-
8	1932	SOGIPA	-
9	1933	SOGIPA	-
10	1934	GREMIO	-
11	1935	GREMIO	-
12	1936	GREMIO	-
13	1937	INTER	SOGIPA
14	1938	INTER	SOGIPA
15	1939	INTER	SOC. GIN. NAV. SÃO JOÃO
16	1940	E. C. CRUZEIRO	SOC. GIN. NAV. SÃO JOÃO
17	1941	INTER	SOGIPA
18	1942	SOGIPA	INTER
19	1943	INTER	SOGIPA
20	1944	SOGIPA	SOGIPA
21	1945	E. C. CRUZEIRO	SOGIPA
22	1946	INTER	SOC. GIN. NAV. SÃO JOÃO
23	1947	E. C. CRUZEIRO	SOGIPA
24	1948	E. C. CRUZEIRO	SOGIPA
25	1949	E. C. CRUZEIRO	SOGIPA
26	1950	E. C. CRUZEIRO	SOGIPA
27	1951	E. C. CRUZEIRO	GREMIO

28	1952	E. C. CRUZEIRO	SOGIPA
29	1953	E. C. CRUZEIRO	GREMIO
30	1954	INTER	SOGIPA
31	1955	INTER	SOGIPA
32	1956	GREMIO	SOGIPA
33	1957	GREMIO	SOGIPA
34	1958	GREMIO	SOGIPA
35	1959	GREMIO	GREMIO
36	1960	GREMIO	GREMIO
37	1961	GREMIO	GREMIO
38	1962	GREMIO	SOGIPA
39	1963	GREMIO	SOGIPA
40	1964	GREMIO	SOGIPA
41	1965	GREMIO	GREMIO
42	1966	GREMIO	GREMIO
43	1967	GREMIO	SOGIPA
44	1968	GREMIO	GREMIO
45	1969	INTER	INTER
46	1970	INTER	SOGIPA
47	1971	SOGIPA	SOGIPA
48	1972	SOGIPA	SOGIPA
49	1973	SOGIPA	SOGIPA
50	1974	SOGIPA	SOGIPA
51	1975	SOGIPA	SOGIPA
52	1976	SOGIPA	SOGIPA
53	1977	SOGIPA	SOGIPA
54	1978	SOGIPA	SOGIPA
55	1979	SOGIPA	SOGIPA
56	1980	SOGIPA	SOGIPA
57	1981	SOGIPA	SOGIPA
58	1982	SOGIPA	SOGIPA

59	1983	SOGIPA	SOGIPA
60	1984	SOGIPA	SOGIPA
61	1985	SOGIPA	SOGIPA
62	1986	SOGIPA	ADUFRGS
63	1987	SOGIPA	SOGIPA
64	1988	SOGIPA	SOGIPA
65	1989	SOGIPA	SOGIPA
66	1990	SOGIPA	SOGIPA
67	1991	SOGIPA	SOGIPA
68	1992	SOGIPA	SOGIPA
69	1993	SOGIPA	SOGIPA
70	1994	SOGIPA	SOGIPA
71	1995	SOGIPA	SOGIPA
72	1996	SOGIPA	SOGIPA
73	1997	SOGIPA	SOGIPA
74	1998	SOGIPA	SOGIPA
75	1999	SOGIPA	SOGIPA
76	2000	ULBRA	ULBRA
77	2001	ULBRA	ULBRA
78	2002	ULBRA	ULBRA
79	2003	ULBRA	ULBRA
80	2004	ULBRA	ULBRA
81	2005	ULBRA	ULBRA
82	2006	ULBRA	ULBRA

## **APÊNDICE B – Equipes vencedoras do Troféu Brasil de Atletismo**

### **a) TROFÉU ADEMAR DE BARROS (Antecessor do Troféu Brasil)**

- Instituído pela Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo em 1940 – Vencedores:  
Julho 1940 Esporte Clube Pinheiros  
Setembro 1940 Associação Desportiva Floresta  
Agosto 1941 Fluminense Football Club  
Outubro 1941 Fluminense Football Club  
Julho 1942 Fluminense Football Club  
Posse Definitiva: Fluminense Football Club

### **b) TROFÉU BRASIL DE ATLETISMO**

Instituído em 1945 pela Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo; a partir de 1968 passou para a supervisão técnica da Confederação Brasileira de Desportos e posteriormente para a realização da Confederação Brasileira de Atletismo.

#### **1º Troféu Brasil (1945 a 1951)**

- Posse definitiva para o clube com maior número de vitórias em dez disputas:  
Campeão São Paulo Futebol Clube 6 Vitórias  
Vice-campeão Botafogo Futebol e Regatas 3 Vitórias  
3º lugar Esporte Clube Pinheiros 1 Vitória

#### **2º Troféu Brasil (1952 a 1954)**

- Posse definitiva para o clube com maior número de vitórias em seis disputas:  
Campeão Clube de Regatas Vasco da Gama 5 Vitórias  
Vice-campeão Fluminense Football Club 1 Vitória

#### **3º Troféu Brasil (1955 a 1961)**

- Posse definitiva para o clube com maior número de vitórias em dez disputas:  
Campeão Clube de Regatas Flamengo 5 Vitórias  
Vice-campeão Grêmio de Futebol Portoalegrense 2 Vitórias  
3º lugar Clube de Regatas Vasco da Gama 2 Vitórias  
4º lugar Clube de Regatas Tietê 1 Vitória

#### **4º Troféu Brasil (1962 a 1965)**

- Posse definitiva para o clube com maior número de vitórias em dez disputas:  
Campeão Clube de Regatas Flamengo 6 Vitórias  
Vice-campeão Botafogo Futebol e Regatas 1 Vitória

#### **5º Troféu Brasil (1966 a 1970)**

- Posse definitiva para o clube com cinco vitórias consecutivas ou alternadas:  
Campeão Esporte Clube Pinheiros (SP) 5 Vitórias  
Vice-campeão Clube de Regatas Flamengo 3 Vitórias  
3º lugar Botafogo Futebol e Regatas 1 Vitória

#### **6º Troféu Brasil (1971 a 1980)**

- Posse definitiva para o clube com três vitórias consecutivas ou cinco alternadas:  
Campeã Associação Atlética Universidade Gama Filho 3 Vitórias  
Vice-campeões Clube de Regatas Flamengo 2 Vitórias  
Esporte Clube Pinheiros (SP) 2 Vitórias  
Clube de Regatas Vasco da Gama 2 Vitórias

#### **7º Troféu Brasil (1981 a 1983)**

Campeã Associação Atlética Universidade Gama Filho 3 Vitórias

**8º Troféu Brasil (1984 a 1989)**

Campeão Grêmio Esportivo do SESI de Santo André 3 Vitórias

Vice-campeões Ultracred Clube 2 Vitórias

Associação Atlética Universidade Gama Filho 1 Vitória

**9º Troféu Brasil (1990)**

Campeão Grêmio Esportivo do SESI de São Caetano do Sul

Vice-campeão Pão de Açúcar Esporte Clube

**10º Troféu Brasil (1991)**

Campeão Grêmio Esportivo do SESI de São Caetano do Sul

Vice-campeão Associação Desportiva Classista Eletropaulo

**11º Troféu Brasil (1992)**

Campeão Grêmio Esportivo do SESI de São Caetano do Sul

Vice-campeão Associação Desportiva Classista Eletropaulo

**12º Troféu Brasil (1993)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-campeão Grêmio Esportivo do SESI de São Caetano do Sul

**13º Troféu Brasil (1994)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-campeão Grêmio Esportivo do SESI de São Caetano do Sul

**14º Troféu Brasil (1995)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-campeão Grêmio Esportivo do SESI de São Caetano do Sul

**15º Troféu Brasil (1996)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-Campeão Clube Arpoador Rio

**16º Troféu Brasil (1997)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-Campeão Clube Arpoador Rio

**17º Troféu Brasil (1998)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-Campeão Clube Arpoador Rio

**18º Troféu Brasil (1999)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-Campeão Clube de Regatas Vasco da Gama

3º lugar Clube de Regatas do Flamengo

**19º Troféu Brasil (2000)**

Campeã União Esportiva Funilense

Vice-Campeão Clube de Regatas Vasco da Gama

3º lugar Clube de Regatas do Flamengo

**20º Troféu Brasil (2001)**

Campeã União Esportiva Funilense (Funilense/São Caetano)

Vice-Campeão Clube de Regatas Vasco da Gama

3º lugar Associação Prudentina de Atletismo (Ulbra/Prudente)

**21º Troféu Brasil (2002)**

Campeã Organização Funilense de Atletismo (BMF&Atletismo)

Vice-Campeão Associação Prudentina de Atletismo (Unoeste/Damha)

3º lugar Clube de Regatas Vasco da Gama

**22º Troféu Brasil (2003)**

Campeã Associação Profissionalizante BM&F

Vice-campeã Associação Prudentina de Atletismo (Unoeste/Brasil Telecom)

3º lugar Clube Bingo Arpoador

**23º Troféu Brasil (2004)**

Campeã Atletismo BM&F

Vice-campeã Associação Prudentina de Atletismo (Unoeste/Brasil Telecom)

3º lugar Unimed Rio

**24º Troféu Brasil (2005)**

Campeã Clube de Atletismo BM&F

Vice-campeã Brasil Telecom/Botucatu

3º lugar Ulbra/Brasil Telecom

**25º Troféu Brasil (2006)**

Campeã Clube de Atletismo BM&F

Vice-campeã São Bernado/Brasil Telecom

3º lugar ASSEM/FADENP

**26º Troféu Brasil (2007)**

Campeã Clube de Atletismo BM&F/Caixa

Vice-campeã São Bernado/Brasil Telecom

3º lugar Ulbra/Brasil Telecom

OBS.: Do 1.º ao 8.º, o Troféu era de posse transitória. A partir do 9.º, passou a ser disputado uma única vez.

## APÊNDICE C – Roteiro das entrevistas

Assuntos a serem questionados aos atletas:

- Primeiramente, você poderia descrever a sua trajetória no atletismo?
- Qual você considera a sua conquista mais importante? Por quê?
- Você já teve a possibilidade ou já trocou de equipe?
- O que levou você a trocar (ou não) de equipe?
- E quais foram seus treinadores? Se já trocou de treinador como foi esta troca?
- Como funciona a sua preparação para as competições?
- Como são elaborados e desenvolvidos seus treinamentos?
- Quais profissionais estão diretamente envolvidos com a elaboração dos seus treinamentos?

Assuntos a serem questionados aos treinadores:

- Primeiramente, você poderia descrever a sua trajetória no atletismo?
- Já teve outros envolvimento como árbitro, por exemplo?
- E como foi a sua “transição de atleta para treinador”? (Ou o direcionamento para o atletismo) E a sua formação como foi?
- Quantos atletas você treina e em quais provas?
- Quais são as suas principais conquistas como treinador?
- Você já trocou de equipe como treinador? E como foi esta troca?
- Você já trabalhou em mais de uma equipe ou teve atletas “independentes”?
- Quem paga os custos de viagem para competições seus e dos atletas?
- Como são elaborados e desenvolvidos seus treinamentos?
- Quais profissionais estão diretamente envolvidos com a elaboração dos seus treinamentos

## **APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido**

Porto Alegre,     /     /2007.

Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado: “Vivendo de atletismo no Rio Grande do Sul: Elementos para a compreensão de diferentes relações entre amadorismo e profissionalismo no esporte”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em nível de Mestrado, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do estudo:

- a) conhecer melhor os agentes (principalmente atletas e treinadores) envolvidos com o atletismo no Rio Grande do Sul;
- b) compreender as diferentes formas de “ser profissional/amador” nos esportes;
- c) compreender como atletas e treinadores “vivem de atletismo”;
- d) compreender como atletas e treinadores organizam e desenvolvem seus treinamentos;
- e) identificar quais são os elementos importantes no universo do atletismo; e
- f) publicar resultados da pesquisa em revistas e congressos relacionados com as áreas de conhecimento da Educação Física.

Procedimentos: participar de uma entrevista, previamente agendada, a ser realizada nas dependências do seu local de treinamento / trabalho, com duração máxima de uma hora. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas.



Riscos e benefícios do estudo:

- 1.º) sua adesão como colaborador com o nosso estudo, não oferece nenhum risco à sua saúde, tão pouco a submeterá a situações constrangedoras;
- 2.º) você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa;  
e
- 3.º) este estudo poderá contribuir no entendimento das relações que se estabelecem entre os agente (principalmente atletas e treinadores) e as instituições (equipes, federações e confederações) envolvidos com o atletismo no estado do Rio Grande do Sul.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

Voluntariedade: A recusa do participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Novas informações: A qualquer momento, os participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

## **APÊNDICE E – Declaração de consentimento**

Eu \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, tendo lido as informações oferecidas acima e tendo sido esclarecido  
das questões referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

**Assinatura** \_\_\_\_\_ **Data** \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE F – Transcrição de uma entrevista**

**Contatos e questões:**

**Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
ESEF/UFRGS**

**Professor Marco Paulo Stigger**

Rua Felizardo, n. 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3316.5853

**Carlos Fabre Miranda**

E-mail: carlosfabremiranda@terra.com.br

Fone (51) 98647044

---

*Carlos Fabre Miranda*  
(Mestrando do PPGCMH da ESEF/UFRGS)